

MYRNA ESTELLA IACHINSKI MENDES

**A VITALIDADE LINGUÍSTICA DO POLONÊS EM CONTATO COM O
PORTUGUÊS NO SUL DO BRASIL**

Porto Alegre, 19 de fevereiro de 2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A VITALIDADE LINGUÍSTICA DO POLONÊS EM CONTATO COM O
PORTUGUÊS NO SUL DO BRASIL**

MYRNA ESTELLA IACHINSKI MENDES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras, área de Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre, 19 de fevereiro de 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Rui Vicente Oppermann

VICE-REITORA

Jane Tutikian

DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Claudia Wasserman

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Izabel Saraiva Noll

DIRETOR DO INSTITUTO DE LETRAS

Sérgio de Moura Menuzzi

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS Beatriz Cerisara Gil

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES Vladimir

Luciano Pinto

CIP - Catalogação na Publicação

Iachinski Mendes, Myrna Estella
A VITALIDADE LINGUÍSTICA DO POLONÊS EM CONTATO COM
O PORTUGUÊS NO SUL DO BRASIL / Myrna Estella
Iachinski Mendes. -- 2021.
152 f.
Orientador: Cléo Vilson Altenhofen.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Vitalidade linguística do polonês. 2. Línguas de
imigração/ línguas históricas. 3. Sociologia da
linguagem. 4. Manutenção e substituição linguística.
5. Políticas linguísticas. I. Altenhofen, Cléo Vilson,
orient. II. Título.

Myrna Estella Iachinski Mendes

**A VITALIDADE LINGUÍSTICA DO POLONÊS EM CONTATO COM O
PORTUGUÊS NO SUL DO BRASIL**

Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 19
de fevereiro de 2021.

Resultado: Aprovada com louvor

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Departamento de Estudos da Linguagem Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)

Profa. Dra. Elisa Batistti
Departamento de Estudos da Linguagem Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)

Profa. Dra. Rosangela Morello
Instituto de Investigação em Política Linguística (IPOL)

Prof. Dra. Cristiane Horst
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Dar
Dzień taki szczęśliwy.
Mgła opadła wcześniej, pracowałem w ogrodzie.
Kolibry przystawały nad kwiatem kaprifolim.
Nie było na ziemi rzeczy, którą chciałbym mieć.
Nie znałem nikogo, komu warto byłoby zazdrościć.
Co przydarzło się złego, zapomniałem.
Nie wstycziłem się myśleć że byłem kim jestem.
Nie czułem w ciele żadnego bólu.
Prostując się, widziałem niebieskie morze i żagle.

Berkeley, 1971

(MIŁOSZ, CZESŁAW)

Dádiva
Um dia tão feliz.
A névoa baixou cedo, eu trabalhava no jardim.
Os colibris se demoravam sobre a flor de madressilva.
Não havia coisa na terra que eu quisesse possuir.
Não conhecia ninguém que valesse a pena invejar.
O que aconteceu de mau esqueci.
Não tinha vergonha ao pensar que fui quem sou.
Não sentia no corpo nenhuma dor.
Me endireitando, vi o mar azul e velas.

Berkeley, 1971

Tradução de Henryk Siewierski e Marcelo Paiva de Souza

Dedico este trabalho

A meus filhos, Magnun Felipe Maciel e Giulia Maitê,
ao meu marido, Emerson Luiz Maciel,
e a minha família que sempre está ao meu lado.

Meus agradecimentos...

Aos meus filhos, Magnun Felipe Maciel e Giulia Maitê, que sempre acreditaram em mim e que espero ser sempre o exemplo de superação e lutas.

Ao meu companheiro, meu marido, que em todas as viagens esteve presente e acompanhou todas as etapas desta trajetória, Emerson Luiz Maciel.

À minha *Babka* (vó) e ao meu *Dziadek* (vô) em memória, Graboski e Iachinski, inspirações para esta pesquisa de resgate, memória, identidade e língua da minha família.

Aos meus pais Ledemir Mendes, incentivador desde muito cedo a leitura, ao respeito ao próximo, a humildade e quem me ensinou dizendo que: “o mal nunca vai vencer o bem, minha filha”

À minha mãe, doce mãe, Salete Iachinski Mendes, minha inspiração para aprender polonês, sempre cuidando de mim e torcendo por todas as escolhas que fiz na vida. Mesmo quando errei estava ao meu lado para me apoiar sendo minha fortaleza todos os dias.

Às minhas amigas do Doutorado, Liz, com sua doçura sempre me acalentando. Dânia, alto astral, contagiante, sempre dizendo coisas certas na hora certa. Raquel amiga das torradas com ovo e das conversas gostosas.

Aos amigos do peito, são muitos! Porém Einetes a companheira desde o mestrado na trajetória dos estudos. Obrigada por estar presente em todos os momentos da minha vida.

Agradeço aos membros da banca; Elisa Battisti, a qual tive o prazer de ser aluna e conhecer toda sua doçura e delicadeza como professora.

Agradeço a Cristiane Horst por gentilmente fazer a leitura desta tese. E agradeço a Rosangela Morello, por sempre ser muito gentil comigo, compartilhar seu conhecimento como minha orientadora durante a minha trajetória no mestrado e que agora eu tenho a honra de tê-la na minha banca de doutorado.

E por fim, não como um ponto final nos agradecimentos, mas a confirmação de pessoas tão especiais que cruzaram a minha vida acadêmica, como não agradecer ao meu Orientador Cléo, a quem reconheço a paciência e dedicação. Serei eternamente grata pela oportunidade e honra da sua orientação. Gratidão! Cléo, você já faz parte da minha história.

RESUMO

O presente estudo tem por foco a vitalidade linguística do polonês em contato com o português, no Sul do Brasil. Seu objetivo foi diagnosticar o estado dessa língua de imigração em diferentes espaços de uso, em termos de sua abrangência geográfica e demográfica, presença em diferentes domínios sociais, bem como considerando ações de promoção e de suporte à língua que favoreçam sua manutenção e revitalização. Para tanto, selecionaram-se dois pontos de pesquisa, um no Extremo Oeste Catarinense, e outro situado ao sul do terceiro Planalto do Paraná. Como estudo “sobre a” vitalidade linguística do polonês, seu escopo teórico se insere no âmbito da sociologia da linguagem, além de aproveitar noções da dialetologia pluridimensional como “ciência ampla da variação” (THUN, 1998), para analisar a variável "vitalidade linguística do polonês" e os fatores condicionantes dessa vitalidade em diferentes dimensões, como idade (dimensão diageracional), escolaridade (dimensão diastrática), meio rural/urbano de duas localidades distintas (dimensão diatópica, no espaço geográfico), religião (dimensão diarreligiosa) ou mesmo situações de uso (dimensão diafásica). Além disso, contribuíram para a pesquisa os estudos sobre manutenção e substituição linguística (*language shift*) de Fishman (1967, 2006), Ferguson (1971 [1959]), Kloss (1966), entre outros. A Tese apresenta, inicialmente, o estado da arte das pesquisas sobre as línguas eslavas, especialmente polonês, russo e ucraniano, no Brasil. Em seguida, aborda os fatores condicionadores da manutenção e substituição linguística, bem como os procedimentos metodológicos para a obtenção dos dados, pautados essencialmente na análise qualitativa (observação participante) e quantitativa de usos linguísticos em diferentes *domains*. Foram aplicados dois modelos de questionários, um em contexto escolar rural e urbano das duas localidades de pesquisa: com o objetivo de identificar as funções internas e externas do uso da língua, nas duas localidades. E o outro questionário para fins de censo linguístico e medição do grau de presença da língua nos domínios de espaços públicos. No ponto PR, (município de Cruz Machado) a língua está mais presente e sua vitalidade mantém-se nas gerações mais novas. Como resultado, os informantes conhecem, falam ou escrevem e tem como língua materna o polonês. No ponto SC (município de Descanso), a presença do polonês se verifica apenas nas gerações mais velhas e em poucos falantes da geração mais nova; além de não ser mais falado entre as gerações, há pouca circulação do polonês na escola. Com este diagnóstico, observa-se que, a língua presente nas gerações mais novas auxilia na manutenção da língua. Os resultados confirmaram a maior presença do polonês em todos os *domains* do ponto PR (município de Cruz Machado), seguido do ucraniano. No ponto SC, (município de Descanso) a presença do italiano destacou-se em diferentes *domains*. Apesar da colonização polonesa, não há a presença do polonês no ponto SC nos usos e *domains* selecionados. Com esses resultados compreende-se que a vitalidade do polonês está fortemente presente em PR (município de Cruz Machado) e praticamente extinta em SC (município de Descanso). Para o polonês, esse diagnóstico compreende e corrobora para pesquisas futuras e ações que auxiliem na promoção e manutenção das línguas eslavas, em especial do polonês, no cenário das línguas brasileiras.

Palavras-chave: Vitalidade Linguística. Língua de imigração. Polonês. Manutenção e substituição linguística.

ABSTRACT

The present study focuses on the linguistic vitality of Polish in contact with Portuguese in southern Brazil. Its objective was to diagnose the state of this immigration language in different areas of use, in terms of its geographic and demographic coverage, which is present in different social domains, as well as the actions which promote and support the language in favor of its maintenance and revitalization. Therefore, two research places were selected, one located in the far West of Santa Catarina, and the other located in the South of the third plateau of Parana. The choice of these places sought to control, by sampling, different situations of use and occupation of the language. As a study "about" the linguistic vitality of Polish, its theoretical scope that falls within the scope of the sociology of language, besides taking advantage of notions of multidimensional dialectology as "wide science of variation" (THUN, 1998), it analyzes the variable "linguistic vitality" Polish and the conditioning factors of this vitality in different dimensions, such as age (diagerational dimension), education (diatritic dimension), rural / urban environment from two different locations (diatopic dimension, in the geographic space), religion (diarreligious dimension) or even usage situations (diaphásic dimension). In addition, Fishman (1967; 2006), Ferguson (1971 [1959]), Kloss (1966), among others, contributed to the research. The Thesis initially presents the state of the art of research on Slavic languages, especially Polish, Russian and Ukrainian, in Brazil. Then, it addresses the conditioning factors of linguistic maintenance and substitution, as well as the methodological procedures for obtaining the data, based essentially on the qualitative analysis (participant observation) and quantitative of linguistic uses in different domains. Two questionnaire models were applied, one in the rural and urban school context of the two research locations: with the objective of identifying the internal and external functions of the use of the language, in both locations. And the other questionnaire for purposes of linguistic census and measurement of the degree of presence of the language in the domains of public spaces. At the point PR, (municipality of Cruz Machado) the language is more present and its vitality is maintained in the younger generations. As a result, the informants know, speak or write and have Polish as their mother tongue. At the point SC (municipality of Descanso), the presence of the Polish is verified only in the older generations and in a few speakers of the younger generation; besides not being talked about between generations, there is little circulation of Polish in the school. With this diagnosis, it is observed that the language present in the younger generations helps to maintain the language. The results confirmed the greater presence of the Polish in all domains of the point PR (municipality of Cruz Machado), followed by the Ukrainian. At the point SC, (municipality of Descanso) the presence of the Italian stood out in different domains. Even with Polish colonization, there is no Polish presence in SC in the uses and domains. With these results it is understood that the vitality of the Polish is strongly present in PR (municipality of Cruz Machado) and practically extinct in SC (municipality of Descanso). For the Polish, this diagnosis includes and corroborates for future research and actions that help in the preservation and maintenance of the Slavic languages, especially Polish, in the scenario of Brazilian languages

Keywords: Linguistic Vitality. Immigration language. Polish. Language maintenance and replacement.

STRESZCZENIE

Przedmiotem niniejszego badania jest żywotność języka polskiego w kontakcie z językiem portugalskim na południu Brazylii. Jego celem była diagnoza stanu tego języka imigracyjnego w różnych przestrzeniach użytkowania, pod względem jego zasięgu geograficznego i demograficznego, obecności w różnych domenach społecznych oraz działań promocji i wspierania języka, które wpływają pozytywnie na jego zachowanie i rewitalizację. Badanie zostało przeprowadzone w dwóch miejscowościach (punktach badawczych): jednej położonej na zachodnim krańcu stanu Santa Catarina (SC) oraz drugiej – na południu regionu zwanego trzecim płaskowyżem stanu Paraná (PR). Jako badanie dotyczące żywotności języka polskiego wpisuje się ono pod względem teoretycznym w zakres socjologii języka, korzystając jednocześnie z pojęć z dziedziny dialektologii wielowymiarowej czyli „ogólnej nauki wariantywności językowej” (THUN 1998), w celu analizy zmiennej „żywotność języka polskiego” i czynników wpływających na ową żywotność w różnych wymiarach, takich jak wiek, wykształcenie, wiejskość/miejskość badanych miejscowości, religia lub sytuacje użycia języka. Poza tym zostały wykorzystane w niniejszej pracy badania z zakresu zachowania i przesunięcia językowego (*language shift*), takie jak Fishman (1967, 2006), Ferguson (1971 [1959]) i Kloss (1966). W pierwszej części pracy doktorskiej został przedstawiony obecny stan badań nad językami słowiańskimi w Brazylii, ze szczególnym uwzględnieniem języka polskiego, rosyjskiego i ukraińskiego. Następnie zostały zaprezentowane czynniki wpływające na zachowanie i przesunięcie językowe oraz procedury metodologiczne, mające na celu uzyskanie danych, opierające przede wszystkim na analizie jakościowej (obserwacja uczestnicząca) i ilościowej użycia języka w różnych *domains*. Posłużono się dwoma modelami kwestionariusza, zaaplikowanymi w szkołach wiejskich i miejskich w badanych miejscowościach, których celem było określenie wewnętrznych i zewnętrznych funkcji użycia języka w obu miejscowościach. Inny kwestionariusz był swego rodzaju „spisem językowym” i służył określeniu stopnia obecności języka w sferze publicznej. W punkcie PR (municypium Cruz Machado) obecność języka polskiego jest widoczniejsza, a jego żywotność utrzymuje się u młodszych pokoleń. Informatorzy znają język polski, mówią lub piszą w nim i jest on ich językiem ojczystym. W punkcie SC (municypium Descanso) język polski obecny jest jedynie wśród starszych pokoleń oraz u niektórych przedstawicieli młodszego pokolenia; nie jest używany w kontaktach międzypokoleniowych ani w środowisku szkolnym. Ta diagnoza wskazuje, że obecność języka w młodszych pokoleniach wpływa pozytywnie na jego zachowanie. Wyniki potwierdzają większą obecność języka polskiego w punkcie PR (Cruz Machado) we wszystkich *domains*, przed językiem ukraińskim. W punkcie SC (Descanso) wyróżnia się obecność języka włoskiego w różnych *domains*. Pomimo faktu, iż badany region charakteryzuje polskie osadnictwo, nie zaobserwowano użycia języka polskiego ani jego obecności w *domains*. Dlatego też wyciągnięto wniosek o silnej żywotności języka polskiego w punkcie PR (Cruz Machado) i jego niemalże całkowitym wymarciu w punkcie SC (Descanso). W przypadku języka polskiego nasza diagnoza może być uzasadnieniem dla przyszłych badań i działań wspierających ochronę i zachowanie języków słowiańskich, a wśród nich polszczyzny jako jednego z języków brazylijskiego krajobrazu językowego.

Słowa kluczowe: Żywotność językowa. Język imigracyjny. Język polski. Zachowanie i przesunięcie językowe.

Tradução do resumo: Alicja Goczyła Ferreira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1.....	23
LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO ESLAVA NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA.....	23
1.1 OS IMIGRANTES ESLOVOS NO SUL DO BRASIL	24
1.1.1 Da matriz de origem na Polônia a novas áreas de ocupação no Brasil.....	25
1.1.2 Escolas da imigração polonesa como suporte à língua.....	31
1.1.3 Polonês – ou polaco? – no Brasil.....	34
1.2 CENÁRIO DOS ESTUDOS DE LÍNGUAS ESLOVAS EM CONTATO COM O PORTUGUÊS	36
1.2.1 Uso da língua de imigração polonesa no contexto religioso.....	39
1.2.2 Língua de imigração polonesa em contexto escolar	40
1.2.3 Papel das práticas linguísticas	41
1.2.4 Identidade de falantes de polonês e ucraniano em contato com o português.....	42
1.2.5 Crenças e atitudes linguísticas	44
1.2.6 Novamente, a oposição de sentido entre <i>polaco</i> e <i>polonês</i>	45
1.2.7 O polonês em contato com o alemão em situação de fronteira e de imigração ...	46
1.2.8 CONTRIBUIÇÕES PARA A “PAISAGEM LINGUÍSTICA”: PRESENÇA VISUAL DA LÍNGUA	47
1.2.9 As línguas eslavas no cenário global	49
CAPÍTULO 2.....	52
BASE TEÓRICA: VITALIDADE LINGUÍSTICA.....	52
2.1 O CONCEITO DE “VITALIDADE LINGUÍSTICA” E SEU DIAGNÓSTICO ..	52
2.1.1 Estado da língua e “diagnóstico” dos graus de vitalidade linguística.....	55

2.1.2 Fatores determinantes da vitalidade linguística.....	59
2.2 <i>STATUS</i> DA LÍNGUA E CONTATOS LINGUÍSTICOS	60
2.3 FUNCIONALIZAÇÃO DE LINGUAS E VARIEDADES: DIGLOSSIA.....	62
2.4 DO CONTATO LINGUÍSTICO AO PLURILINGUISMO.....	64
2.5 USO ALTERNADO DE MAIS DE UMA LÍNGUA: <i>CODE SWITCHING</i>	69
2.6 DOMÍNIOS DE USO DA LÍNGUA: A NOÇÃO DE <i>DOMAIN</i>	70
2.7 A TERMINOLOGIA DA MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA	72
2.8 A LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO POLONESA E A POLÍTICA DO INDL	77
CAPÍTULO 3.....	80
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	80
3.1 ESCOPO DE ANÁLISE DA SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM.....	80
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS LOCALIDADES DA PESQUISA.....	80
3.2.1 Ponto SC: Descanso, no oeste de Santa Catarina	81
3.2.2 Ponto PR: Cruz Machado, no centro-sul do Paraná.....	83
3.3 DIMENSÕES DE ANÁLISE	85
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS	90
3.4.1 Dados de observação participante	91
3.4.2 Dados históricos e sociológicos do contexto	93
3.4.3 Dados do questionário para o “diagnóstico socioinstitucional”	93
3.5 ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS.....	95
CAPÍTULO 4.....	96
DIAGNÓSTICO DA VITALIDADE LINGUÍSTICA DO POLONÊS.....	96
4.1 O “TERRITÓRIO” ONDE “TRANSITA” A LÍNGUA	96
4.1.1 Os pontos da pesquisa no contexto da imigração polonesa.....	96
4.1.2 Territorialidades urbanas e rurais (SCurb e SCrur, PRurb e PRrur).....	99
4.2 DOMÍNIOS DE USO DO POLONÊS	101

4.2.1 Terreno da administração: reconhecimento e oficialidade da língua	103
4.2.2 Família e relações de parentesco.....	106
4.2.3 Relações sociais fora da família: vizinhança e comunidade de falantes	110
4.2.4 Papel da igreja: promoção e suporte	112
4.2.5 Língua polonesa na escola: inclusão ou exclusão	114
4.2.6 Espaços midiáticos de uso da língua	117
4.3 FUNÇÕES INTERNAS E EXTERNAS NO USO DO POLONÊS	119
4.4 PERSPECTIVAS PARA A MANUTENÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO POLONÊS	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICE 01 – QUESTIONÁRIO PARA O “DIAGNÓSTICO SOCIOINSTITUCIONAL”	147
APÊNDICE 02 – QUESTIONÁRIO ESPECÍFICO PARA AS FUNÇÕES INTERNAS E EXTERNAS DE USO DAS LÍNGUAS	153
ANEXO 01 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	155

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Chegada de imigrantes poloneses, russos, alemães e austríacos ao Rio Grande do Sul, entre 1885 e 1937.....	27
Tabela 2 – Imigrantes poloneses registrados até 1889.....	27
Tabela 3 – Demonstrativo da imigração polonesa para o Brasil – período 1871-1914	98
Tabela 4 – Número de imigrantes ucranianos ao Brasil, no período 1895-1914.....	99
Quadro 1 – Estudos linguísticos sobre línguas de imigração eslava.....	37
Quadro 2 – Informantes das localidades pesquisadas por Schultz (2014)	43
Quadro 3 – Línguas e povos eslavos.....	50
Quadro 4 – Escala de graus vitalidade linguística	56
Quadro 5 – Grau de perigo-população de falantes da língua.....	57
Quadro 6 – Grau de proporção de falantes em comparação com o total da população	58
Quadro 7 – Grau de domínio e função da língua	58
Quadro 8 – Grau de novos domínios da língua e mídias para as línguas ameaçadas	58
Quadro 9 – Grau de acessibilidade de materiais escritos na língua minoritária	59
Quadro 10 – Categorização das línguas segundo o Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL ...	61
Quadro 11 – Representação das funções em que a língua exerce seu grau de presença (<i>H</i>) ou (<i>L</i>) .	63
Quadro 12 – Relação entre bilinguismo e diglossia.....	65
Quadro 13 – Representação do nível e habilidades: grau de bilinguismo.....	67
Quadro 14 – Modelo de Einar Haugen	73
Quadro 15 – Planejamento Linguístico – nível de intervenção.....	74
Quadro 16 – Fatores que favorecem e desfavorecem a manutenção e ou perda de uma língua minoritária	75
Quadro 17 – Número de informantes que responderam questionário na escola.....	87
Quadro 18 – Dimensões e parâmetros da pesquisa.....	87

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Ocupação da Polônia no século XVIII	25
Mapa 2 – Áreas de imigração polonesa no Rio Grande do Sul	29
Mapa 3 – Áreas de imigração polonesa em Santa Catarina	30
Mapa 4 – Áreas de imigração polonesa no Paraná	30
Mapa 5 – Mapa das escolas de imigração polonesa.....	33
Mapa 6 – Município de Descanso – SC: destaque para a área rural	82
Mapa 7 – Localização de Descanso no oeste de Santa Catarina	82
Mapa 8 – Localização de Cruz Machado, no centro-sul do Paraná.....	84
Mapa 9 – Localização dos pontos de pesquisa e presença do polonês, no contexto do multilinguismo no sul do Brasil, conforme dados do ALERS (2011)	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dimensões de análise diatrática e diageracional	43
Figura 2 – Capa da representação do Brasil, no local de chegada dos imigrantes poloneses	48
Figura 3 – Esquema de fatores determinantes	60
Figura 4 – Vista frontal da Igreja e placa em homenagem aos imigrantes poloneses em PRrur	114

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Uso do polonês e das demais línguas nos diferentes domínios.....	102
Gráfico 2 – Uso do polonês e das demais línguas no domínio da administração	103
Gráfico 3 – Uso do polonês e das demais línguas no domínio da família.....	106

Gráfico 4 – Línguas de imigração no repertório de professores e funcionários da comunidade escolar	115
Gráfico 5 – Vitalidade do polonês no repertório linguístico de alunos de escolas do meio urbano e rural.....	116
Gráfico 6.1 – Funções internas de uso do polonês nos pontos SC e PR, meio urbano e rural	121
Gráfico 7.2 – Funções externas de uso do polonês, nos pontos SC e PR, meio urbano e rural.....	123
Gráfico 8.1 – Síntese dos resultados sobre o uso do polonês nas funções internas	125
Gráfico 9.2 – Síntese dos resultados sobre o uso do polonês nas funções externas	126
Gráfico 10.3 – Síntese do total de resultados obtidos para as funções internas e externas de uso do polonês nos pontos SC e PR.....	127

INTRODUÇÃO

A presente Tese ocupa-se com uma das línguas da diversidade linguística brasileira identificada sob o grupo de “línguas de imigração”. Línguas de imigração pressupõem, em seus critérios de categorização, uma série de características que as identificam de modo especial:¹ 1) são línguas faladas em comunidade; 2) derivam de um processo de migração histórica de uma matriz de origem para um novo meio, onde 3) entram em contato com uma língua majoritária; 4) por sua origem diversa, envolvem, ao menos em sua fase inicial de instalação no Brasil, uma grande heterogeneidade interna, à qual se soma 5) o plurilinguismo de seus falantes e 6) o “nivelamento linguístico”, ao longo do tempo; por fim, 7) sua condição minoritária, digamos sua condição de “língua-hóspede” confere às línguas de imigração um *status* marginal, isto é, de língua situada à margem da língua oficial, no caso o português.

Não é possível, assim, pensar línguas de imigração como o polonês dissociadas de sua origem migratória e de sua condição de língua em/de contato que constantemente precisa reafirmar sua posição e sobrevivência frente ao “vizinho poderoso”, o português. Um problema recorrente que, por isso, aflora no contexto de uso dessas línguas é a sua manutenção ou substituição linguística pelo português, ou dito em outra perspectiva, de sua vitalidade linguística, a qual pode apontar tanto para uma continuidade de uso, quanto para sua perda e desuso. Este problema, bem como os fatores sociais e históricos que favorecem ou desfavorecem a manutenção do polonês, é que constitui o foco central deste estudo.

Dentre as 56 línguas desse tipo que Altenhofen (2013, p. 106) estima terem imigrado ao Brasil, o polonês aparece depois do grupo de variedades do alemão e do italiano, como uma das línguas demograficamente mais representativas, ao lado de pelo menos mais duas línguas eslavas, o ucraniano e o russo. Por suas semelhanças históricas e tipológicas, e por compartilharem desafios e demandas comuns, este estudo busca não perder de vista as questões de ordem eslavística com as quais busca contribuir, apesar de a língua polonesa representar o foco central da pesquisa.

Esta Tese traz, portanto, a discussão inerente aos fatores que contribuem para a manutenção e/ou a perda de uma língua minoritária, entendida como uma língua “menor”, ou seja, que não possui grau de *status* de língua oficial e/ou majoritária. Pode-se perguntar

¹ Altenhofen (1989, p. 19) destaca, “[...] no mínimo, quatro características essenciais para uma língua de imigrantes desse tipo, vista como: a) língua de grupo; b) língua com variedades de fala heterogêneas; c) língua em movimento; d) língua em contato.”

o que especificamente distingue o grupo de línguas de imigração de base eslava ou que poderia caracterizar de modo especial esse tipo de contato linguístico. No mínimo, o que se sobressai é que se trata de línguas tipologicamente muito distintas do português, porém culturalmente mais próximas do que línguas indígenas ou de origem asiática.

As línguas eslavas chegaram ao Brasil juntamente com as demais línguas de imigrantes, a partir do final do séc. XIX, entre 1889 e 1950. Porém, há estudos que relatam a chegada de já antes desse período. A manutenção da língua, nessas circunstâncias, representou um desafio proporcional ao papel da língua para a cultura, os costumes, a religiosidade, a fé, diante da necessidade de aprender a língua oficial português, primordial para as questões sociais e integração no país que os estava acolhendo.

No cenário das pesquisas sobre a língua polonesa, a ser apresentado no cap. 1 constata-se ainda uma carência muito grande de estudos e projetos no campo aplicado, tanto pela abrangência geográfica (de áreas e regiões inexploradas e sequer conhecidas), quanto pelo leque de questões e temáticas de estudo, ou mesmo pela necessidade simples de documentar, “antes que desapareça ou morram os últimos falantes”. Essa demanda aponta para os esforços da política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística que, para o polonês, infelizmente, ainda inexistente. Foram realizados inventários de duas línguas de imigração, até o momento, – talian e Hunsrückisch – e está em andamento o inventário do pomerano.

O tema específico deste estudo, a vitalidade linguística da língua de imigração polonesa, no Brasil, reveste-se de uma série de dificuldades. Abranger um diagnóstico sociolinguístico amplo extrapolaria os limites de uma Tese de Doutorado. Sendo assim, um recorte se fez necessário. Assim, optamos por focar a análise em duas localidades-piloto, ou melhor, localidades-laboratório, onde pudéssemos antes de tudo compreender a dinâmica da vitalidade do polonês e os fatores que favorecem ou desfavorecem seu uso e manutenção.

Desse modo, buscamos entender o que condiciona a mudança de código, como ocorreu (ou não) a substituição, bem como verificar como se delineiam as condições de sua manutenção, perda ou revitalização. Ou seja, a pesquisa foca primordialmente a pergunta sobre *quais fatores contribuem para a vitalidade linguística e language shift do polonês em contato com o português, nos dois pontos pesquisados*.

Ao mesmo tempo, alimentamos a expectativa de criar uma base de conhecimento que não apenas subsidie novas pesquisas, como também auxilie em ações de promoção e revitalização da língua polonesa falada em diferentes comunidades de imigração no Brasil.

A identificação e a análise desses fatores, que contribuem para a perda ou não, e para a vitalidade linguística, vale ressaltar, assim, leva-nos a uma série de desafios metodológicos. A opção pelo princípio da pluridimensionalidade de análise da variação e, por extensão da diversidade de uso das línguas em contato, deve-se aos resultados comprovados em outros estudos, como Pertile (2009), assim como também no macroprojeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), com o qual esta Tese se vincula e contribui. Paralelamente, buscamos também estudos e pesquisas mais recentes, no âmbito da sociologia da linguagem e de política linguística, no âmbito dos inventários linguísticos (ALTENHOFEN; MORELLO, 2018).

A seleção e o tratamento dos dados em dois pontos de pesquisa, conforme apresentaremos na metodologia, correlacionando variáveis e condicionamentos linguísticos que distinguem esses pontos contribuem para robustecer a base de dados sobre o tema abordado.

No estudo da vitalidade linguística, colocam-se as seguintes hipóteses, com base em estudos já realizados:

a) a substituição da língua minoritária polonês pela presença da língua oficial majoritária dá-se de forma lenta e gradual, no contato com o português (KLOSS, 1966). “Resquícios” da língua de imigração sempre continuam subsistindo mesmo quando não é mais usada, mais precisamente em uma escala de estágios de vitalidade, por exemplo de um conhecimento ativo > para um conhecimento passivo.

b) a presença de mais de uma língua compartilhando o mesmo espaço, como o alemão, o ucraniano e o italiano, reforça a escolha por uma língua comum dominante.

c) A língua minoritária inicia o processo de substituição na geração mais jovem, mantendo seu uso prioritariamente nas gerações mais velhas (acima de 55 anos, GII) (UNESCO, 2003).

d) O grau de vitalidade da língua está em relação direta com o grau de bilinguismo e de funcionalização das línguas e variedades do repertório dos falantes. Um uso diglósico estável (FERGUSON, 1959) garante estabilidade à língua minoritária, como no caso do polonês falado nas localidades da pesquisa.

e) As políticas de revitalização e manutenção da língua minoritária têm sua eficácia aumentada, quando consideram a perspectiva *button up* e *in vivo* dos falantes. Políticas impositivas *top down* carecem da empatia necessária para conquistar a adesão e colaboração da comunidade.

f) A língua minoritária polonês prevalece no âmbito rural e encontra um suporte vigoroso em associações e organizações dos grupos sociais a que pertencem os falantes.

As mulheres da geração mais velha, especialmente em contexto rural, pelos papéis sociais historicamente assumidos – sobretudo como “administradora” do lar – lideram o grupo que mais mantém a língua polonesa. Em contrapartida, as mulheres da geração jovem – pelas mudanças ocorridas na estrutura social – são as mais propensas à substituição pelo português.

g) O isolamento geográfico e social maior ou menor de uma comunidade, ou seja, a existência de uma comunidade de falantes demograficamente mais isolada e com boa quantidade de falantes contribui para a manutenção da língua.

h) O contexto familiar é o contexto por excelência de transmissão e uso da língua minoritária, no caso polonês, exceto em casamentos mistos (exogâmicos), em que se tende ao uso do português como língua comum. Essa hipótese acentua a relevância dos pais na manutenção da língua. A igreja assume papel central na manutenção do polonês (DELONG, 2016), como comunidade de prática em que a comunidade se reúne. Seu papel é também observado em outros grupos de línguas de imigração, como os alemães e italianos.

A partir do exposto, esta Tese tem por objetivo diagnosticar o estado da língua, isto é, sua vitalidade linguística, considerando diferentes espaços de uso, em termos de sua abrangência geográfica e demográfica, presença em diferentes domínios sociais, bem como ações de promoção e de suporte à língua que favoreçam sua manutenção e revitalização.

Esse objetivo geral implica a análise e aprofundamento de diferentes fatores que atuam ou atuaram na “vida” da língua de imigração polonesa no Brasil. Com isso, pretende-se mais especificamente:

- a) Identificar, antes de tudo, os fatores que mais favorecem ou desfavorecem o uso da língua de imigração polonesa e sua manutenção (âmbito explicativo);
- b) Identificar, a partir da compreensão do que condiciona a vitalidade ou perda linguística, estratégias e princípios que orientem possíveis ações de promoção da língua e do plurilinguismo (âmbito propositivo).

Os estudos sobre a história da imigração polonesa no Brasil subsidiam aspectos da ocupação, difusão e organização social dos imigrantes e seus descendentes no Brasil. Sua importância para a pesquisa em sociologia da linguagem não pode ser ignorada. Pelas características que foram apontadas para a língua de imigração e, por extensão, para o polonês, é preciso considerar as condições históricas da migração e do contato linguístico que resultaram no cenário linguístico observado hoje, pela presente pesquisa.

Incluem-se no rol desses estudos historiadores como Gardolinski (1956), Iarochinski (2000) e Gluchowski (2005). Eles descrevem os espaços em que os imigrantes poloneses se constituíram, sobretudo entre 1890 e 1937, e onde mantiveram sua crença e religiosidade. Não poucos fazem menção ao papel da língua polonesa, por exemplo no ensino. Nessa descrição, compreendemos além disso de que modo se impôs uma norma local do polonês, em detrimento das variedades dialetais originais que praticamente estão ausente do cenário que se irá encontrar.

Mesmo que as pesquisas registrem os imigrantes poloneses como sendo um dos últimos a aportarem nos portos brasileiros, alguns pesquisadores, como Gluchowski (2005) e Iarochinski (2000), acreditam que a contribuição polonesa vai além dos dados registrados. Desse modo, como a vinda dos imigrantes fazia parte de um contexto sociopolítico dos países europeus, os registros nos levam a crer que os poloneses vieram em menor quantidade, como observaremos nos dados apresentados no primeiro capítulo deste estudo.

Essa seria uma das características e também um dos fatores que possivelmente levariam à perda da identidade linguística do povo polonês em solo brasileiro. Nesse sentido, questões históricas que essa população viveu durante as mudanças políticas e de fronteiras no país de origem, a Polônia, podem fazer com que a língua como espaço de identidade perca o seu valor e seja substituída por uma língua politicamente dominante. Os estudos de Iarochinski (2000) apontam a dominância de línguas, como alemão, italiano e português no cenário das migrações no Brasil.

Para alcançar os objetivos propostos, buscou-se mapear, no capítulo 1, um cenário linguístico histórico do polonês. Segundo Renk (2009), as organizações chamadas de “sociedades-escola”, “escolas étnico-religiosas” e “escolas-subsencionadas”, foram proibidas durante o movimento nacionalista das décadas de 1930 e 1940, e os grupos sociais foram acusados de desnacionalizar a infância, impedindo as crianças de aprenderem a “língua nacional”, no caso o português.

Depois da proibição de 1937², as escolas deixaram de ensinar o polonês como também as demais línguas de imigração, e o ensino do português embasou o processo de nacionalização do país, produziu feridas profundas na identidade étnica e cultural e, conseqüentemente, converteu rapidamente muitas comunidades bilíngües em monolíngües (MACIEL, 2010). Vale ressaltar que a pesquisa de Renk (2009) é focada na área da

² No período entre guerras, de 1929 a 1937, houve mudanças de ordem ideológica, econômica e de poder na chamada Era Vargas. Nesse ínterim, ocorreu a chamada política da boa vizinhança, a campanha de nacionalização, ou seja, a tentativa de homogeneização das línguas de imigrantes presentes no Brasil. A intenção era nacionalizar, por meio das línguas, os imigrantes que aqui chegaram.

historicidade e a sua tese enfoca especialmente a legislação, fiscalização e homogeneização dos saberes, usando de materiais didáticos e conteúdos escolares. Apesar disso, seu estudo não perde de vista o papel da língua, porém sob o viés histórico do contexto analisado.

Outra contribuição descrita ainda no primeiro capítulo é a dissertação de mestrado de Maciel (2010). Seu estudo centrou-se na memória e no silenciamento da língua polonesa, analisando o discurso estabelecido entre duas comunidades de falantes do polonês e do alemão, na zona rural de Blumenau-SC. Nesse estudo, fez-se necessário a realização de entrevistas e análise de dados qualitativos interpretativos. Os informantes selecionados para a pesquisa eram crianças em idade pré-escolar, do ensino fundamental, do ensino médio, e falantes de geração mais velha. A pesquisa buscou compreender o cenário de apagamento das línguas e, por meio dos eventos de fala relacionados com os processos históricos, memória, silenciamento e apagamento conforme Orlandi (2007), o estudo destacou a relevância das ações de salvaguarda de línguas. Ainda no que se refere às pesquisas sobre a língua polonesa, Delong (2016) a vitalidade do polonês em uma comunidade rural do sul do Paraná. Partindo do documento da Unesco (2003), esse estudo mede a presença ou não da língua em três contextos: 1) religioso; 2) familiar; e 3) escolar. Os resultados mostram a relevância do domínio da igreja como âmbito de favorecimento da manutenção e uso do polonês, atrelado porém à figura do padre como gestor da língua. O estudo também chama a atenção do significado simbólico do ensino de polonês, em atividade extracurricular mantida por uma professora que, ao final, no entanto, tem de suspender as aulas em função de problemas de saúde.

Como ao lado dos estudos do campo da história da imigração polonesa e de outras áreas, bem como de estudos linguísticos, esta Tese também considera centros de pesquisa e ensino do polonês, como no caso da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que mantém a Graduação em Letas/-Polonês. Em 2019, o curso comemorou 10 anos, com a realização do I Encontro Internacional de Estudos Poloneses³. Um dos temas recorrentes no evento foi a descrição do “estado de saúde da língua de imigração polonesa”, no cenário brasileiro.

O segundo capítulo apresenta, nesse sentido, um panorama dos estudos sobre a vitalidade linguística e os contatos linguísticos com foco especial no polonês no Brasil.

³ “O I Encontro Internacional de Estudos Poloneses visa comemorar: a) os 10 anos do Curso Letras Polonês na UFPR, período em que se formaram profissionais de língua, literatura e cultura polonesas, com ênfase na formação de professores, pesquisadores e tradutores; b) a realização de uma série de projetos de extensão e de pesquisa focados nos temas de formação docente, tradução literária, multilinguismo, entre outros; c) o intercâmbio de aprendizagem, ensino e pesquisa com colegas de outras instituições de ensino superior no Brasil, na Polônia e em outros países.” (ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS POLONESES, 2019).

Também são abordados conceitos básicos da área de estudo em questão, como os conceitos de diglossia e *language shift*. Também os critérios que operam nas “escolhas linguísticas” (*language choice*), em situações de plurilinguismo, assim como a própria definição de *bilíngue* são tratados nesse capítulo – cf. Fishman (1967), Thun (1998), Romaine (2013), Ferguson (1959; 1971), Altenhofen (2013; 2014) e Altenhofen e Thun (2016). No terceiro capítulo, é apresentada a metodologia de pesquisa, que aproveita noções do modelo pluridimensional de Thun (1998), sobretudo o princípio da pluridimensionalidade de análise da variação linguística, para ordenar e relacionar adequadamente as variáveis ou dimensões extralinguísticas com a variável analisada, a vitalidade linguística do polonês. Temos assim, uma variável de base sociológica, isto é, os fatores que podem contribuir para a vitalidade linguística e para a *language shift* no contato do polonês com o português do Brasil. De modo geral, costuma-se priorizar variáveis linguísticas que remetem à estrutura da língua (variação interna). Já o que buscamos aqui é a língua como instituição social, no caso, uma língua de existência minoritária nas comunidades (variação externa). Isso exige uma adaptação do modelo, aplicando o princípio da pluridimensionalidade à análise dos diferentes fatores ou dimensões já mencionadas. A seleção dos informantes teve por base os dados das dimensões diageracional e diastrática, nos âmbitos urbano e rural, dos pontos de pesquisa SC – Descanso e PR – Cruz Machado.

Os resultados desta pesquisa contribuem para o âmbito maior dos estudos de línguas minoritárias (ou línguas minorizadas). Sobre esse conceito, vale enfatizar que

A designação *língua minoritária* surge como contraponto do que é majoritário e sugere um dualismo entre uma língua “geral” e “comum” e tudo o que é exceção ou existe ao lado ou à margem de. Por língua minoritária entendo, por isso, a modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado de uma língua (majoritária) dominante (ALTENHOFEN, 2013, p. 94, grifo do autor).

As línguas de imigração, de modo geral, fazem parte desse dualismo. As línguas minoritárias compõem um cenário linguístico em que estão à margem da língua dominante, política e socialmente. Portanto, compreender o valor simbólico e significativo de cada uma delas é oportunizar reconhecimento aos falantes, dando voz e ouvidos à sua língua e identidade.

Os resultados da pesquisa nos pontos PR – Cruz Machado e SC – Descanso são apresentados no capítulo 4. Descanso está localizado no oeste de Santa Catarina e aproximadamente a 650 km da capital Florianópolis. Esse município foi colonizado essencialmente por imigrantes vindos do Rio Grande do Sul, para extração da madeira de cedro

e pinheiro. Até 1935, era chamado de Linha Polonesa. Logo, em 1934 e 1935, mudou seu nome para Descanso. Segundo fontes da página oficial da Prefeitura Municipal, sua origem é uma homenagem a Coluna Prestes, por ter “descansado” às margens do Rio Macaco Branco. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia 8.634 habitantes no município, em 2010. Cruz Machado, por outro lado, está localizado a 35 km a noroeste de União da Vitória e a uma distância de 218 km da capital paranaense Curitiba. Segundo dados do IBGE (2010), sua extensão é de 1.478km² onde vivem 18.040 habitantes.

Nesse capítulo, descrevemos os processos históricos do município como também, observamos a presença de outras línguas que fizeram parte da colonização local, o alemão e o italiano.

Vale destacar, como mostra o capítulo 1, que os dois pontos de pesquisa escolhidos se configuraram como resultado de rotas migratórias, como muitas outras iniciadas na segunda metade do séc. XIX, seja transoceânica, seja transregional. Essas rotas nos remetem a uma das hipóteses prováveis para presença ou não da língua, relacionada ao ano de migração dos grupos eslavos e aos fatores que mantêm ou não a língua, entre os quais se destacam a religiosidade, os grupos escolares, as festas e eventos, entre outros, como a ordem de ocupação, assinalada já por Kloss (1966). Iniciemos, assim, com uma compreensão do contexto que levou à presença e ocupação das duas localidades em pesquisa por populações falantes de polonês e como essa se estruturou no novo espaço social.

CAPÍTULO 1

LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO ESLAVA NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Línguas de imigração pressupõem, conforme já se aludiu, um movimento migratório de uma matriz de origem (ponto de partida) para um novo meio (nesse caso, o Brasil), em contato não apenas com o português como também com outras línguas, normalmente de outros imigrantes que não procedem da mesma matriz de origem (ALTENHOFEN; THUN, 2016). Como esse movimento e esse desenvolvimento no novo meio contam já com um período de tempo razoável, essas línguas de imigração também estão conseqüentemente sujeitas à variação e à mudança linguística. Em certo sentido, a sua manutenção ou substituição pela língua majoritária do novo meio não deixa de ser um tipo de mudança possível. Além disso, nesse terreno, não se pode perder de vista que, junto com a língua, (i)migra também a cultura, incluindo aí hábitos, aspectos materiais e práticas sociais particulares (BOURDIEU, 2008[1982])⁴.

O movimento dessas línguas no tempo e no espaço é, portanto, especialmente saliente em comunidades de imigração eslava, onde a língua desempenha papel central. Não obstante, as pesquisas têm priorizado as questões históricas observadas nos processos migratórios dessas populações. As teses, dissertações, artigos e mapas que tratam de aspectos linguísticos têm contribuído para a descrição do cenário linguístico-cultural desses imigrantes, tanto na oralidade quanto na escrita. As línguas eslavas chegaram ao Brasil, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX, anos 1860 e 1889, e se estenderam até 1950, no período Pós-Segunda Guerra Mundial. Os primeiros núcleos de colonização polonesa datam do ano de 1847: poloneses que chegaram ao Espírito Santo, provenientes da Prússia Oriental e da Silésia. A presença russa é registrada em localidades como Palmeiras, no Paraná, em 1870.

No entanto, os russos vieram em três levadas a partir também de 1847 (BYTSENKO, 2006). Os imigrantes ucranianos vieram por volta de 1895 e 1897, quando, segundo Garin

⁴ Bourdieu, na obra *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*, 2. ed., São Paulo: EDUSP, 2008 [1982]. No capítulo 3, p.107-116, traduzido por Afrânio Catani e Denice Barbara Catani, apresenta a discussão sobre a Força da representação. As práticas sociais estão atreladas [...] e subordinadas às funções práticas e às orientações para a produção de efeitos sociais” (2008 [1982], p107). É importante ressaltar que para esta Tese não serão abordadas as funções das práticas sociais nas comunidades polonesas, mas é relevante reconhecer o espaço do valor social em que Bourdieu aponta sua obra para as considerações e compreensão do espaço social e a função social da língua nos pontos de pesquisa: SC - Descanso e PR - Cruz Machado.

(2010), cerca de 20 mil ucranianos aportaram em Santos-SP e Paranaguá-PR. Direcionaram-se a Prudentópolis e Malet, no Paraná, considerados os primeiros imigrantes ucranianos que se instalaram no Brasil.

De qualquer forma, mais justo e adequado se torna considerar as territorialidades constituídas por esses grupos, que abrangem seguramente uma área bem superior à atual Polônia. Diante dessas circunstâncias, manter a língua é um desafio aos que aqui se constituíram em contato com uma língua e uma cultura de base luso-brasileira tão distinta. Além de preservar os costumes, a religiosidade, a fé expressada na sua língua, havia a necessidade de aprender a nova língua “português”, primordial para as questões sociais e de construção de uma nova identidade, no país no qual estavam sendo acolhidos.

Este capítulo dedica-se a uma revisão dos aspectos históricos apontados pelos estudos como relevantes para a descrição das línguas de imigração eslava em contato com o português, no Sul do Brasil, em especial do polonês. Entre esses elementos estão as condições de assentamento no novo meio, a territorialidade da língua, assim constituída, bem como aspectos da socialização e integração no contexto brasileiro.

1.1 OS IMIGRANTES ESLAVOS NO SUL DO BRASIL

Os estudos do processo histórico de imigração eslava no Brasil distribuem-se, cronologicamente, no período de 1956 a 2010. O quadro a seguir resume as principais contribuições de ordem histórico-social, as áreas abrangidas e os tópicos de análise.

Quadro 1 – Estudos com foco na história da imigração de eslavos ao Brasil, em ordem cronológica

Estudo	Área	Tópicos de análise (títulos)
Gardolinski (1956)	RS	Imigrantes poloneses no RS; contribuição dos poloneses na formação do RS
Gardolinski (1977)	RS	Formação das escolas polonesas; mapeamento das escolas quantificando-as no RS
Goulart (1984)	SC	Formação da Colônia Príncipe Dom Pedro; primeiros poloneses em Santa Catarina
Gluchowski (2005)	PR	Poloneses e os processos de colonização no Brasil; o cenário dos imigrantes poloneses no Paraná e no Brasil
Martins (2007)	PR	Colonização eslava a partir de 1937; gleba formalizada para receber imigrantes em Araçongas-PR
Iarochinski (2010)	PR	Identidade dos imigrantes poloneses no Brasil; polaco ou polonês?

Fonte: A autora

Como se vê, não se trata de uma produção quantitativamente volumosa, mas que reflete uma concentração sobretudo no Rio Grande do Sul e no Paraná, estado que recebeu

o maior contingente de imigrantes. Nas seções a seguir, abordam-se os principais aspectos dessa imigração, com base nessa literatura, a saber: áreas de ocupação, rotas migratórias, papel da escola e demais aspectos sociais e identitários na organização das comunidades.

1.1.1 Da matriz de origem na Polônia a novas áreas de ocupação no Brasil

Em seu estudo sobre *Imigração e colonização polonesa*, Gardolinski (1956) chama a atenção para as fronteiras da Polônia, ocupada em parte pelas potências econômicas da Prússia, Rússia e Áustria. Essa divisão interna está na base dos processos migratórios de poloneses para o Brasil, especificamente com a vinda ao Rio Grande do Sul, a partir de 1890. Apesar da escassez de documentos, o estudo afirma, no entanto, que a imigração polonesa ocorreu apenas depois da primeira leva de imigrantes italianos estabelecidos no Rio Grande do Sul. O mapa 1 abaixo mostra, em certo sentido, os conflitos existentes na Polónia pela disputa política nas fronteiras antes de 1772 até a 3ª transição política territorial, à qual se sucederam mais duas oscilações: uma a partir de 1920, durante a Primeira Guerra Mundial, e outra que resultou na Polónia atual. Gardolinski se vale deste mapa para justificar a emigração para o Brasil, já com registros de 1856 a 1867.

Mapa 1 – Ocupação da Polónia no século XVIII



Fonte: Gardolinski (1956)

O mapa acima mostra uma Polônia dividida entre áreas de ocupação distinta, diferente da área atual. Cada área implementou uma política própria. Nesse cenário, não é difícil imaginar o papel da língua polonesa e do plurilinguismo, seja polonês-russo, seja polonês-alemão. Fica a pergunta como essas questões se transplantaram para o Novo Mundo e como repercutiram/repercutem ainda hoje na percepção da língua de origem, polonês. Gardolinski acrescenta:

No caso da imigração polonesa, ao pretendermos dar-lhes uma feição histórica, verificamos que, lamentavelmente não dispomos de material suficiente. [...] Conta-nos a História que, enquanto o primeiro grupo de imigrantes italianos aportava, em 1875, já existiam referências aos colonos poloneses, no Estado do Rio Grande do Sul, nos anos de 1867 e 1869; isto é, sem mencionarmos a vinda isolada de algumas pessoas ou grupos nos anos de 1839 e 1850. (GARDOLINSKI, 1956, p. 4).

Alguns registros, segundo o autor, justificam por meio das divisões políticas o período em que a Polônia estava integrada à antiga Prússia e à Silésia, levando a supor que o número significativo de poloneses vindos para o Brasil teria ligação especialmente com a antiga Prússia e Silésia. Contudo, incluem-se no rol do grupo eslavo naturalmente também ucranianos, russos, bielorrussos, entre outros, muitas vezes vizinhos no novo meio. Todos esses aspectos sem dúvida dificultam uma definição mais precisa do número de imigrantes poloneses e, por extensão, de eslavos, bem como também do período associado à vinda de cada grupo, e que necessariamente tem de levar em conta a divisão política na matriz de origem, na “Polônia”.

No capítulo dedicado à imigração Teuta, em diversas passagens, tivemos a nítida impressão de que entre os elementos alemães, deviam existir emigrantes poloneses. Precisamos considerar que uma das regiões da Polônia, que forneceu contingentes de colonos para o Rio Grande do Sul, era a Pomerânia (Pomorze) (pág. 82 - 1º vol) e a Silésia (Slask) (página 91-idem). Grande parte destas regiões, densamente habitadas por poloneses foi anexada pela Alemanha durante os vários desmembramentos da Polônia. É bastante provável, pois, que os poloneses já fizeram parte das primeiras levas de emigrantes que se estabeleceram em S. Lourenço, perto de Pelotas (1857); Santa Cruz (1849); Santo Ângelo (1857); Ijuí e Guarani das Missões (hoje Guaramano) (1890). (GARDOLINSKI, 1956, p. 5)

Considerando, portanto, essas questões, e a julgar também pelos sobrenomes, tem-se o fato de que muitos imigrantes que vieram com registros alemães, russos e austríacos possam ter sido poloneses. Não restam dúvidas, contudo, sobre a função exercida, ao chegarem ao Brasil, e especificamente ao Rio Grande do Sul: ensinar a língua alemã era necessário, pois os religiosos eram educados em colégios austríacos (GARDOLINSKI,

1956). Com base em dados fornecidos pelo IBGE⁵, Gardolinski faz uma estimativa dos diferentes imigrantes, com possível origem em matriz eslava, para o Rio Grande do Sul, de 1885 a 1937, desmistificando o marco do ano de chegada como 1890.

Tabela 1 – Chegada de imigrantes poloneses, russos, alemães e austríacos ao Rio Grande do Sul, entre 1885 e 1937

Ano de chegada ao RS	Número de poloneses	Número de russos	Número de alemães	Número de austríacos
1885 a 1937	23.796	19.525	43.115	4.779

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do IBGE (1950)

Se considerarmos as sobreposições de origem étnica e geográfica, conforme referenciado, é possível que o contingente polonês possa ter sido igual ou até maior que o alemão, nos anos de 1885 a 1937, visto como o momento da febre migratória no Brasil. Como vemos, trata-se de uma realidade não visível quadro geral da imigração, com relação aos imigrantes poloneses.

Gardolinski (1956, p. 15) ainda analisa os registros de famílias imigradas para o Espírito Santo e Bahia, em meados de 1871 a 1873. “Em 1875, registram-se em torno de 274 pessoas e logo, até 1878, mais 550 poloneses, que foram assentados em terras paranaenses, somando, assim, 3850 imigrantes”. Até 1889, há, segundo o autor, a seguinte distribuição dos imigrantes poloneses:

Tabela 2 – Imigrantes poloneses registrados até 1889

Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul	Outros estados
6530	750	300	500

Fonte: Gardolinski (1956, p. 16)

Por meio de relatos, entrevistas, visitas às comunidades, análise de documentos históricos, Gardolinski (1956) descreve a presença dos imigrantes poloneses, no Rio Grande do Sul. As dúvidas ainda são frequentes sobre a contribuição dos poloneses na colonização do conjunto dos estados do Sul do Brasil. Pois, pensar nos processos migratórios é refletir também sobre as escolhas feitas pelos imigrantes, ao chegar em solo brasileiro: a cultura, os costumes e conseqüentemente a língua. Além disso, a diferenciação entre as línguas eslavas,

⁵ Valem aqui as considerações do Censo de 1940-1950 sobre o registro da presença das línguas de imigrantes no cenário brasileiro.

como podemos observar nos registros de Gardolinski, não dão uma base segura sobre a origem desses imigrantes, na matriz de origem.

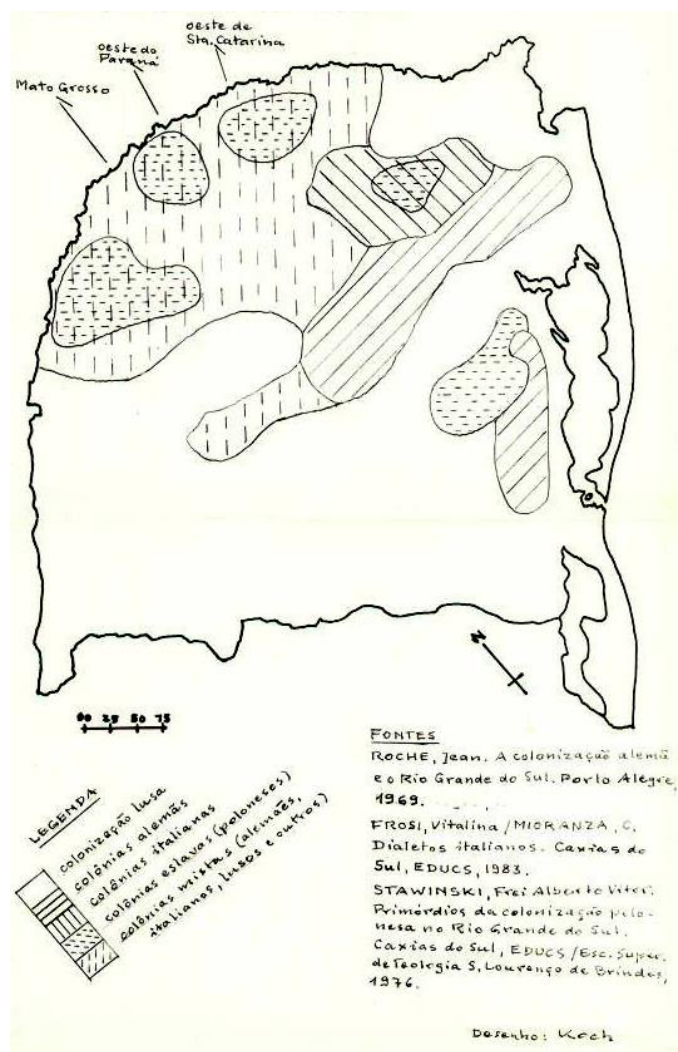
Outro aspecto a considerar é que os poloneses, como é de se supor em relação a essas populações imigrantes, dominavam mais de uma língua. Sabendo de todas as transições políticas que a Polônia sofreu, o mais comum que se podia esperar era negar a sua língua materna, para fazer parte – enfim – de um grupo e de uma língua legitimamente aceitos por um Estado que não tinha mais o estigma da ocupação alógena, como no caso da Prússia, Rússia e Áustria, em uma Polônia dividida. Aqui, os imigrantes estavam na “terra dos outros”, que falavam a língua portuguesa. Qual o papel do polonês, nesse cenário? Como se relacionava ao português, como língua oficial? E diante dessa tese e antítese, quais os critérios de escolha das línguas? São perguntas que atentam para o papel social e identitário da língua de imigração, que esta Tese precisa considerar na sua relação com a vitalidade linguística do polonês, no contexto lusófono e plurilíngue do Brasil.

Em relação à imigração polonesa em Santa Catarina, iniciada em 1869, mais especificamente na Região do Vale do Itajaí-Açu e áreas vizinhas no Paraná, Goulart (1984) chama atenção para o momento difícil pelo qual a Colônia Príncipe Dom Pedro estava passando em relação à distribuição de lotes e acomodação dos imigrantes que ali se encontravam. Havia um número relativamente pequeno de terras produtivas para agricultura; isso fez com que os poloneses, por corresponderem à última leva de imigrantes que chegaram à Colônia, juntamente com alguns italianos, tivessem que ocupar as terras que restaram, as zonas de mata, dificultando a sua permanência nessas áreas. Alguns poloneses e italianos permaneceram trabalhando para os demais colonizadores, os alemães. Outro grupo, a partir de 1871, junto com Edmundo Wos Saporski, cognominado como “pai da imigração polonesa”, usou dessa estratégia para transferir os poloneses da Colônia de Brusque (Colônia Príncipe Dom Pedro) e levá-los a Curitiba-PR.

Ao analisar os registros em cartório e identificar o batizado do primeiro polono-brasileiro nascido em terras catarinenses, Goulart (1984) desmistifica a tese de que os primeiros poloneses brasileiros teriam nascido no Paraná. São discursos correntes tanto em Santa Catarina, quanto no Paraná e no Rio Grande do Sul, em relação aos imigrantes eslavos. Para os estudos linguísticos, tais diagnósticos socioeconômicos dos processos históricos constituem subsídio para a descrição e interpretação da vitalidade das línguas eslavas. E mais uma vez, põe em dúvida o local da chegada dos imigrantes eslavos nos estados da Região Sul do Brasil.

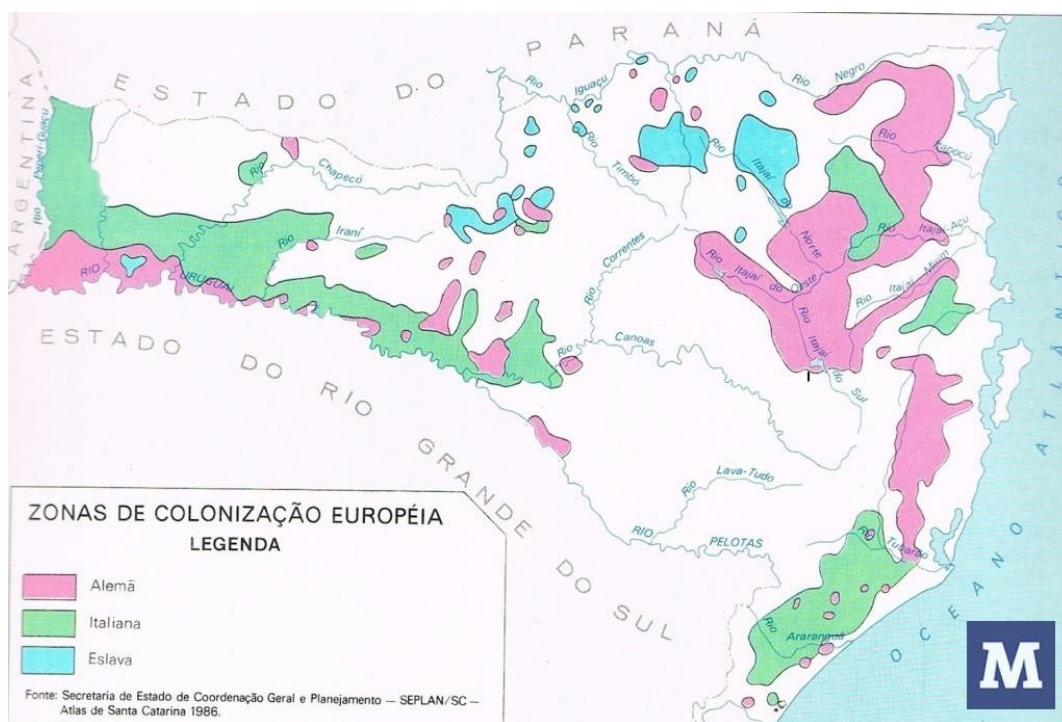
É certo, contudo, afirmar a presença significativa de populações de imigração polonesa e, conseqüentemente, de comunidades de fala polonesa, no sul do Brasil. Os mapas a seguir, de Roche (1969) e Martins (1989), visibilizam essa ocupação e difusão, mas estão longe de representar um mapeamento claro e atualizado do conjunto “real” das comunidades, para o qual um inventário do polonês poderia trazer novos impulsos. Mesmo assim, embora não seja o foco desta Tese, como ponto de partida, pode-se identificar as áreas mais representativas, com maior presença polonesa (ver também mapa 8).

Mapa 2 – Áreas de imigração polonesa no Rio Grande do Sul



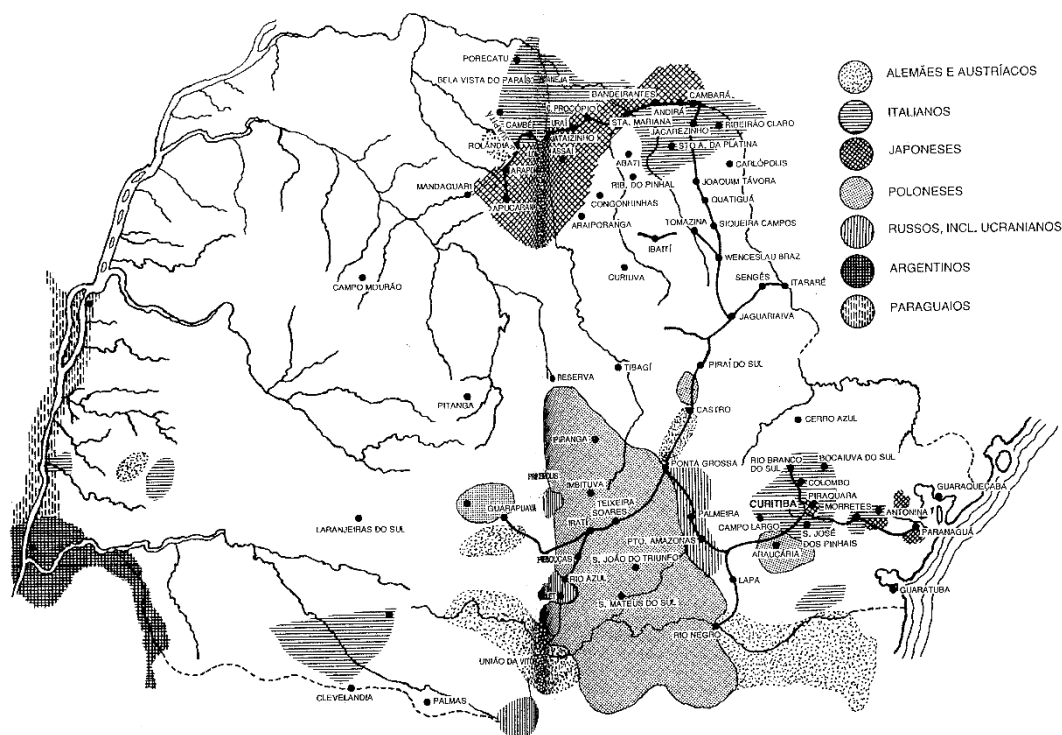
Fonte: Esboço de Walter Koch (1969). Acervo de Mapas do projeto ALMA / UFRGS

Mapa 3 – Áreas de imigração polonesa em Santa Catarina



Fonte: SEPLAN/SC, Atlas de Santa Catarina (1986)

Mapa 4 – Áreas de imigração polonesa no Paraná



Fonte: Martins (1989, p. 82)

1.1.2 Escolas da imigração polonesa como suporte à língua

É inegável, tanto mais para uma população imigrante como a das comunidades de fala polonesa, o papel da escola como suporte à sua língua e cultura. Gardolinski (1977), por exemplo, analisa a influência das *Escolas da colonização polonesa no Rio Grande do Sul*, a partir de 1890, e explicita a necessidade dos imigrantes tanto de suas escolas quanto de suas igrejas. Os domínios da igreja e da escola, pode-se dizer, constituem dois pilares centrais de sustentação da língua.

As próprias colônias – no novo mundo, em que faltava tudo – se viram na obrigação de construir as escolas, pois não havia apoio do governo e nem das prefeituras. Para professor, era escolhido um membro da comunidade de notório saber. Vale lembrar que, antes de aprender o português, os alunos tinham aulas em polonês para compreender, ler e escrever em sua língua materna. Entretanto, se a escola de língua polonesa está associada a uma comunidade de língua polonesa, somente a partir de 1890 que se têm registros da constituição de colônias essencialmente polonesas, embora já tenham vindo imigrantes poloneses desde 1875. Estes, porém, viviam em meio a outras comunidades, especialmente de fala italiana (cf. STAWINSKI, 1976).

Além disso, é preciso ter em mente que a política de nacionalização do Estado Novo (1937-1945), que viria mais tarde, tinha o intuito de converter todos os imigrantes inclusive os imigrantes poloneses em cidadãos brasileiros, com a expectativa de que pudessem se aculturar e esquecer, desse modo, sua história, sua pátria e sua nacionalidade. Nesse contexto ideologicamente bastante tenso, o censo populacional realizado no Brasil pelo IBGE (1950) contribuía em certo sentido para rastrear e monitorar os estrangeiros que não se consideravam brasileiros e que ainda falavam outra língua. “Segundo grandes categorias de nacionalidade, os habitantes que falam no lar uma língua estrangeira ou aborígene discriminam-se como consta dos dados seguintes”.

Tabela 3 – Categorias de Nacionalidade

Nacionalidade	Habitantes que falam no lar uma língua estrangeira ou aborígene	
	Número absoluto	Porcentagem
Estrangeiros	348.182	21.43
Brasileiros naturalizados	21.132	1.30
Brasileiros natos	1.254.203	77.22
De nacionalidade ignorada	771	0,05

(IBGE, 1950, p. 13)

O índice de 21,43% chama sem dúvida a atenção; em um estado nacionalista como o Brasil da época do Estado Novo, não nos surpreende, como observa Oliveira (2014), que o censo servisse para identificar possíveis ameaças ao governo brasileiro. Para o poder público, os imigrantes poderiam, de alguma forma, estarem ligados a ações políticas externas que pudessem atrapalhar os planos políticos de nacionalização, no Brasil do período Vargas. A língua de imigração polonesa, como as demais línguas, teve, assim, que desenvolver estratégias de manutenção, ao menos até se apropriarem da língua oficial, o português. É preciso considerar que os imigrantes chegaram sem qualquer conhecimento de português, até onde se sabe, e que o acesso à escola em português, e até mesmo à língua portuguesa, iria demorar ainda algum tempo, especialmente nas áreas rurais, muitas vezes despovoadas. Isso garantiu ao polonês uma sobrevivência de pelo menos duas gerações. Nos dias atuais, o cenário da diversidade linguística constituído de mais de 250 línguas indígenas (IBGE, 2010) e cerca de 56 línguas de imigração, além de línguas de sinais (LIBRAS), manifestações afro-brasileiras e línguas crioulas, ainda se alimenta desse período inicial de abandono à sua língua da comunidade (ALTENHOFEN, 2013).

Gardolinski (1977) aponta que, esquecidas pelo poder público, as escolas das colônias polonesas ensinavam, além da língua materna, também alemão aos polono-brasileiros, língua igualmente bastante empregada na colônia, como era de se esperar já desde a matriz de origem, em função da ocupação prussiana e austríaca.

A escolha dos imigrantes eslavos pelo alemão, no Brasil, ou se designarem em parte como “alemães” pode ser atestada em estudos linguísticos de pesquisadores poloneses, como Makurat (2007a *apud* FERREIRA, 2015), que analisa as influências políticas e históricas sobre o polonês, nos períodos das diversas divisões da Polônia. Nessas divisões, o povo Cassúbio⁶, também considerado minoria e com língua pertencente às línguas minoritárias da Polônia, sofreu repressão do próprio povo polonês, que via a língua cassúbia como um dialeto do povo cassúbio. Podemos, assim, ponderar que os poloneses que chegaram ao Brasil falando a língua alemã e também se designando “alemães” podem ter pertencido a essa cultura e língua dos cassúbios, o que explicaria suas preferências linguísticas

Gardolinski (1977) examinou manuscritos, documentos, cartas, livros paroquiais, livros de atas de sociedades, livros de viagens, registros escolares, anotações de professores, calendários antigos de 1890 e 1901, revistas com publicação mensal, fotografias e depoimentos de pessoas. Sua base de dados abrange um total de 128 escolas, perfazendo

⁶ O cassúbio é definido como uma variedade da língua polonesa.

mais de 3.500 alunos disseminados pelo interior do Rio Grande do Sul. Um dos aspectos que orientam a atuação dessas escolas, segundo Gardolinski, é são os esforços das comunidades eslavas em manter sua língua. Tal é corroborado pelo mapa a seguir das escolas de língua polonesa apresentado por Polanczyk (2010, p.31). Chama a atenção a quantidade de escolas e área abrangida, o que revela um sistema escolar de base bastante firme e sólida.

Mapa 5 – Mapa das escolas de imigração polonesa



Fonte: Polanczyk (2010, p. 31)

O mapa em certo sentido replica as áreas de imigração polonesa já observadas, em parte, nos mapas 2, 3 e 4, para cada estado do sul do Brasil: no RS, as áreas em torno de Dom Feliciano (mais ao sul), Guarani das Missões (região das Missões) e Áurea (no Alto Uruguai); em SC e PR, a área contígua do norte do Paraná (Ponta Grossa) e norte de Santa Catarina. Mas, evidentemente, esse mapeamento se refere a um período mais inicial,

interrompido pela política de nacionalização do Estado Novo. Infelizmente, mais uma vez, os poloneses se viram na iminência de abrir mão de sua língua para dar preferência a uma língua política e imposta no solo brasileiro, o português. Lembrando que, não foi somente na Era Vargas que o Brasil sofreu perdas linguísticas, todo o processo de colonização do Brasil gerou consequências linguísticas gravíssimas, tanto para comunidades autóctones quanto alóctones.

Por fim, vale ressaltar que um dos aspectos que se pode relacionar ainda à influência das escolas da imigração polonesa diz respeito à ausência de variedades dialetais do polonês, ao menos não na mesma proporção de variabilidade que se observa no grupo de línguas de imigração alemã e italiana. A predominância, até onde se sabe, de um polonês comum das comunidades polonesas é uma característica desse grupo. Uma descrição mais aprofundada da variação interna do polonês falado no Brasil ainda inexistente. Por ora, além da preocupação em documentar a língua, a questão que perpassa a presente Tese, relativa ao diagnóstico da vitalidade linguística e às medidas de manutenção e revitalização da língua, parecem se sobressair, na pesquisa.

Todos os imigrantes, em decorrência da imigração e das sucessivas migrações internas, entraram em contato não apenas com o português, mas com uma série de variedades de outras línguas presentes em seu entorno. Nesse contato, o polonês se afirma com sua própria identidade e sofre influências diversas. É o que se verá a seguir.

1.1.3 Polonês – ou polaco? – no Brasil

Em seu estudo sobre a afluência dos colonos eslavos no Brasil, Gluchowski (2005) retrata especificamente as alocações de cada imigrante bem como suas contribuições para a configuração cultural e ocupação dos espaços, agricultura, política, educação, religiosidade e suas diásporas nas respectivas áreas de imigração. Em relação às línguas, o autor traz um retrato sobre a presença polonesa nas colônias, em especial em Santa Cândida, Região Metropolitana de Curitiba, em que analisa os costumes, vestimentas, cultura característicos da população local. Segundo Gluchowski, com a perda cada vez mais frequente do polonês pelos descendentes, especialmente pelo jovem, e sua substituição pela língua portuguesa, também se perdia o que chama de *polonismo*. Com isso, o sentimento nacionalista é retratado como característica do “novo mundo”, em que se perde a nacionalidade original, para se constituir em outra nação. Na leitura do texto, a língua representa uma questão secundária para o pesquisador, não no sentido de ser menos importante, mas, sim, como parte da

complexidade que é deixar de ser polonês no sentido cultural, para se constituir como cidadão polono-brasileiro.

Enquanto alguns membros dessas comunidades ainda mantêm esse sentimento de polonismo, ao qual se refere Gluchowski, outros desejam apressar o processo de abrasileiramento a si e a seus filhos e netos, fortalecendo a base de domínio da língua portuguesa e, conseqüentemente, enfraquecendo a língua materna, no caso o polonês. Essa, na verdade, não é uma constatação exclusiva do polonês, mas também observada em outros grupos minoritários.

Na pista dos processos históricos das línguas eslavas e do cenário em que se desenvolvem, observamos ainda a contribuição dos estudos de Martins (2007) e Iarochinski (2010), que ressaltam as características da cultura e da língua, incluindo o preconceito que sofreram os imigrantes eslavos em terras paranaenses.

Martins (2007) descreve a presença eslava na formação do município de Arapongas-PR. Especial atenção é dada às novas glebas formadas e organizadas desde 1937, em uma área distante 15 km da sede do município. Essa área, vale lembrar, foi projetada para receber colonos poloneses durante a Segunda Guerra Mundial. O estudo enfoca basicamente uma gleba, preparada para receber poloneses, ucranianos e japoneses, a partir de um acordo entre Brasil e Polônia, em um período de ocupação intensa das terras no norte paranaense, nas décadas de 1920 e 1930 (MARTINS, 2007). Está claro que, nesses lotes divididos em alqueires, estabeleceram-se também mineiros, nordestinos, paulistas, além dos imigrantes poloneses, ucranianos e japoneses. Na gleba, a língua materna era importante para manter o sentimento nacionalista, pois, preservando a própria língua, se mantinha viva a identidade e as tradições de sua pátria.

Em seu estudo, *“Polaco”: identidade cultural do brasileiro descendente de imigrantes da Polônia*, Iarochinski (2010) busca desmistificar o sentido pejorativo do termo *polaco*, com que muitos se referem aos descendentes dos imigrantes vindos da Polônia, os quais, segundo ele, há mais de 90 anos sofrem uma campanha sistemática pela eliminação da língua falada no País. Em tom de reação, resalta a identidade de “polaco” desse imigrante polonês e recorre à etimologia, para justificar sua opção:

A tradução de “polak” (que designa o nativo da Polônia), em todas as línguas latinas, com exceção do francês e romeno, é “polaco”. Em Portugal [...], o único termo usado é “Polaco”. Em Portugal e demais países de língua portuguesa, o único termo usado é “Polaco”. Sendo desconhecido o termo “polonês”. A rejeição equivocada abre espaço para que se elucide alguns aspectos da tradução literal e adequada do idioma “Polaco” para o português: Polska= Polônia; Polak= Polaco; Polaków= Polacos. (IAROCHINSKI, 2010, p. 48-49).

Enfim, o autor busca, na literatura polonesa, em linguistas, filólogos, gramáticos, como Cunha (1991), Cintra e Cunha (2001) e Bagno (2001), bem como em definições de dicionários, a explicação para afirmar e reafirmar o uso do termo *polaco* como parte da identidade do descendente polonês. Por outro lado, os defensores do vocábulo equivalente *polonês* buscaram, na verdade, um novo termo para designar a etnia polonesa, “*polônico*”⁷, um termo já muito referenciado em textos acadêmicos. Para Iarochinski, esse termo não faz sentido nenhum, pois em 2010 nem os dicionários como Aurélio e Houaiss o registravam.

Fica a pergunta se, para os estudos linguísticos, a definição de “polaco”, “polônico” ou “polonês” serve como indicador para os fatores que favorecem ou desfavorecem a vitalidade linguística ou presença/manutenção da língua de imigração, ou ainda se há preconceito em relação à designação de “polaco” ou “polonês”. Os fatores que favorecem e ou desfavorecem o uso e manutenção do polonês no contexto do Sul brasileiro têm na identidade de ser “polaco” ou polonês um elemento de certo modo ambíguo, pois leva o falante a se autodiscriminar e, ao mesmo tempo, determinar como gostaria de ser chamado. Na diversidade, há sem dúvida espaço para se autodefinir na identidade, e oportunizar a todos o direito de se identificar como “polaco”, “polonês”, “polônico” ou outra denominação a qual desejar. O que não se pode é formar suposições sem fundamento na pesquisa ou na realidade das línguas.

1.2 CENÁRIO DOS ESTUDOS DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CONTATO COM O PORTUGUÊS

Ao delinear uma perspectiva de pesquisa linguística dos contatos de imigração eslava, as teorias podem ser as mais diversas, desde o campo descritivo ao aplicado, ou mesmo de uma análise micro- para um campo de visão mais macrolinguístico. Um entrave é dado pela complexidade dessas línguas, que não se expõem em um cenário linguístico claro e límpido no que diz respeito à sua presença e vitalidade no contato com o português.

Neste capítulo, propomo-nos a clarear o estado das pesquisas, identificando áreas abrangidas, tópicos de interesse, bem como lacunas dos estudos, no que se refere especificamente aos fatores que favorecem e desfavorecem a vitalidade do polonês e sua presença na Região Sul do Brasil, em sua relação com os processos históricos.

⁷ O adjetivo “*polônico*” é a tradução do termo “*polonijny*” usado na língua polonesa para caracterizar atuação dos poloneses ou seus descendentes que residem fora da Polônia.

Como ponto de partida, vale observar o Quadro 1 a seguir que apresenta uma visão geral dos estudos sobre o polonês e demais línguas eslavas em contato com o português. O quadro não tem a pretensão de ser um levantamento exaustivo, e sim simplesmente diagnosticar o estado da arte.

Quadro 1 – Estudos linguísticos sobre línguas de imigração eslava

Estudo	Área/Localidade	Tópicos de análise (título)
Delong e Kersch (2014)	Cruz Machado-PR	Presença das línguas eslavas; polonês no contexto religioso.
Delong (2016)	[Santa Faustina] Centro-sul do PR	Vitalidade linguística das línguas eslavas.
Maciel (2010)	Itoupava Norte, em Blumenau-SC e Benjamin Constant, em Massaranduba-SC	Manutenção e ou revitalização da língua polonesa.
Semechechem (2016)	Prudentópolis-PR	Presença da língua ucraniana; ações de bilinguismo.
Scholtz (2014)	Virmond-PR e Candói-PR	Contato da língua ucraniana e polonesa; identidade linguística das comunidades.
Wepik (2017)	Áurea-RS e Nova Erechim-SC	Atitudes linguísticas, crenças dos descendentes poloneses.
Cunha (1998)	_____	Definição dos etnônimos eslavos/polaco x polonês.
Mazurek, Oliveira e Wenczenowicz (2009)	Panorama brasileiro	Ilustração bilíngue português-polonês; trajetória polonesa no Brasil.
Nadalin (2005)	Artigo	Sintaxe do polonês.
Zdzisław Malczewski SChr (2008)	Contexto brasileiro de presença do polonês	Paisagem linguística – ilustração bilíngue.
Rhobodes (2017)	Alemanha	O contato do polonês com o alemão na Universidade de Viadrina – Alemanha.
NEES – UNICENTRO	Núcleo de Estudos Eslavos	Programa de Extensão Permanente sobre pesquisas das línguas Eslavas.
Costa e Loregian-Penkal (2015)	Núcleo de Estudos Eslavos (NEES) da Universidade do Centro-Oeste (UNICENTRO)	Projeto de Extensão, vinculado ao Programa de Extensão Permanente Mapeamento da Cultura Eslava no Sul do Paraná: Banco de Dados Variação Linguística de Fala Eslava (VARLINFÉ).
Martins (2009)	Áurea-RS	Identidade polaca no Norte gaúcho

Fonte: A Autora

A primeira observação a fazer é que a maioria dos estudos levantados sobre línguas de imigração eslava surgiu nos últimos dez anos. Além de teses e dissertações, há entre esses estudos trabalhos como o do Núcleo de Estudos Eslavos (NEES) da Unicentro, definido

como um Programa de Extensão Permanente desenvolvido estabelecido no *Campus* de Irati, por uma equipe interdisciplinar formada por professores e acadêmicos. O NEES busca dar visibilidade à cultura eslava fazendo levantamento dos aspectos culturais de imigrantes eslavos que ocuparam o centro-sul do Paraná. As principais ações do NEES, centradas no mapeamento da cultura eslava, são apoiadas pelo ProExt-MEC/SESu⁸. No caso do NEES, as pesquisas estão centradas nas características variacionistas das línguas eslavas, como o banco de dados Variação Linguística da Fala Eslava (VARLINFE), de seis municípios do Paraná: Irati, Rebouças, Rio Azul, Ivaí, Mallet e Prudentópolis. Teoricamente, as pesquisas variacionistas nessa área começaram em 1984, com Leda Bisol e demais pesquisadores, para medir a interferência da língua falada dos imigrantes eslavos na Região Sul.

O artigo de Costa e Loregian-Penkal (2015) faz parte de uma coleta de narrativas e de experiências de falantes nas regiões selecionadas pelo NEES, como Projeto de Extensão, o qual usou uma metodologia da Sociolinguística Quantitativa Laboviana. Nesse trabalho, o foco foi identificar a influência das línguas eslavas no português falado nos municípios de base de pesquisa do VARLINFE. Foram realizadas entrevistas com 144 informantes nos municípios de Irati, Rebouças, Rio Azul, Ivaí, Mallet e Prudentópolis, no Paraná, sendo 24 informantes em todas as comunidades. O foco do estudo recaiu sobre a descrição da interferência das línguas eslavas no português falado.

Dentre os demais estudos levantados, 12 no total, destacam-se temas e abordagens diversas, que enfocam aspectos mais específicos da língua de imigração e seu uso em comunidades de fala eslava, incluindo polonês, ucraniano e russo. Na sequência, esses aspectos serão analisados conforme os diferentes tópicos e áreas de estudo.

⁸ Programa de Extensão Universitária/Ministério da Educação/Secretaria de Educação Superior (ProExt-MEC/SESu) responsável por fomentar, organizar e avaliar programas que contribuam nas ações de políticas públicas educacionais no ensino superior.

1.2.1 Uso da língua de imigração polonesa no contexto religioso

A relevância da religião, para as comunidades de imigração polonesa, e seu papel na manutenção de sua língua são comprovados no estudo de Delong (2016). Delong e Kersch (2014) mostram também o uso da língua de imigração polonesa no contexto religioso como elemento de constituição da identidade. O estudo analisa o relato e a fala de um jovem padre polonês, na região de Cruz Machado-PR, sobre a presença e a vitalidade da língua polonesa na comunidade. Nessa comunidade, o padre reza a missa uma vez por mês em polonês para os moradores de fala polonesa da região. Observa-se, portanto, a vitalidade linguística no letramento litúrgico em polonês, ou seja, a manutenção da língua dá-se na esfera religiosa. Fica evidente, portanto, a vinculação entre língua polonesa e comunidade de prática religiosa, usando o conceito de “comunidade de prática” como um valor social apontado por Eckert (2008).

Em 2014, época das entrevistas da pesquisa, o referido padre já observava que algumas comunidades próximas não mais realizavam a liturgia na língua polonesa e que a presença de jovens não era significativa para manter a língua, já que, para ele, a língua não tinha prestígio e não “servia para muita coisa” (DELONG; KERSCH, 2014, p. 79). Percebemos, nesse relato, que, apesar de o pároco usar a língua como manifestação de discurso e identidade, para justificar a presença da língua na comunidade, ele mesmo colocava em dúvida seu valor como prática a ser mantida, isto é, que merecesse uma ação relevante para manutenção das crenças e da língua polonesa na comunidade. O que merece atenção é a maneira com que os próprios falantes veem a língua. Apesar de a religiosidade ser um fator relevante para a manutenção da língua, ainda não é o que garante a presença dela nas comunidades de falantes de uma língua de imigrante.

Os fatores ligados à religiosidade são, como se vê, de extrema relevância para manter a língua na comunidade. Porém o que é preciso ponderar, como será discutido no capítulo 4, é que a língua falada na comunidade não tem o mesmo valor de prestígio que a língua elitizada e falada pelos líderes religiosos, consideradas “autoridades”. Isso tem também resultado em uma autodiscriminação do próprio modo de falar polonês, pelos próprios falantes.

Delong (2016) aprofunda a análise da vitalidade linguística no contexto bilíngue, identificando as esferas em que a língua se mantém significativamente e aquelas em que vem sendo substituída pelo português. Para a autora, a língua de imigração se fortalece na quantidade de práticas sociais e domínios em que ela está inserida, entre os quais enumera, em ordem de relevância, a religiosidade, o conhecimento dos falantes em relação à língua, o

uso da língua em diferentes faixas etárias; o papel da mulher na transmissão dessa língua, a presença e manutenção por meio da geração acima de 55 anos, entre outros.

A pesquisa em questão foca-se não só no contexto e circulação da língua, mas também na sua estrutura nas comunidades de uso e de fala, que garantem ou não sua manutenção pelos falantes. A isso se soma a compreensão do panorama das ações de política linguística observadas na comunidade, por exemplo, as aulas de polonês no (CELEM) Centro Línguas Estrangeiras Modernas. Essas aulas mostram-se insuficientes para manter a língua, pois os alunos não fazem uso da língua polonesa quando não estão em sala de aula. Observamos mais um dos fatores que podem favorecer a vitalidade de uma língua: os cursos de línguas de imigração em instituições dispostas a manter a língua na comunidade.

Delong (2016) conclui que a vitalidade da língua de imigração polonesa, nessa comunidade, mantém-se apenas por meio de eventos de letramento, tradições e costumes poloneses, nos quais a religião e a identidade desempenham papel central. Vemos, portanto, que ações de promoção da manutenção de línguas minoritárias, nesse caso o polonês, mostram-se ineficazes, se não são acompanhadas de práticas linguísticas que levem a essa promoção. Sem isso, os alunos falantes de polonês, em algum momento do processo escolar, inevitavelmente deixarão de falar a língua. Afinal, como se trata de uma prática de “Ensino de Língua Estrangeira”, o polonês não é visto como língua materna. Não se trata, enfim, de discutir as ações metodológicas que compõem as práticas do CELEM, mas sim, de analisar e considerar o contexto bilíngue em que estão inseridos os aprendizes.

1.2.2 Língua de imigração polonesa em contexto escolar

A presença do polonês no contexto escolar foi também o tema da dissertação de mestrado de Maciel (2010). Esse estudo, realizado nas comunidades rurais de Itoupava Norte, em Blumenau-SC, e Benjamin Constant, no município limítrofe de Massaranduba-SC, mostrou que a língua de imigração polonesa foi usada especialmente no letramento litúrgico, na escola e em eventos culturais realizados em datas comemorativas. O objetivo principal da pesquisa foi identificar os contextos de uso da língua e, assim, determinar sua vitalidade linguística e, com isso, observar se seus falantes sinalizavam para a manutenção, revitalização ou perda linguística, já que nesse contexto há também forte presença de falantes de alemão.

Nesse contexto bilíngue português-alemão, polonês-alemão e português-polonês, o polonês apareceu na prática das escolas multisseriadas e nos cursos de idioma promovidos

pela comunidade local. Alguns falantes do polonês, ao ingressarem na escola, iniciavam as aulas de alfabetização apenas falando no polonês “de casa”, sendo que alguns também falavam alemão, levando os próprios colegas de sala a auxiliarem como intérpretes do português para o polonês.

O foco de interesse na alfabetização bilíngue surgiu com a instauração, na comunidade no período de 2006 a 2008, do ensino bilíngue em alemão. A proposta foi fundamentada e assessorada por um grupo de professores bilíngues com acompanhamento pedagógico da Secretaria de Educação Municipal e o apoio do poder público. Infelizmente, esse apoio foi cancelado pela nova administração municipal, que assumiu em 2009.

Em 2007, as duas comunidades receberam uma professora vinda da Polônia, que ministrava aulas em polonês na igreja da Comunidade Benjamin Constant, no período de contraturno dos alunos em idade escolar. Além disso, havia também uma turma de adultos que participavam das aulas no período noturno. Segundo os relatos dos entrevistados, foi um momento de muita participação na comunidade. Contudo, depois do término do contrato da estagiária polonesa, que regressou à Polônia, as aulas foram encerradas. Percebemos, nesse estudo, o desejo da comunidade de aprender a escrever na língua polonesa, mas a falta de investimento e apoio pelas organizações, tanto religiosa quanto política, impediu a continuidade das aulas.

Novamente, confirma-se a relevância do suporte institucional e social para garantir a execução das ações de *language promotion*. As ações de política linguística que não possuem esse suporte e não dão continuidade acabam se perdendo nos processos naturais de contato linguístico com a língua majoritária (CALVET, 2007). Notoriamente, as ações para a língua por meio das aulas em polonês levam a crer no interesse do pequeno grupo em manter sua língua. Esse é um fator também relevante, o qual ocorre nas comunidades linguísticas das demais línguas de imigração no Sul do Brasil.

1.2.3 Papel das práticas linguísticas

As práticas linguísticas são tema central da tese de Semechechem (2016), intitulada *Multilinguismo na escola: práticas linguísticas em uma comunidade de imigração ucraniana no Paraná*. O estudo se desenvolve em uma escola de comunidade ucraniana da área rural de Prudentópolis-PR. Ciente da presença ucraniana em seu entorno, a escola municipal faz uso de estratégias para manter essa língua de imigração como prática recorrente na escola. Entre os recursos usados, estão conversas informais, atividades lúdicas,

atividades escritas, entre outros procedimentos selecionados de acordo com a série, idade e turma. Semechechem conclui, ao final, que as práticas linguísticas na escola da comunidade ucraniana da zona rural de Prudentópolis produzem ações multilíngues, em que a escola colabora na promoção da língua. A pesquisa de Semechechem segue a etnografia da linguagem, para se aproximar dos informantes e compreender as práticas locais.

Ao lado das práticas linguísticas, são também abordadas questões relevantes sobre as políticas linguísticas implementadas na comunidade, visando a manter e “cultivar” a cultura e língua de imigração ucraniana. É curioso notar que, apesar da presença paralela do polonês, as práticas linguísticas são reforçadas exclusivamente em ucraniano, em todas as esferas da comunidade, envolvendo igreja, escola, grupos folclóricos, entre outros. Observa-se que a *language shift* (FISHMAN, 2006) do ucraniano pelo polonês foi perdendo espaço e se tornando obsoleta na comunidade, na medida em que as ações e atividades de promoção do ucraniano foram se consolidando. Podemos observar que essas ações comprovam a importância das atividades realizadas juntamente com a comunidade. Essas práticas linguísticas inserem os falantes dando voz e espaço para que se fortaleçam nas suas crenças, cultura e conseqüentemente na língua.

No caso do polonês, nessa comunidade, observamos a sua substituição clara pelo ucraniano. Há vários fatores que podem explicar esse redirecionamento, entre os quais se pode citar a similaridade das línguas (eslavas), o status social local do ucraniano, a representação demográfica desigual que obriga à adaptação ao grupo imigrante predominante.

1.2.4 Identidade de falantes de polonês e ucraniano em contato com o português

Contato semelhante entre as línguas de imigração polonesa e ucraniana foi estudado por Scholtz (2014), nas localidades de Virmond e Candói, no centro-sul do Paraná. O estudo segue os pressupostos e métodos da Teoria Pluridimensional e Relacional de Radtke e Thun (1996) para descrever aspectos da identidade linguística dessas duas comunidades plurilíngues, onde vivem falantes do polonês e do ucraniano. A pesquisa analisou as interinfluências do contato polono-ucraniano. Os informantes da pesquisa eram todos falantes bilíngues polonês-português e ucraniano-português. Scholtz (2014, p. 43) organizou esses informantes em quatro grupos, “[...] divididos por critérios socioculturais, ou de escolaridade formal (diatráticos), localização geográfica (diatópico), pela faixa etária (diageracional), pelo gênero (diagenérica)”. Com isso, a autora chegou à seguinte matriz de

entrevistas, que inclui os grupos CaGI e CaGII (parte superior da cruz) e CbGI e CbGII (parte inferior).

Figura 1 – Dimensões de análise diastrática e diageracional

CaGII	CaGI
CbGII	CbGI

Fonte: Thun (1998, p. 711)

A comparação horizontal entre os dados da geração mais velha (GII) e mais jovem (GI) permite uma análise da tendência de “mudança em progresso”. A comparação vertical entre falantes da classe mais e menos escolarizada (Ca e Cb) aponta, por outro lado, a influência da escolarização e do acesso ao português. Por fim, a comparação dos dados dessas dimensões entre ambas as comunidades, nas localidades de Virmond e de Candói, dá uma visão dos condicionamentos mais macrolinguísticos, do entorno que formou essas comunidades. O quadro a seguir resume esses diferentes cruzamentos nas respectivas dimensões de análise.

Quadro 2 – Informantes das localidades pesquisadas por Schultz (2014)

Área Geográfica	Idade	Gênero	Classe Social	Total de informantes
Ponto bilíngue polonês, Virmond	Geração 1 (GI) 18 acima 36 anos	Homens	Ca e Cb-02 informantes	08
		Mulheres	Ca e Cb-02 informantes	
Geração 2 (GII) acima de 55 anos)	Homens	Ca e Cb-02 informantes		
	Mulheres	Ca e Cb-02 informantes		
Pontos bilíngue ucraniano-português, Candói	Geração 1 (GI)- 18 acima 36 anos	Homens	Ca e Cb-02 informantes	08
		Mulheres	Ca e Cb-02 informantes	
Geração 2 (GII) acima de 55 anos)	Homens	Ca e Cb-02 informantes		
	Mulheres	Ca e Cb-02 informantes		

Fonte: Scholtz (2014, p. 46)

A coleta de dados por meio da aplicação de questionário revelou que o informante se identificava de diferentes modos com sua etnia/sua língua/sua identidade. Foi constatado que, embora os informantes se considerassem bilíngues, tanto português-polonês quanto português-ucraniano, não faziam uso efetivo da língua minoritária. Assim, na falta da língua, a identidade foi expressa por meio de outros aspectos de ordem cultural, como festas, culinária ou religiosidade, muito mais do que pela língua. Esses resultados nos levam a refletir sobre as estratégias normalmente implementadas para a manutenção de uma língua. Isso leva em consideração o fato de os falantes considerarem a sua língua menos importante do que a língua oficial, explicando por que a língua ainda está sendo vista como apenas como parte da memória cultural e histórica, como se não fizesse mais parte do presente. Sabemos, porém, que a língua constitui o sujeito, e continuar falando na sua língua não apenas reafirma a identidade, como também determina seu lugar na diversidade.

Portanto, as línguas de imigração como parte histórica e de identidade cultural dos falantes necessitam de um espaço de valor tanto para as comunidades linguísticas, quanto para a sociedade que não as reconhecem como manifestação e fortalecimento dos seus laços com a sua história. O estudo de Scholtz (2014) é bastante sintomático, nesse sentido.

1.2.5 Crenças e atitudes linguísticas

Em seu estudo sobre *Crenças e atitudes linguísticas de polono-brasileiros de Áurea-RS e Nova Erechim-SC: o uso dos termos de parentesco*, Wepik (2017) comparou o comportamento bilíngue variável de falantes polonês-português em uma colônia-mãe (*Mutterkolonie*), no Rio Grande do Sul, e seus descendentes na colônia-filha (*Tochterkolonie*), no oeste de Santa Catarina. Igualmente, com base no modelo pluridimensional e relacional de Thun (1998), Wepik correlaciona as atitudes linguísticas dos falantes com fatores extralinguísticos que englobam os parâmetros das seguintes dimensões: diatópica (Áurea-RS e Nova Erechim-SC), diageracional (GII [55 anos ou mais] e GI [de 18 a 36 anos]), diasssexual (masculino e feminino) e diastrática (Ca [com graduação completa ou cursando] e Cb [nenhuma escolaridade até o ensino médio]) – ver Radtke; Thun (1996).

Para analisar adequadamente os resultados, o estudo leva em conta, além disso, aspectos ligados ao plurilinguismo, à manutenção e substituição linguística, à revitalização linguística e à cooficialização. Vale salientar que o modelo teórico proposto nesses dois

últimos estudos propicia uma visão macro, em que se buscam sínteses sobre o caminho ou o rumo que a língua minoritária está tomando na respectiva comunidade. Para tanto, foi utilizado um questionário metalinguístico, para análise das crenças dos falantes, além de um questionário lexical baseado nos termos de parentesco como indexador das tendências observadas na manutenção e/ou substituição da língua polonesa nos pontos de pesquisa. Depreende-se, nessas descrições, que os diferentes estudos linguísticos relacionados às línguas eslavas no Sul do Brasil contemplam cenários diversos, cada um com sua particularidade e significado para a pesquisa dessas línguas.

Assim, o que presumimos é a construção de materiais de pesquisa para atestar os bancos de dados das pesquisas linguísticas. Há muito que se investigar e aprofundar para que possamos ter uma visão panorâmica da presença das línguas eslavas no solo brasileiro. Todas as contribuições já realizadas são relevantes e a partir delas é possível compreender o estado da arte e as lacunas, tornando-as, de certo modo, como ponto de partida para pesquisas que fomentem outras lacunas que necessitam ser preenchidas e desmistificadas.

1.2.6 Novamente, a oposição de sentido entre *polaco* e *polonês*

A partir e para além do quadro 1, apresentado inicialmente, encontram-se estudos pontuais mais específicos envolvendo línguas de imigração eslava. Um exemplo é o artigo de Cunha (1998) sobre “Alguns etnônimos eslavos”, em que que enfoca a definição, origem e formação de eslavismos e correlatos no português. Entre os exemplos analisados, estão palavras como *mosco*; *moscovita*; *polaco*; *polonês*; *polônio*; *polono* e *ruteno*. Cunha usou de transcritos dos séculos XVI, XVII e XVIII para compreender e explicar a origem desses vocábulos. Esse tipo de análise fornece subsídios para o estudo das variedades existentes, que incluem denominações como “polaco”, já referido na seção 1.1.3. A identidade do imigrante polonês/polaco/polônio se justifica e constitui o sujeito, pois é por meio do que ele se autodenomina que vai dar o sentido de pejorativo ou não.

Com base em leituras como de Iarochinski (2010), entre outros pesquisadores, compreendemos que o termo “polaco” dependendo da contextualização das comunidades linguísticas será aceito ou não como parte da sua identidade, pois remete também a expressões pejorativas, como “polaco burro”, “nego do avesso”, “polaca”, com o sentido de prostituta, entre outras. Em seu artigo sobre “Identidade polaca no norte gaúcho”, Martins (2009) analisou a literatura infantil para compreender o espaço do uso pejorativo do termo

polaco. Um exemplo é o livro *A menina da rua dos polacos*, escrito por Mara Regina Rösler e publicado pela editora da URI-Campus de Erechim, em 2005.

A partir da leitura desse livro a crianças de uma escola da comunidade de Áurea, no norte do Rio Grande do Sul, em 2007, os alunos responderam a uma pergunta elaborada pela pesquisadora do que é ser polaco. A pesquisa aplicou entrevistas com 22 crianças de 9 a 10 anos na zona rural do município. O objetivo da pesquisa era compreender como o termo *polaco* é visto na comunidade e afirmar a existência do uso pejorativo que causa estranhamento para os imigrantes poloneses. Os resultados obtidos ficaram longe de revelar o termo como pejorativo. Seu uso foi, sim, tomado como sinônimo de *polonês*, relacionando o termo *polaco* à língua, ou seja, “falar polaco” é falar a língua, aprender a escrever em polonês.

Como o objetivo da pesquisadora era observar se em todas as comunidades o sentido pejorativo do termo “polaco” era o mesmo, a pesquisa ratificou a condição de uso do termo pela comunidade de Áurea, na zona rural. Concluiu-se que, no meio rural, os termos *polaca* ou *polaco* não lembram algo ruim, mas, sim, a construção da identidade, da língua do povo, o polonês vindo da Europa. Já, em outros espaços, sobretudo urbanos, o termo aparece com sua conotação pejorativa.

Nesse sentido, vale ressaltar, portanto, que os termos *polaco* ou *polonês* se constroem como enunciações ideológicas, contrapondo-se na construção da identidade polonesa nas comunidades linguísticas.

1.2.7 O polonês em contato com o alemão em situação de fronteira e de imigração

A pesquisa de Rhobodes (2017) publicada na revista Gragoatá da Universidade Federal Fluminense (UFF), é um recorte de uma investigação na Universidade de Viadrina na Alemanha; o estudo está centrado na relação entre a língua polonesa e a língua alemã nas cidades de Frankfurt an der Oder e Słubice. As duas cidades são fronteiriças e são caracterizadas pelo contato do polonês e alemão.

A pesquisadora usa como fonte de investigação as definições de “limite linguístico”. A Universidade de Viadrina, de acordo com informações no artigo, recebe em torno de 10% de estudantes que falam o polonês e 75% de estudantes alemães (RHOBODES, 2017). O estudo observou que essa região fronteiriça leva os falantes a uma produção criativa nas duas línguas; no uso cotidiano, a pesquisa compreendeu e traz a definição da ocorrência de uma transgressão dos limites linguísticos, ou seja, “[...] o limite estrutural entre dois sistemas

linguísticos, o qual frequentemente está foneticamente marcado como sendo um lugar de alternância de códigos.” (RHOBODES, 2017, p. 108).

As ocorrências das produções, no uso das línguas alemão e polonês, na análise da pesquisa, foram analisadas em termos dos critérios que motivam as escolhas linguísticas, comparando as duas fronteiras, na Polônia/Alemanha e no Brasil. As línguas eslavas, polonês, ucraniano e russo também produzem aspectos individuais e de grupos para a comunicação. Todas essas manifestações podem ser definidas como *troca linguística*; *ações bilíngues*, *diglossias*, *code switching*, entre outros processos característicos do uso linguístico em situações de contato bi- ou plurilíngue.

1.2.8 Contribuições para a “paisagem linguística”: presença visual da língua

Paralelo aos estudos referidos acima, que apontam ainda uma série de lacunas e demandas de pesquisa, tanto no campo descritivo, de documentação, quanto aplicado, de ações de promoção e salvaguarda da língua de imigração polonesa, estão trabalhos como os de Zdzisław Malczewski SChr (2008), escritor nascido na Polônia e naturalizado brasileiro, o qual faz referência, em Varsóvia, à comemoração aos 140 anos de migração polonesa em Santa Catarina – Colônia Príncipe Dom Pedro, hoje atual município de Brusque, referenciado como o marco da chegada dos poloneses. “Marcas da presença polonesa no Brasil”, Malczewski SChr apresenta, por meio de imagens, homenagens de cidadãos polono-brasileiros em placas de ruas, instrumentos artesanais usados pelos descendentes poloneses no período da colonização, entre outros, a presença polonesa no Brasil. Pode se dizer que, em termos de pesquisa linguística, o estudo nada mais é do que o reflexo de uma paisagem linguística (*linguistic landscape*).

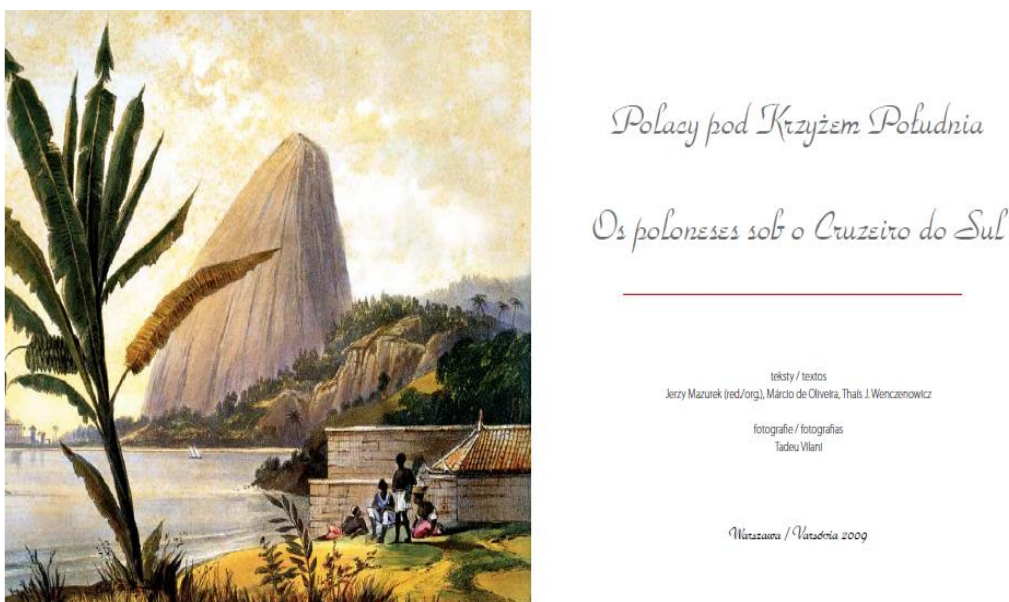
De significância para os estudos linguísticos, a paisagem linguística (GORTER; MARTEN; VAN MENDEL, 2012) pode desmistificar a presença ou não de etnias na construção de uma identidade local. O cenário histórico da presença polonesa aparece como um contexto bilíngue polonês-português que, segundo o autor, proporciona aos polono-brasileiros a oportunidade de compreender seu contexto linguístico e cultural na perspectiva de quem morou na Polônia e reflete sobre essas marcas na colonização do Brasil. Trata-se, enfim, de um trabalho reflexivo em que se busca valorizar e manter viva ao menos a memória da língua de imigração.

A paisagem linguística também pode ser parte de pesquisas, identificando onde a presença da língua é mais relevante e marcante, justificando os fatores da vitalidade da língua

ou não. Com base na observação desses espaços e cenários, as análises linguísticas podem ser aprofundadas por meio de entrevistas, registros, mapas que existem nas línguas e assegurarem com subsídios materiais para outros estudos.

Existe um campo de estudo com interface histórica e linguística que é especialmente ilustrativo do contato do imigrante polonês e eslavo, de modo geral, com a natureza e a sociedade brasileira. Um exemplo é o trabalho de Mazurek, Oliveira e Wenczenowicz (2009), traduzido e organizado por Márcio de Oliveira e Thaís Janaina Wenczenowicz, intitulado *Os poloneses sob o Cruzeiro do Sul*. Trata-se de uma obra bilíngue polonês-português brasileiro ilustrada que faz um retrato do colonizador polonês em terras brasileiras, desde o período da colonização, em 1500, até a chegada de imigrantes de origem eslava no Paraná, seus personagens ilustres, poetas, entre outros que se radicaram no Brasil.

Figura 2 – Capa da representação do Brasil, no local de chegada dos imigrantes poloneses



Fonte: Mazurek, Oliveira e Wenczenowicz (2009, capa)

Na primeira parte do estudo, os pesquisadores apresentam os literatos de relevância para o contexto brasileiro, entre os quais Jacob Pinheiro Goldeberg, Samuel Rawet e Paulo Leminski representados na literatura e arte como símbolos de expressão e contribuição para a composição histórica dos poloneses no Brasil. Por meio de uma série de ilustrações, o estudo apresenta o cenário histórico da presença das línguas eslavas no Brasil. Chama a atenção que o texto seja bilíngue, em português e polonês. Isso reforça, em certo sentido, as ações de políticas linguísticas de manutenção da língua minoritária.

As práticas literárias fortalecem a identidade do polonês em terras brasílicas; todos os registros são resgates da presença da língua, da cultura e das crenças de um povo que escolheu o Brasil para prosperar. Resgatar por meio da literatura é manter vivas as manifestações da sociedade brasileira que traz nas suas raízes outros povos e outras lutas que simbolizam o espaço constituído de um novo sujeito polonês-brasileiro.

1.2.9 As línguas eslavas no cenário global

Com base nas análises realizadas até o presente momento, entende-se que as línguas eslavas contemplam um cenário linguístico pouco conhecido, mas há grande relevância em torná-las parte das pesquisas linguísticas.

Em meio ao predomínio de temas do campo aplicado, o estudo de Nadalin (2005) aborda uma variável essencialmente linguística, como sugere o título *Aktionsart⁹ e aspecto verbal: uma análise dessa distinção no polonês*. No centro da análise, estão, portanto, os aspectos temporal-verbal e sintático do uso do polonês, que se diferem da constituição semântica das línguas germânicas. Como professor de polonês, Nadalin buscou com esse estudo compreender a variação de significado no uso da composição gramatical dos verbos em polonês envolvendo verbos perfectivos e imperfectivos. O quadro a seguir reproduz, nesse sentido, a distribuição dos falantes das línguas eslavas em três grandes grupos.

O quadro é complementado com o número de falantes dessas línguas eslavas, sendo a língua mais falada o russo, com mais de 114.000.000 de falantes, segundo Nadalin (2005). Em segundo lugar, está o ucraniano, com cerca de 49.000.000, e, por último, o polonês com aproximadamente 35.000.000 de falantes. Nadalin, contudo, não faz referência ao número de falantes no exterior (fora dos respectivos países), lembrando que há falantes de línguas eslavas nos Estados Unidos, na Austrália e no Brasil.

⁹ Termo do alemão que significa “modo de ação (verbal)”.

Quadro 3 – Línguas e povos eslavos

Povos eslavos		Línguas eslavas	Referências geográficas
Eslavos Ocidentais	Grupo Lechítico	Polonês	Varsóvia (Polônia)
		Cassúbio	Norte da Polônia (cercanias de Gdańsk)
	Grupo Tcheco-eslovaco	Tcheco	Praga (República Tcheca)
		Eslovaco	Bratislava (Eslováquia)
Grupo Lusácio	Lusácio /Sorábio	Chociebuż (Cottbus) no Brandeburgo, Budziszyn (Bautzen), na Saxônia (Alemanha)	
Eslavos Orientais	Ucranianos	Ucraniano	Kiev (Ucrânia)
	Bielo-russos	Bielo-russo	Minsk (Bielo-rússia)
	Russos	Russo	Moscou (Rússia)
Eslavos Meridionais	Grupo	Esloveno	Liubliana (Eslovênia)
	Esloveno e Servo- croata	Sérvio	Belgrado (Sérvia)
		Croata	Zagreb (Croácia)
	Grupo Búlgaro e Macedônio	Búlgaro	Sofia (Bulgária)
Macedônio		Skopje (Macedônia)	

Fonte: Nadalin (2005, p. 8)

O estudo conclui que, apesar de opiniões contrárias, como a de Verkuyl (1999) e de Bertinetto (2001), a distinção existe, no que se refere à língua eslava polonesa e em menor proporção na língua eslava russa.

[...] Nesse sentido, discutiu-se uma série de dados dessa língua eslava, a partir do diálogo de duas abordagens: Verkuyl (1999) e Bertinetto (2001). [...] iniciou-se com a apresentação da proposta de Verkuyl, que não considera necessária a distinção entre as duas categorias em questão. [...] Concluindo que a abordagem composicional de Verkuyl embora dê conta de explicar uma série de fenômenos relacionados ao aspecto verbal em polonês, também deixa algumas questões sem resposta [...] (NADALIN, 2005, p. 121).

Para essa pesquisa, é importante compreender que o pesquisador reflete sobre o uso dos verbos nas línguas eslavas, em especial o polonês, e que se faz necessário ponderar sobre esses aspectos distintos no uso da língua. O estudo de Nadalin, embora não analise diretamente a língua de imigração eslava efetivamente falada, permite refletir sobre os aspectos linguísticos observáveis no contato português-polonês-ucraniano etc., nos diferentes níveis fonético-fonológico, léxico-semântico, morfossintático e mesmo pragmático ou discursivo.

A análise desse estudo leva a refletir sobre o espaço ocupado pelas línguas eslavas no cenário brasileiro. Juntamente com as demais línguas de imigração, é inegável sua

contribuição à diversidade linguística brasileira, numericamente sendo superados apenas pelos falantes de variedades do alemão e do italiano.

Como a pesquisa de Rhobodes (2017), a presente Tese também vislumbra as possibilidades de uma língua, no caso uma língua de imigração – o polonês – para garantir seu espaço em meio ao contato com outras línguas. Seu uso se dá, em outras palavras, em um espaço compartilhado e as chances de escolha para uso dependem da estrutura que sustenta e justifica cada língua. Compreender as motivações na escolha linguística e seu impacto sobre a manutenção ou perda de uma língua em particular é uma tarefa com a qual esta Tese busca contribuir. Os fatores que se interpõem na escolha de uma língua ou outra vão além de questões político-sociais e estão ligados à identidade do sujeito.

Os estudos da história da imigração eslava e os estudos com foco nas línguas de imigração eslava concentram-se fortemente na construção histórica da presença eslava, mas apresentam lacunas no campo de descrição linguística. O nosso objetivo neste capítulo foi traçar uma pequena linha do tempo para que possamos ter um ponto de partida e, assim, criar uma base para fortalecer a área de estudos do e sobre o polonês, no Brasil. O capítulo a seguir apresenta os fundamentos teóricos para o estudo, especificamente, da vitalidade linguística como uma das demandas que o cenário referente à língua de imigração polonesa oferece.

CAPÍTULO 2

BASE TEÓRICA: VITALIDADE LINGUÍSTICA

2.1 O CONCEITO DE “VITALIDADE LINGUÍSTICA” E SEU DIAGNÓSTICO

O estudo da vitalidade linguística demanda que, antes de tudo, definamos o que entendemos por “vitalidade linguística”. Como a etimologia do nome já sugere, pode-se dizer que, de algum modo, evoca “quanto de vida (= uso ativo) pode haver em uma determinada língua”. Vitalidade linguística seria a força de uso e aceitação de uma língua em um determinado contexto social

Em certo sentido, porém, mais do que definir o conceito, o mais difícil é determinar o que “atribui mais ou menos vida a uma língua”. Ao contemplarmos o cenário histórico, observamos que algumas línguas mantêm-se “por aparelho”, outras “se difundiram fortemente”, mas de modo geral a manutenção, uso e legitimidade de cada língua da diversidade não se deu de forma tranquila, ou seja, a substituição de uma língua por outra foi frequente e nem sempre pacífica. As questões político-sociais e históricas dos povos eslavos, em especial os poloneses, são o retrato de muitas lutas e escolhas que os levaram, na maioria das vezes, a deixar de falar na sua língua para usar a língua dominante, a qual era necessária economicamente durante o período de colonização e adaptação ao novo meio dos imigrantes.

Fishman (2006) argumenta sobre a relação entre a língua materna e o indivíduo, apontando que a língua materna é resultado de transmissão sociocultural e de experiências ao longo da história econômica e política, com isso, o autor leva-nos à compreensão de que uma nação não é monolíngue em sua origem. Assim, temos a seguinte questão: *as experiências socioculturais garantem ao falante manter sua língua materna, quando em contato com outras línguas?* Sem dúvida, a disputa por espaço com outras línguas só pode ser construtiva se o princípio da diversidade, do direito linguístico de cada língua, for respeitado.

Para responder, no entanto, à pergunta de Fishman, é preciso compreender como ocorrem os processos que levam ao bilinguismo, ao multilinguismo, ao plurilinguismo ou aos processos bilíngues (*language shift*), bem como seus desdobramentos, sejam eles diglóticos ou não e relativos à representatividade dos eventos de fala que ocorrem nas circunstâncias de migração (FERGUSON, 1971 [1959]; FISHMAN, 2006).

Myusken (2013), na mesma perspectiva de Fishman (2006), buscou delinear diferentes cenários de contatos linguísticos, destacando que as línguas não são vazias, sozinhas ou únicas, que elas ocorrem no contexto com a interação entre pessoas, grupos sociais que influenciam e são influenciados por línguas de outros grupos também. Visto dessa forma, não teríamos apenas falantes de uma língua só, mas falantes bilíngues, multilíngues e plurilíngues. E, por consequência, não teríamos uma “vitalidade linguística” nutrida por uma única língua.

A resposta à pergunta sobre os fatores que levam à vitalidade de uma língua, ou não, necessariamente não é inerente à língua e, sim, tem sua resposta na estrutura social. Como veremos mais adiante, qualquer ação portanto de “revitalização linguística”, ou seja, de recuperação da vida de línguas ameaçadas ou em vias de cair em desuso, requer uma leitura e compreensão dos fatores que fomentam a vitalidade de uma língua, isto é, seu “estado de saúde”.

Uma das lacunas para novas pesquisas e estudos sociolinguísticos sobre vitalidade e revitalização linguística reside na aplicabilidade de metodologias que possam desobscurecer o espaço em que essas línguas e seus falantes circulam. Tal como um paciente que, por exemplo, vá a um nutricionista, para melhorar sua alimentação, também o uso e revitalização de línguas precisa ser de certo modo educado. A presente Tese, ao realizar um diagnóstico do que favorece ou desfavorece a vitalidade linguística de uma língua com as características da língua de imigração polonesa nos contextos pesquisados, contribui para compreender seu uso e “estado de saúde” e subsidiar ações de revitalização, no futuro.

A vitalidade linguística, tal como a variação interna de qualquer língua, pode no entanto ser variável, variam seu *status* sócio-político e sua posição de língua da comunidade, conforme a área em que se encontra, o período, as migrações, a situação, os usos e funções etc. As variantes desse processo serão melhor descritas mais adiante. O que nos importa aqui é que toda língua tem seu estado A e seu estado B. O que a vitalidade linguística aborda, no entanto, se refere à língua como um organismo social, não como parte de um sistema linguístico, embora marcas linguísticas possam ser consideradas como indicadores de vitalidade ou perda. Como organismo ou instituição social, é preciso acrescentar, as línguas eslavas podem ser consideradas como “línguas marginais”, expressão tomada que designa “[...] línguas em contato na perspectiva de seu *status* sócio-político, justamente por exprimir essa condição de inoficialidade não oficialidade de uma língua falada à ‘margem’ da língua oficial [...]” (ALTENHOFEN, 2014, p. 70-71).

Sabemos, além disso, que não é apenas a identidade étnico-cultural que garante aos falantes de uma língua marginalizada a possibilidade de manter sua língua. Outros fatores são relevantes para que se preserve e fortaleça uma língua nas comunidades linguísticas, como por exemplo as práticas linguísticas que podem ser desenvolvidas por meio da manutenção da religiosidade, do ensino da língua, da dança, entre outras que descrevemos mais adiante.

Para os falantes das línguas eslavas, ao determinarem o seu espaço de permanência, isto é, o local no qual a comunidade se instala e se abriga, a preferência linguística pode ser modificada de acordo com o novo território explorado, como resultado de uma nova ocupação planejada, ou não. Assim, no contexto do Sul brasileiro, a presença da língua polonesa e demais línguas de imigração serve como referência e suporte para as escolhas linguísticas e de territorialidade. Por territorialidade entende-se, juntamente com Altenhofen (2014, p. 73), “[...] o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística.” Isso quer dizer, o território ocupado e constituído de territorialidades diferentes, línguas de grupos de falantes díspares e distintas variedades linguísticas que podem ocupar o mesmo espaço geográfico e determinar se sua língua será língua majoritária ou minoritária.

Podemos assim afirmar que todas as línguas de imigração têm sua origem nos processos de mobilidade espacial, ou seja, são reflexo de ocupação migratória durante a colonização europeia e asiática (alemães, italianos, poloneses, japoneses, entre outros), a partir do século XIX. Podemos refletir sobre os espaços linguísticos das línguas eslavas então, a partir da territorialização¹⁰ dos imigrantes eslavos e compreender em que espaço circula a língua polonesa. Com isso, novamente usando uma metáfora, para didatizar a questão, “cercamos a língua em uma horta, a irrigamos e colocamos adubo”, para que tenha a vitalidade linguística necessária.” Isso nos remete a outra questão deste campo de estudos, que é a noção de “diagnóstico linguístico” (SEIFFERT, 2014), como veremos a seguir.

¹⁰ Entendemos por *territorialização* a ação de ocupar territórios, os quais eram assentados os imigrantes. As comunidades linguísticas ocupam o seu espaço definindo sua territorialidade real ou potencial de uma variedade ou variante.

2.1.1 Estado da língua e “diagnóstico” dos graus de vitalidade linguística

Perceber os espaços em que a língua circula bem como o estado em que ela se encontra, conseqüentemente descrever a sua vitalidade linguística equivale, em certo sentido, a diagnosticar o estado e a saúde de uma língua minoritária nos espaços em que circula, muitas vezes compartilhados com uma língua majoritária de maior poder e vitalidade. Romaine (2013) afirma que o estado de uma língua é consequência das escolhas dos falantes em contato com diferentes grupos linguísticos. Transpondo para o plano histórico (diacrônico),

Observa-se em relação às línguas eslavas uma trajetória de lutas, disputas políticas e de poder. Nessa disputa, as línguas vão sendo substituídas e seus falantes optam por manter a língua materna, ou optam pela língua de maior prestígio, substituindo de modo gradual ou também de maneira impositiva a sua língua de origem.

[...] an initial distinction between the sudden and gradual disappearance of language is helpful in understanding some of the linguistic consequence of language of death in sudden death a language dies more or less intact as its speakers are exterminated often as a result of a natural disaster or genocide. (ROMAINE, 2013, p. 322).¹¹

Romaine (2013) nos faz refletir sobre esses processos nas mudanças de contato de uma língua para outra e que, gradativamente, levam à morte ou perda de uma língua. Em outras palavras, uma substituição linguística (*language shift*), nos termos de Fishman (2006), define-se como um processo gradual que, portanto, leva à questão de que se pode medir “graus de vitalidade linguística”, para diagnosticar, digamos, o estado de saúde de uma língua, no sentido de sua manutenção (sobrevivência) ou perda (morte linguística).

Para aprofundar a discussão sobre a vitalidade da língua polonesa, o documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2003), descreve seis fatores a serem considerados para medir o grau de vitalidade linguística e, conseqüentemente, o estado de saúde de uma língua:

Fator 1 – Transmissão intergeracional: essa condição é o reflexo de como a língua é transmitida para as gerações futuras, ou se ela permanece apenas na geração mais velha;

¹¹ “[...] o desaparecimento de uma língua repentinamente e ou gradual, se dá quando seus falantes são exterminados através de um desastre natural ou genocídio. Conseqüentemente a língua morre mais ou menos intacta. Essa é uma das distinções para compreender as conseqüências linguísticas da morte de uma língua em uma comunidade linguística”. (ROMAINE, 2013, p. 322, tradução nossa).

Fator 2 – Número de falantes: o número de falantes na língua nos leva a refletir sobre o grau de vitalidade desta língua, principalmente se os falantes são de geração mais nova, os quais, de modo geral serão os transmissores dessa língua;

Fator 3 – Na comunidade: o número de falantes na comunidade reflete também o grau de vitalidade e de presença desta língua, se ela circula na igreja, na escola, nos eventos festivos, no comércio local entre outros;

Fator 4 – Domínio da língua (isto é, a competência linguística): tanto no que se refere à oralidade quanto à escrita, fator que auxilia e é determinante para a sua transmissão às próximas gerações;

Fator 5 – O uso da língua no que se refere à circulação-mídias: rádios, TVs, programas específicos da língua, jornais, entre outros. Todos esses fatores são significativos para identificar a presença e a vitalidade de uma língua minoritária e também pensar em ações de salvaguardar uma língua em que pode estar em situação de risco;

Fator 6 – Produção de materiais para educação e alfabetização linguística: proporcionar a educação na língua mantém a vitalidade linguística e as tradições orais de uma língua minoritária. Esse fator está ligado diretamente às questões sociais e econômicas de uma comunidade linguística.

Os fatores descritos pelo documento da UNESCO (2003) são essenciais para a análise/diagnóstico sobre as condições de manutenção de uma língua minoritária. É a partir desses fatores diagnosticados que o planejamento linguístico pode prever ações para salvaguardar uma língua em risco de extinção. Para tanto, cada um desses fatores contribui para atribuir graus de vitalidade linguística, como mostra o quadro a seguir, elaborado a partir de Krauss (2007).

Quadro 4 – Escala de graus vitalidade linguística

Grau de vitalidade linguística	Falantes
Em situação segura	Todas as gerações falam a língua (crianças, jovens e velhos)
Vulnerável	Algumas crianças falam e algumas falam poucas palavras
Definitivamente em perigo	Apenas a geração mais velha fala a língua (avós)
Severamente ameaçada	Apenas a geração mais velha fala (bisavós)
Em profundo perigo	Poucos bisavós falam a língua
Língua extinta	Não há mais falantes

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Krauss (2007)

No documento da UNESCO (2003), por outro lado, atribui-se uma escala de 0 a 5, para determinar o **nível de segurança** (vitalidade linguística) de uma língua. Essa escala classifica-se da seguinte maneira:

- 5 – seguro:** a língua é falada por todas as gerações; a língua não está ameaçada;
- 4 – inseguro:** a maioria dos falantes usa a língua, porém nem todas as crianças da comunidade falam na língua; conseqüentemente pode não ser repassada para as gerações futuras;
- 3 – definitivamente em perigo:** a língua já não é aprendida como língua materna em casa;
- 2 – severamente ameaçada de extinção:** apenas a geração mais velha fala a língua;
- 1 – criticamente em perigo:** a língua não é usada mais como interação cotidiana. E nem sempre os mais velhos se lembram de usar a língua;
- 0 – extinto:** Não há ninguém que fale na língua.

As tabelas elaboradas pelo documento da UNESCO (2003) podem enfatizar pontos de vista diferentes. Assim como o nível de segurança, a população de falantes, a proporção de uso em relação ao total da população, os domínios e funções da língua, acesso a material escrito, como mostram os quadros abaixo, podem também servir de referência. Seguem os quadros que representam cada fator exposto pela UNESCO (2003)¹².

Quadro 5 – Grau de perigo-população de falantes da língua

Grau de perigo	Grau	População de falantes
Seguro	5	A língua é por todos os falantes inclusive as crianças.
Inseguro	4	A maioria dos falantes usa a língua, porém nem todas as crianças da comunidade falam na língua.
Definitivamente em perigo	3	A língua já não é aprendida como língua materna em casa.
Severamente em perigo	2	Apenas a geração mais velha fala na língua.
Criticamente em perigo	1	A língua não é usada mais como interação cotidiana. E nem sempre os mais velhos se lembram de usar a língua.
Extinto	0	Não há ninguém que fale a língua.

Fonte: UNESCO (2003, p. 8)

¹² Os quadros apresentados foram retirados do documento da UNESCO (2003) como citadas nas referências e servem como explicações e base para a compreensão sobre os fatores que levam a diagnosticar a saúde e o estado de uma língua minoritária. No decorrer da Tese, elas são traduzidas e explicitadas na aplicabilidade e construção do questionário aplicado nos pontos de pesquisa.

Quadro 6 – Grau de proporção de falantes em comparação com o total da população

Grau de perigo	Grau	Proporção de uso da língua de acordo com o total da população
Seguro	5	Todos falam a língua.
Inseguro	4	Quase todos falam a língua
Definitivamente em perigo	3	Uma maioria ainda fala a língua
Severamente em perigo	2	Um grupo menor fala a língua
Criticamente em perigo	1	Poucos falam a língua
Extinto	0	Nenhum falante na língua

Fonte: UNESCO (2003, p. 9)

Quadro 7 – Grau de domínio e função da língua

Grau de perigo	Grau	Domínios e funções
Seguro	5	A língua é usada em todos os domínios e todas as funções
Inseguro	4	duas ou mais línguas possivelmente são usadas nas duas funções
Definitivamente em perigo	3	A língua é usada em casa, porém a língua dominante começa tomar o espaço em casa também.
Severamente em perigo	2	O uso da língua é limitado para algumas funções e domínios sociais
Criticamente em perigo	1	A língua é usada apenas para alguns domínios restritos e poucas funções.
Extinto	0	A língua não é usada em nenhum domínio e em nenhuma função.

Fonte: UNESCO (2003, p. 10)

Quadro 8 – Grau de novos domínios da língua e mídias para as línguas ameaçadas

Grau de perigo	Grau	Novos domínios e mídias reconhecidos pela língua em perigo
Seguro	5	A língua é usada em todos os domínios e funções
Inseguro	4	Duas ou mais línguas são usadas na maioria dos domínios e funções.
Definitivamente em perigo	3	A língua é usada em casa, porém a língua dominante começa tomar o espaço em casa também.
Severamente em perigo	2	O uso da língua é limitado para algumas funções e domínios sociais.
Criticamente em perigo	1	A língua é usada apenas para alguns domínios restritos e poucas funções.
Extinto	0	A língua não é usada em nenhum domínio e em nenhuma função.

Fonte: UNESCO (2003, p. 11)

Quadro 9 – Grau de acessibilidade de materiais escritos na língua minoritária

Grau	Acessibilidade de materiais escritos na língua
5	Há materiais na língua, livros gramaticais e de alfabetização, dicionários, mídias eletrônicas, literatura na língua. A língua é usada na escrita, no ensino e na administração pública.
4	Existem materiais na língua, e na escola, as crianças são alfabetizadas na língua, porém no poder público não é usado a língua.
3	Existem materiais na língua as crianças podem ser alfabetizadas na língua. Porém o ensino não é promovido pela mídia impressa.
2	Existem materiais escritos na língua, porém são utilizados e estão disponíveis para os membros da comunidade, tendo muitas vezes um significado simbólico. O ensino da língua não faz parte do currículo escolar.
1	Apenas alguns materiais são escritos na língua e poucos da comunidade conhecem.
0	Nenhum material escrito disponível para a comunidade.

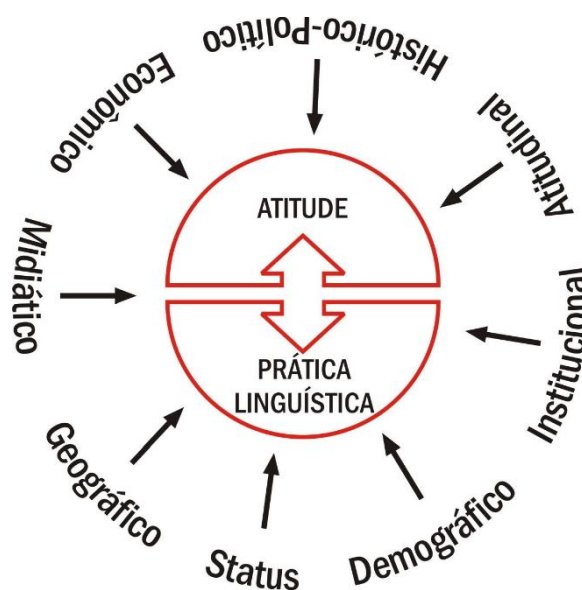
Fonte: UNESCO (2003, p. 12)

Os quadros apresentados acima têm em comum uma mesma escala de 0 a 5 que determina o grau de vitalidade linguística. Mudam os fatores e critérios para a gradação. No presente estudo, foi especialmente a noção de gradação do “estado de saúde” do polonês que orientou a análise da vitalidade linguística nas duas localidades pesquisadas. Veremos isso mais à frente.

2.1.2 Fatores determinantes da vitalidade linguística

Conforme se aludiu acima, a vitalidade linguística está condicionada por diferentes fatores. Um primeiro aspecto é a consideração das localidades da pesquisa. Cada localidade pressupõe uma estrutura social e uma série de outros aspectos de ordem geográfica e histórica. Dessa estrutura social e desse espaço geográfico é que emergem diferentes fatores que podem condicionar/determinar a “vida” da língua minoritária. Pertile (2009) apresenta um esquema que pode ajudar a compreender, de modo geral, os fatores mais comuns que atuam nesse processo. Veja-se a Figura 3 a seguir.

Figura 3 – Esquema de fatores determinantes



Fonte: Pertile (2009, p. 148)

O esquema, de Pertile (2009), divide-se em dois grandes eixos, referentes às práticas linguísticas e às atitudes. Sobre esses eixos atuam fatores de ordem diversa: demográficos, histórico-políticos, geográficos, econômicos, midiáticos e institucionais, bem como atitudinais e de status, que serão explicitados ao longo deste capítulo. Antes, porém, é preciso salientar alguns pontos que parecem imersos no esquema: 1) a escola ou a educação, assim como a igreja e a administração, aparecem no âmbito dos fatores institucionais; 2) as funções das línguas em contato, no âmbito dos fatores atitudinais.

2.2 STATUS DA LÍNGUA E CONTATOS LINGUÍSTICOS

Pensar no *status* da língua polonesa como fator determinante para sua manutenção ou perda equivale a definir sua posição em relação às demais línguas em contato, especialmente o português. Política e socialmente, pode-se dizer que o polonês configura uma língua de imigração que se encontra à margem da língua oficial, o português. Seu status de língua marginal minoritária, ou minorizada, coloca dificuldades para seu uso. Além disso, é a língua da família, a língua materna anterior ao ingresso na escola. Todos esses critérios vão moldando o valor e a importância da língua

Esses aspectos e critérios definidores do status da língua de imigração polonesa estão de acordo, em certo sentido, com o que define a política do INDL (Inventário Nacional da Diversidade Linguística), construída a partir do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional). O INDL é um instrumento de levantamento para o registro das línguas faladas pelas comunidades linguísticas brasileiras, que se classificam nas seguintes cinco categorias, que levam em conta diferenças tipológicas, históricas e sociológicas:

Quadro 10 – Categorização das línguas segundo o Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL

Categorias	Línguas
1	<i>Indígenas;</i>
2	<i>Imigração;</i>
3	<i>Comunidades Afro-Brasileiras;</i>
4	<i>Sinais;</i>
5	<i>Crioulas;</i>
6*	<i>Variedades do português¹³</i>

Fonte: Iphan (2016a, p. 13-14)

À língua polonesa como pertencente à categoria de línguas de imigração, alóctones, oriundas dos grupos de fala vindos da Europa, Oriente Médio e Ásia, são associadas características próprias: são línguas derivadas de um movimento migratório, ocorrem em grupo, sobrevivem em comunidade e possuem muitas vezes uma língua internacional correspondente e suprajacente (v. ALTENHOFEN, 1997). No Inventário, a relevância de categorizar as línguas está em dar espaço e legitimidade para as diferentes situações das línguas consideradas minoritárias, inferiorizadas e minorizadas, assim definidas por Lagares (2018).

Para Lagares, as línguas minoritárias como línguas à margem das línguas majoritárias costumam ser línguas minorizadas, isto é, Lagares (2018) afetadas pela “condição minoritária” da língua. E não como língua de maior circulação, ou oficial, mas sim, a língua falada por um número menor de falantes.

Entendendo o INDL como parte de ações de político-linguísticas, pode-se distinguir, seguindo Calvet (2007), entre um “planejamento do *status*”, que ocorre com a intervenção sobre o reconhecimento da função social da língua, e um “planejamento do *corpus*”, através de medidas de intervenção no processo de codificação, realizado depois da escolha da variedade que vai servir de base para o padrão e modernização da língua.

As ações de políticas linguísticas, de intervenções, quando ocorridas, geralmente são ações relacionadas as intervenções de cunho político social e econômico que essa língua

¹³ Variedades internas ao português do Brasil, surgidas por influência de fatores socioculturais e históricos específicos, em determinado espaço geográfico e social, às quais se associam elementos linguísticos que marcam a identidade de falares regionais (variedades diatópicas) e de grupos sociais específicos (variedades diastráticas). (IPHAN, 2016a, p. 14)

carrega. O planejamento linguístico de *corpus* e de *status* (Calvet,2007) em comunidades linguísticas com falantes de línguas minoritárias tem o objetivo de oportunizar falantes a continuarem a falar na sua língua. Isso exige a compreensão de que a hierarquização de uma língua não leva a desconstruir a presença de outra. Muito mais pode ser um indicador de alguma função específica associada a uma e outra língua em contato, como veremos a seguir.

2.3 FUNCIONALIZAÇÃO DE LINGUAS E VARIEDADES: DIGLOSSIA

Pensar em línguas é analisar que todas as línguas em algum momento passam a ser substituídas e ou modificadas a partir do contato com outras (GRENOBLE; WHALEY, 1998). Essa substituição não se dá, porém, apenas de forma gradual, conforme já vimos, e sim antes de tudo substituindo determinadas funções.

Um aspecto importante relacionado às línguas de imigração é a sua polarização em uma língua falada – normalmente de base dialetal – e uma língua para as funções formais, especialmente escritas. Esta última é denominada, a partir de Kloss (cf. ALTENHOFEN, 2016), de língua-teto, ou língua *standard*. Via de regra a língua-teto equivale à língua *standard*. Tudo que se encontra abaixo, constitui o (idem, 2016).

Para as línguas eslavas, o polonês, em um dos pontos da nossa pesquisa deixou de ser a língua-teto e foi substituído por outra língua, especialmente português. A língua polonesa passou a ser falada esporadicamente em casa, com os mais velhos ou em situações específicas. As funções formais atribuídas originalmente ao polonês, foram gradativamente sendo substituídas pelo português como língua dominante da escola e da escrita, na medida em que se perdeu a vitalidade do polonês, no uso formal. Fica a pergunta como se reordenam essas funções, mudando a língua-teto, ou a língua das funções mais formais e escritas. Em outras palavras, que implicações têm sobre a noção de diglossia?

Diglossia pode ser definida como o ato de escolher politicamente em qual língua falar como prática de uso no ambiente, no qual convive. O conceito de “diglossia”, originalmente proposto por Ferguson (1971 [1959]), define-se como o uso e domínio de duas variedades de uma mesma língua, uma considerada elevada (*High*), para funções de uso formal e escrito, e outra designada como baixa (*Low*), para o uso informal da comunicação diária. O valor de cada variedade é definido por sua função de representar e organizar esse sistema de acordo com determinadas situações de contexto social, como uso em casa, escola, trabalho etc.

Em uma situação de diglossia, as variedades *H* ou *L* são usadas para fins específicos e se complementam funcionalmente. Em domínios como a escola e a mídia, prevalece o uso da variedade *H*; em domínios mais informais, na interação do dia a dia, a variedade *L* é escolhida. O quadro a seguir, proposto pelo próprio Ferguson, dá uma visão geral das funções e usos possíveis.

Quadro 11 – Representação das funções em que a língua exerce seu grau de presença (*H*) ou (*L*)

Funções	<i>High</i>	<i>Low</i>
Sermon in church or mosque	X	
Instructions to servants, waiters,		X
Workmen, clerks		X
Personal Letter	X	
Speech in parliament, political speech	X	
University lecture	X	
Conversation with Family, friends, colleagues		X
News Broadcast	X	
Radio “Soap Opera”		X
Newspaper editorial, News story caption on Picture	X	
Caption on political cartoon		X
Poetry	X	
Folk literature		X

Fonte: Ferguson (1971 [1959], p. 5)

A variedade *H*, traduzindo o quadro acima, ocorre em contextos e situações mais formais, como o sermão da igreja, cultos, administração local, mídia local (jornal e rádio) etc. e, sobretudo, situações envolvendo o uso da escrita, em discursos políticos, universitários, nas transmissões de noticiários, TVs e rádios, jornais, literatura. Essas são as funções que a língua exerce como variedade *H(igh)*, que segue um padrão. Já a variedade *L(ow)* ocorre nas conversas mais informais, incluindo trabalhadores de modo geral, conversas em família, amigos, programas de TV, como novelas, literatura folclórica, entre outras em que não há exigência de formalidade para a comunicação oral.

Fishman (1967) alarga o conceito de “diglossia”, para também abarcar línguas diferentes; além disso, o associa à noção de “bilinguismo. As atitudes, o comportamento e os valores são expressos numa língua ou em outra língua e são legitimamente reconhecidos pelos falantes. Essas são características do processo bilíngue que ocorreu com o polonês e as demais línguas durante a imigração para o Brasil. São questões teóricas que servem como base e como parte da história linguística e sociolinguística no Brasil o que justifica as pesquisas sobre presença das línguas de imigrantes no cenário brasileiro.

Mas como saber se houve diglossia em comunidades de falantes em que há mais de uma língua minoritária? Pode-se afirmar que as escolhas por falar a língua materna, ou a língua-padrão se identificam como práticas diglósicas? Para responder a essas perguntas, vale distinguir os processos de diglossia, bilinguismo e multilinguismo. É o que alerta Ferguson:

[...] Before proceeding to the description it must be pointed out that diglossia is not assumed to be a stage which occurs always and only at a certain point in some kind of evolution, e.g. in the standardization process. Diglossia may develop from various origins and eventuate in different language situations. (FERGUSON, 1971 [1959], p. 2)¹⁴.

A estabilidade de um estado diglósico, como afirma Ferguson, não é sempre observada, da mesma forma, na situação de bi- ou plurilinguismo. Por essa razão, por essa instabilidade frequentemente constatada, muitos autores costumam ver como consequência natural de línguas migrantes a perda da língua minoritária de origem em favor do uso predominante da língua majoritária. A próxima seção discute, por isso, como se dá essa relação entre diglossia e bilinguismo, no caso do polonês falado no Brasil, do bilinguismo resultante do contato linguístico.

2.4 DO CONTATO LINGUÍSTICO AO PLURILINGUISMO

Uma consequência natural do contato linguístico de populações imigrantes, no novo meio em que se instalam, é o bilinguismo. Mas pouco sabemos sobre a bagagem linguística que os imigrantes trouxeram. É possível que muitos tenham vindo com uma diglossia composta de uma variedade dialetal, para o uso informal na interação do dia a dia, e pelo conhecimento mesmo parcial da norma escrita, para as situações formais. Em contato com o português, tornaram-se bilíngues. Dessa situação, surge a pergunta sobre a relação entre diglossia e bilinguismo.

Fishman (1967) idêntica quatro situações para essa relação, como mostra o quadro a seguir:

¹⁴ “Antes do prosseguir com a descrição, deve salientar-se que a diglossia não é assumida como uma fase que ocorre sempre e apenas num certo ponto em algum tipo de evolução, e no processo de padronização. A diglossia pode se desenvolver de várias origens e se manifestar em diferentes situações de uso da língua.” (FERGUSON, 1971 [1959], p. 2, tradução nossa).

Quadro 12 – Relação entre bilinguismo e diglossia

1. Both diglossia and bilingualism	2. Bilingualism without diglossia
3. Diglossia without bilingualism	4. Neither diglossia nor bilingualism

Fonte: Fishman (1967, p. 30)

O conceito de diglossia, assim como o de bi- ou plurilinguismo, ajuda a compreender parte da complexidade que caracteriza esses contextos de contato linguístico. As comunidades em que ocorre *diglossia com bilinguismo* são aquelas comunidades linguísticas em que a escolha pela língua *H* acontece principalmente nas situações de contextos religiosos, políticos e econômicos na qual a língua tem função sociocultural.

There are situations in which diglossia obtains whereas bilingualism is generally absent. (quadrante 3). Here, two or more speech communities are united religiously, politically or economically into a single functioning unit notwithstanding the social-cultural cleavages that separates them. At the level of this larger (but not always voluntary) unity, two or more languages or varieties are recognized as obtaining. However, one (or both) of the speech communities involved is (are) marked by relatively impermeable group boundaries such that for "outsiders" (and this may well mean all those not born into the speech community, i.e. an emphasis on ascribed rather than on achieved status) role access and linguistic access are severely restricted. At the same time linguistic repertoires in one or both groups are limited due to role specialization. (FISHMAN, 1967, p. 33).¹⁵

Por outro lado, as situações de *diglossia sem bilinguismo* não ocorrem por intermediação de organizações socioculturais, mas sim refletem meramente comportamentos bilíngues, pois a diglossia pode ser entendida como um comportamento cultural, e o bilinguismo caracterizado por um comportamento individual. Quando ocorre *bilinguismo sem diglossia*, podemos afirmar que o indivíduo mantém-se bilíngue, porém devido às circunstâncias pode optar pela língua de maior prestígio. Ou seja, abandona uma situação social, para em determinado momento viver outra situação que compõe o uso da língua, sem a presença de padrões sociais.

¹⁵ “Existem situações em que a diglossia é obtida, enquanto o bilinguismo é geralmente ausente. (Quadro 3). Aqui, duas ou mais comunidades de fala são unidas religiosamente, politicamente ou economicamente em uma única unidade funcional, não obstante as divisões socioculturais que as separam. No nível dessa unidade maior (mas nem sempre voluntária), duas ou mais línguas ou variedades são reconhecidas como línguas adquiridas. Entretanto, uma (ou ambas) das comunidades de fala envolvidas é (são) marcada por limites de grupo relativamente impermeáveis tais como ‘estranhos’ (e isso pode significar todos aqueles que não nasceram na comunidade de fala, isto é, ênfase em sobre o *status* alcançado) o acesso ao papel e o acesso linguístico são severamente restringidos. Ao mesmo tempo, os repertórios linguísticos em um ou nos dois grupos são limitados devido à especialização de papéis.” (FISHMAN, 1967, p. 33, tradução nossa).

O *bilinguismo sem diglossia* são os casos que podem ser transitórios, ocorrendo em relação às variedades, dependendo de quanto os próprios envolvidos no contexto de fala são bilíngues.

Instead of two (or more) carefully separated languages each under the eye of caretaker groups of teachers, preachers and writers, several intervening varieties may obtain differing in degree of interpenetration. Such fused varieties may, within time, become the mother tongue and only tongue of a new generation. Thus, bilingualism without diglossia tends to be transitional both in terms of the speech varieties involved per se. (FISHMAN, 1967, p. 36).¹⁶

Outra característica importante que Fishman (1967) aponta são as comunidades linguísticas que *não são nem diglósicas e nem bilíngues*. Essas comunidades linguísticas podem ser representadas pelas pequenas comunidades de zona rural, por exemplo, no Brasil, as comunidades de línguas eslavas apresentam características bilíngues na representatividade da fala, porém não mantêm a língua polonesa e ou outra língua de imigração, como o ucraniano e o russo. Sabemos que há a presença dessas línguas no contexto familiar, mas não como língua-teto. Com o contato com a língua padrão, o português, uso da língua de imigração, nessa situação, perde terreno. Não obstante, é preciso definir o que inclui o conceito de “bilinguismo”, ou melhor, o que faz um indivíduo ser bilíngue ou não, a ponto de podermos afirmar que ainda mantém e usa sua língua? Vejamos a seguir.

A passagem de um estado de imigração para um estado de contato linguístico com novas línguas e um novo meio resulta, como se disse, no bilinguismo. É possível, nesse processo, identificar graus de bilinguismo, em que a língua de imigração aparece como primeira língua mais forte ou como segunda língua em vias de cair em desuso. Por esse viés, vê-se que o conceito de “bilinguismo” precisa ser visto como um conceito relativo e uma competência que varia de indivíduo para indivíduo, como observa Mackey (1972), porque não se pode determinar exatamente onde começa e termina a proficiência em uma e outra língua. Por isso, Mackey define o bilinguismo simplesmente como “o uso alternado de mais de uma língua”. Como enfatiza Altenhofen (2002, p. 145), não interessa nessa lógica dizer se determinado indivíduo é ou não bilíngue, e sim em que medida é bilíngue.

¹⁶ “Em vez de duas (ou mais) línguas cuidadosamente separadas, cada uma sob o olhar de grupos de professores, pregadores e escritores, várias variedades intervenientes podem obter diferentes graus de interpretação. Essas variedades fundidas podem, com o tempo, tornar-se a língua materna e a única língua de uma nova geração. Assim, o bilinguismo sem diglossia tende a ser transitório, ambos em termos das variedades de fala envolvidas em si.” (FISHMAN, 1967, p. 36, tradução nossa).

O bilinguismo é, portanto, uma competência linguística individual e de uso, o qual se adquire falando entre seus pares e convivendo com demais falantes de outras línguas. Aprender a falar mais de uma língua, como ocorre em comunidade de imigração polonesa, faz parte de um processo natural que ocorre muitas vezes em casa como aquisição da língua materna. Na definição do grau de bilinguismo de um falante, Mackey (1972) considera as diferentes habilidades, no meio oral e escrito:

Quadro 13 – Representação do nível e habilidades: grau de bilinguismo

Skills	Levels	Semantic	Stylistic	Graphic
Phonological/ Gramatical	Lexical			
Listening				
Reading				
Speaking				
Writing				

Fonte: Mackey (1972, p. 557)

O quadro acima separa as possibilidades de dois conjuntos de variáveis no que se refere a habilidades e competências do falante em relação ao nível da sua proficiência linguística: ouvir, escrever, falar e ler. No caso das comunidades de imigração polonesa, como na maioria das comunidades minoritárias, sobressaem-se as habilidades orais. E ela varia conforme a geração e fase do contato linguístico. Assim, podemos observar que o bilinguismo se manifesta de modos diferentes, a saber: de um lado, falantes que entendem uma língua, mas não conseguem ler, são os que compreendem foneticamente, mas não graficamente. Ou seja, ouvem e falam na língua, mas não escrevem. São bilíngues fluentes, e que dão sustentação ao uso da língua na comunidade. Esse tipo de falante ocorre geralmente na geração mais velha, dos 55 aos 85 anos. Entre os jovens, cresce em número outro tipo, que compreendem, mas não falam; ou que compreendem e falam “algumas palavras”.

Podemos ainda dizer que, na geração mais velha, relacionando o grau de bilinguismo ao contexto histórico de imigração para o Brasil, a maioria eram famílias com baixa escolaridade. Assim, é de se supor que os falantes de línguas minoritárias, como as línguas eslavas, representam um número significativo de falantes não alfabetizados, ou semialfabetizados, na sua língua materna.

Um segundo grupo de falantes bilíngues é aquele que apresenta nível de conhecimento lexical e possui habilidades tanto na escrita como na leitura, mas apresenta dificuldades para falar e ouvir. Esse tipo é comum no âmbito do ensino de línguas adicionais. No nível semântico, o bilíngue se expressa melhor em uma língua do que em outra. Ao se referir a estilos e modos de falar bilíngues, Romaine (1995) enfatiza que o bilíngue explora o seu modo de se expressar na língua de maneiras diferentes, por exemplo, ter boa pronúncia, mas ter conhecimento fraco em gramática em uma das línguas e vice-versa. Ou ainda pode se expressar bem gramaticalmente na escrita e na oralidade, mas não ter habilidades para controlar o estilo de escrita na prática.

Como se vê, a habilidade de ser bilíngue vai além de apenas dominar uma segunda língua. Não podemos considerar apenas bilíngue aquele que domina as quatro habilidades, num conjunto total e perfeito. Pois sabemos que a língua é movimento e se manifesta no indivíduo por meio das suas relações e contatos, formando o sujeito em sociedade. Assim, definir bilinguismo não pode se reduzir a um rótulo, com o qual se indica quem tem a competência linguística para ser ou não bilíngue.

Em relação ao contexto brasileiro, costuma-se falar de uma diversidade linguística com falantes bilíngues, plurilíngues e multilíngues, e que infelizmente essa pluralidade é vista, no que diz respeito às línguas minoritárias, como problemas de cultura e educação e muitas vezes julgada como “dialetos¹⁷”, e não como línguas. Sobre isso, Nicolaidis afirma:

Pode-se dizer que o “empurra-empurra” das línguas minoritárias entre o terreno da cultura e da educação decorre, em grande parte, da falta de uma distinção clara entre dois enfoques fundamentais para a construção de uma “pedagogia do plurilinguismo” como propusemos em Altenhofen e Broch (2011, p. 17): de um lado, está a salvaguarda da diversidade linguística “como coexistência de diferentes” (tema que a pasta de cultura busca valorizar e inventariar enquanto “patrimônio cultural e imaterial”). De outro lado, está o fomento da pluralidade linguística “como postura de se constituir plural diante da diversidade” tarefa, que tem a ver com uma educação linguística plurilíngue. (NICOLAIDES, 2013, p. 99).

Se pensarmos nas línguas minoritárias e na diversidade linguística do país, seria ingênuo classificar os falantes em níveis de bilinguismo melhor, pior, menor ou maior. Pelas pesquisas sociolinguísticas, podemos refletir sobre as comunidades plurilíngues,

¹⁷ Compreendemos que a definição de dialetos vai além de diferenciar dialeto de língua, até porque: “[...] ‘dialeto’ recebe seu sentido enquanto conceito apenas em relação a uma língua: um dialeto é, enquanto tal, ‘dialeto de uma língua’ (caso contrário é considerado também uma ‘língua’). Por outro lado, pode-se compreender ‘língua’ em relação a ‘dialeto’ ou também como um conceito ‘com caráter de substantivo’, ou seja, um conceito não relacional e, nesse sentido, um conceito autônomo, independente.” (ALTENHOFEN; PAVAN, 2017, p. 11).

principalmente no que se refere às línguas indígenas. E suas manifestações na língua e para a língua são independentes do grau de bilinguismo de cada falante.

Cabe, por fim, ainda uma distinção entre o *multilinguismo* da sociedade, portanto da coocorrência de mais de uma língua em um mesmo espaço social; e o *plurilinguismo* como a competência em mais de uma língua por um mesmo indivíduo (ALTENHOFEN; BROCH, 2011, p. 16). Essa distinção é relevante para o campo da sociologia da linguagem, que é onde se desenvolve este estudo. A vitalidade linguística em relação ao indivíduo relaciona-se com a competência e o grau de plurilinguismo; a vitalidade linguística em relação à sociedade leva em conta as condições de manutenção desse e sustentação desse multilinguismo.

Ao pensarmos em falantes plurilíngues, temos em mente o sujeito que fala mais do que três línguas. Assim, ficam as perguntas: *como ele aprende três línguas? Quais são as competências desse falante plurilíngue? E como se dá a aquisição dessas línguas?* São questionamentos que dizem respeito à “educação plurilíngue ou plurilinguística” (BROCH, 2014).

2.5 USO ALTERNADO DE MAIS DE UMA LÍNGUA: *CODE SWITCHING*

Por dispor de um “repertório linguístico plurilíngue”, os falantes de mais de uma língua e variedade podem servir-se de maneiras diversas desse repertório. Daí surgem processos comuns na fala plurilíngue, como o *code switching*, ou seja, a alternância de código entre uma e outra língua, no mesmo segmento de fala (ROMAINE, 1995).

O *code switching* implica uma escolha, e ele se torna possível, porque o interlocutor também domina as línguas envolvidas. Isso pode levar a atitudes linguísticas diversas, que refletem muitas vezes uma incompreensão com o que muitos membros das comunidades chamam de “mistura linguística”. Tanto as variedades das línguas eslavas, quanto as de outras línguas de imigração existentes no contexto brasileiro, estão sujeitas a condutas e interpretações que dependem da interação entre os diferentes grupos. Queremos dizer, com isso, que as escolhas dependem da situação e contexto de uso e levam em conta as atitudes dos falantes, como preferem falar em seu meio e como se relacionam nas comunidades, definindo e alternando o uso do seu código linguístico.

A alternância de código, comum na fala plurilíngue, pode, portanto, também envolver questões sociopolíticas e atitudinais:

[...] thus, I will use the term ‘code’ here in a general sense to refer not only to different languages, but also to varieties of the same language as well as styles

within a language. This means that at the pragmatic level, all linguistic choices can be seen as indexical of a variety of social relations, rights and obligations which exist and are created between participants in a conversations [...] The type of behavior characteristically referred to as code-switching is obviously different in many respects to what happens in the kind of situation [...] (ROMAINE, 1995, p. 121).¹⁸

Ao escolher em qual língua falar, o bilíngue serve-se de estratégias linguísticas e de um discurso, que faz parte da sua identidade, para se comunicar, ampliando suas possibilidades de transmitir sentidos e justificando, assim é importante compreender que o *code-switching*, como alternância de código linguístico, geralmente ocorre durante a fala, mas não é uma ação considerada como uma convenção social ou uma necessidade de outro código linguístico em dado momento. O *code-switching* é realizado naturalmente entre falantes bilíngues, podendo ocorrer em momentos de euforia, de tristeza ou de reencontro.

Para os propósitos deste estudo, que enfoca a vitalidade linguística do polonês, o uso concomitante de mais de uma língua pode ser visto como indicador de perda ou “degradação” da língua minoritária de imigração. Ele não será analisado, nesta Tese, de forma objetiva, como faz a etnografia da fala, mas apenas considerado na análise qualitativa de dados de fala espontânea, como um componente atitudinal que pode assumir significados distintos para a manutenção ou substituição do polonês, tópico que veremos a seguir.

2.6 DOMÍNIOS DE USO DA LÍNGUA: A NOÇÃO DE *DOMAIN*

Para base do questionário do diagnóstico socioinstitucional os domínios e o modo de circulação da língua caracterizam a presença maior ou menor Fishman (1972) aponta os usos e domínios nas relações de redes ou *networks*. Essas redes significam como e o modo de circulação da língua nos diversos usos e domínios, como escola, igreja, família, comunidade etc. É através das relações dessas redes que as crianças por exemplo, no ambiente escolar estabelecem suas redes de contato

Identificamos e listamos a seguir os domínios que são relevantes para a nossa pesquisa e que serviram para a construção do questionário utilizado para as entrevistas. O primeiro domínio é representado pela:

¹⁸ “[...] assim, usarei o termo ‘código’ aqui em um sentido geral para referir-se não apenas a línguas diferentes, mas também a variedades da mesma língua, bem como estilos dentro de uma língua. Isso significa que, no nível pragmático, todas as escolhas linguísticas podem ser vistas como indiciais de uma variedade de relações sociais, direitos e obrigações que existem e são criadas entre os participantes em uma conversa [...] O tipo de comportamento caracteristicamente referido *code-switching* é obviamente diferente em muitos aspectos do que acontece no tipo de situação [...]” (ROMAINE, 1995, p. 121, tradução nossa).

a) **família**: é na família que a língua materna geralmente se mantém. Os pais, os avós, os filhos e netos no núcleo familiar aprendem a língua, sua cultura, hábitos e suas raízes. O segundo domínio diz respeito ao:

b) **meio social da comunidade**: engloba os espaços públicos onde circula a língua minoritária e onde os diferentes (grupos de) falantes entram em contato. Além disso, é mobiliza uma série de relações sociais e eventos como os encontros culturais e as festas realizadas na comunidade local e em comunidades vizinhas. O terceiro domínio está relacionado com a interação que a língua tem no:

c) **ambiente de trabalho**: nesse domínio, coloca-se igualmente a pergunta, se a língua apresenta determinado *status* na interação e no uso da língua no dia a dia. Estreitamente relacionado com esse domínio, tem-se o:

d) **comércio**: é no comércio que a língua assume papel como meio de persuasão; ela pode ser usada como meio de comunicação com um novo cliente ou, dependendo da localidade, ser o atrativo para o contato com quem fala essa língua minoritária, pois pode ser a língua que mais circula na comunidade. O domínio seguinte de uso da língua centra-se na:

e) **igreja**: a presença da língua nos cultos, missas, cantorias, rezas entre outras ações na Instituição Igreja. Do mesmo, a

f) **escola**, por meio do ensino da língua, remete-nos para o papel do reconhecimento escolar à língua minoritária falada na comunidade. O mesmo vale para o domínio da:

g) **administração**: quando pensamos na língua presente nas repartições públicas locais, compreendemos como um domínio em que a língua já ocupa um lugar de língua de maior circulação na comunidade e que há representantes da língua e para seus falantes no poder público.

Pensando no conjunto dos espaços sociais em que a língua circula, não podemos, por fim, deixar de considerar a presença da língua em:

h) **ambientes virtuais e mídias**: esses meios tecnológicos funcionam como difusores e formadores de opinião pública; como tal, contribuem para a imagem da língua minoritária. Programas de rádio, mensagens pelo celular, sites de famílias e da prefeitura podem ser incluídos aqui.

Esses usos e domínios apontados nos dão suporte para entender os espaços em que a língua circula, como se comporta e se mantém um grau de vitalidade linguística que não a leve à sua substituição total pela língua majoritária.

2.7 A TERMINOLOGIA DA MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

Manter uma língua minoritária em uma comunidade linguística, em que predomina uma língua majoritária como língua de poder, não é uma tarefa fácil, sem um planejamento linguístico. Mesmo assim, muitas línguas da diversidade linguística brasileira se mantiveram por conta de fatores sociais, políticos e históricos. A substituição (*language shift*) do polonês pelo português ou outra língua e variedade é, nesse cenário, um processo, dizem muitos, natural (HICKEY, 2013, p. 71). Frear esse processo tem sido o esforço de muitas comunidades, sobretudo de quem vê a importância dessas línguas e do plurilinguismo como “patrimônio cultural imaterial”.

Para Hickey (2013), a mudança linguística se acelera com as migrações, que levam a novos contatos linguísticos, porém línguas com estruturas próximas também influenciam a mudança por contato. Nas línguas eslavas, notamos a facilidade na mudança e contato entre o russo, o ucraniano e o polonês.

Para Grenoble e Whaley (1998), a manutenção ou substituição linguística pode ser vista em dois níveis de análise, micro- e macroanalítico. O nível macroanalítico é relacionado às condições econômicas e ao surgimento das tecnologias, telecomunicações que podem afetar a “vida das línguas na sociedade”. No nível microanalítico, esses acessos às telecomunicações impactam na vida cotidiana da comunidade linguística, de modos distintos. Renunciar a uma língua é acreditar, em certo sentido, que, ao escolher outra, se obtêm vantagens e garantias de sucesso econômico. Portanto, as línguas que representam grupos politicamente subordinados (minoritárias) estão mais propensas a serem substituídas do que aquelas que representam grupos dominantes. Elas têm de levar em consideração a nova conjuntura social, local e global:

[...]Em um mundo globalizado, os contatos são cada vez mais frequentes e menos dependentes da presença física, o que gera uma competição cada vez maior entre as línguas e, conseqüentemente, um risco de perda de prestígio e até de morte de um número cada vez maior de línguas. (ALTENHOFEN; MELLO, 2011, p. 20).

A mortandade linguística, ou o *linguicídio*, como Skutnabb-Kangas e Phillipson (1996) denominam as ações que levam à perda de línguas, representa uma preocupação muitas vezes ignorada pela sociedade, mas que tem recebido a atenção de linguistas, agentes culturais e organizações como a UNESCO e o IPHAN, comprometidas com o patrimônio cultural. Não obstante, o grande desafio tem sido aumentar a base de dados: mapear, realizar censos linguísticos, produzir materiais, diagnosticar, como é o propósito desta Tese.

O diagnóstico do estado de saúde de uma língua, como já se colocou mais à frente, coloca um espectro de possibilidades entre a manutenção, perda (parcial ou total), substituição ou revitalização linguística. Esta dá-se por meio de um planejamento linguístico que, por sua vez, pressupõe um conjunto de metas para a “promoção linguística” (*language promotion*). Uma língua é promovida a partir de um conjunto de ações que parte de estudos e diagnósticos para intervenções no *status* e/ou no *corpus* da língua minoritária. São ações do campo da política linguística, que, segundo Calvet (2007), são implementadas por meio do planejamento linguístico:

[...] política linguística (determinação das grandes decisões referentes às relações entre línguas e sociedade) e planejamento linguístico (sua implementação) [...] Em todos os casos e em todas as definições, as relações entre a política linguística e o planejamento linguístico são relações de subordinação: assim, para Fishman, o planejamento é a aplicação de uma política linguística, e as definições posteriores, em sua variedade, não ficarão muito longe dessa visão [...] (CALVET, 2007, p. 11-15).

Falar de política linguística é, em outras palavras, falar sobre ações de planejamento que levam à revitalização de uma língua. Nesse particular, Haugen (1983 *apud* CALVET, 2007) apresenta o seguinte modelo de planejamento linguístico:¹⁹

Quadro 14 – Modelo de Einar Haugen

	Forma (planejamento linguístico)	Função (cultura da língua)
Sociedade (planejamento do <i>status</i>)	1. Escolha (processo de decisão) a) Identificação do problema b) Escolha da norma	3. Aplicação (processo educacional) a) Correção b) Avaliação
Língua (planejamento do <i>corpus</i>)	2. Codificação (padronização) a) Transcrição gráfica b) Sintaxe c) Léxico	4. Modernização (desenvolvimento funcional) a) Modernização da terminologia b) Desenvolvimento estilístico

Fonte: Haugen (1983 *apud* CALVET, 2007, p. 30)

O modelo de Haugen correlaciona ações de planejamento no *status* e no *corpus*, considerando *forma* e *função* da língua em foco. As ações de planejamento de *status* se referem àquelas que visibilizar (forma) ou reconhecer (valor). As ações para o planejamento

¹⁹ Planejamento linguístico: “O sintagma *language planinng*, traduzindo para o português por *planejamento linguístico*, apareceu em 1959 num trabalho de Einar Haugen sobre problemas na Noruega. O autor procurava mostrar nesse trabalho a intervenção normativa do Estado (por meio de regras ortográficas, por exemplo) para construir uma identidade nacional depois séculos de dominação dinamarquesa. Haugen retoma esse mesmo tema em 1964, durante uma reunião organizada por William Bright, na Universidade da Califórnia, evento que marca o surgimento da sociolinguística.” (CALVET, 2007, p. 12-13).

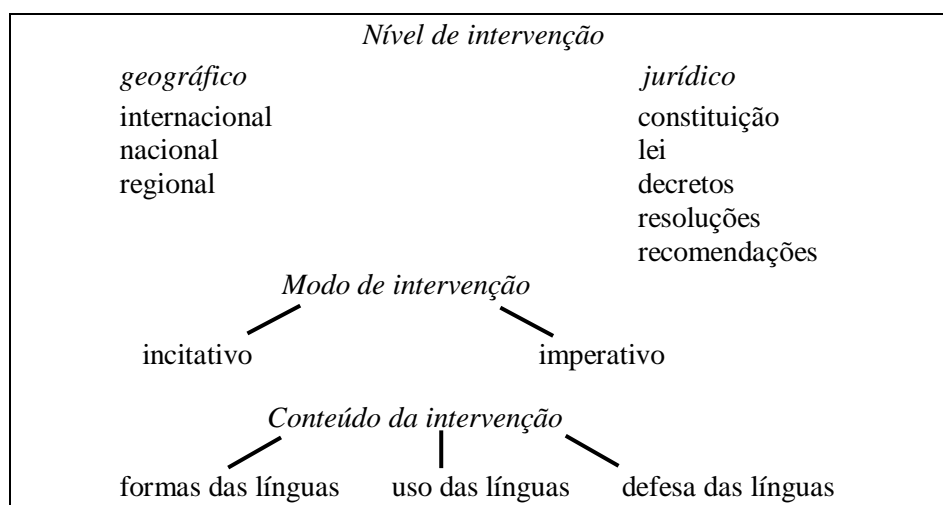
de *corpus*, por outro lado, levam em conta ações de intervenções mais concretas, por exemplo, na criação e reforma de uma escrita, ou na padronização ou normatização da língua etc.

As ações de políticas linguísticas são organizadas por meio de um planejamento que deve levar em consideração alguns aspectos relevantes, como: a comunidade linguística ter interesse em mudar o *status* ou dar *status* para sua língua minoritária identificando o problema em relação à língua; as ações junto ao poder público para a realização dessa planificação; grupo de especialistas para estudar as possibilidades e compilar os dados sobre a língua a ser constituída como língua padrão; especialistas para aplicação e produção de materiais pedagógicos para área educacional; ações em conjunto com a comunidade linguística junto aos órgãos responsáveis para mobilização em prol da língua, igrejas, centros comunitários, clube de mães, entre outros em que a língua circula. A implementação dessas ações costuma ser vista como sendo de baixo para cima (*bottom up*) ou de cima para baixo (*top down*). Do mesmo modo, também se diz que uma política linguística pode ser *in vivo*, pois surge a partir da voz da comunidade; ou *in vitro* (“em laboratório”), a partir de proposições externas, de especialistas ou administradores.

A ação de gestão *in vitro*, isto é, denominada como a gestão que ocorre geralmente por meio das análises realizadas por pesquisadores, especialistas e que investigam as situações relacionadas às línguas, descreve e apresenta soluções e propostas para possíveis problemas no que se refere à presença, manutenção e promoção linguística. Nem sempre, porém, essas ações chegam à realidade dos falantes.

O quadro a seguir, de Calvet (2007), resume e esquematiza as possibilidades que podem levar a um dos caminhos na elaboração de um planejamento linguístico *in vitro e in vivo*.

Quadro 15 – Planejamento Linguístico – nível de intervenção



Fonte: Calvet (2007, p. 78)

Sem dúvida, como mostra o quadro de Calvet, há um conjunto de possibilidades para revitalizar, salvaguardar e promover uma língua em vias de ser substituída ou perdida por uma comunidade. Elas afetam o nível, modo e conteúdo da intervenção. Mas há também que considerar os fatores que levam a substituição ou não de uma língua. Diagnosticar esses fatores não apenas trazem subsídios ao planejamento linguístico, como também permitem identificar onde está o maior problema que ameaça a manutenção de uma língua. Kloss (1966) apresenta alguns desses fatores que servem como base para um estudo e intervenção de política linguística na promoção de uma língua. Podemos estabelecer uma breve comparação com o esquema da figura 3 apresentado por Pertile (2009)

Quadro 16 – Fatores que favorecem e desfavorecem a manutenção e ou perda de uma língua minoritária

N.	Fatores	Favorecem a manutenção de uma língua minoritária	Desfavorecem a manutenção de uma língua minoritária
1	Isolamento social no contexto religioso / diferença de religião	X	
2	Tempo de imigração – antes dos grupos majoritários (língua) Tempo de imigração – depois dos grupos majoritários (língua)	X	X
3	Ilhas linguísticas ²⁰ – isoladas	X	
4	Grupos escolares e paroquiais que promovem e favorecem a manutenção de uma língua	X	
5	Pré-imigração – (experiente em manutenção de línguas)	X	
6	Extinção da língua oficial (usar apenas uma língua oficial)		X
7	Status oficial da língua antes da chegada do grupo majoritário (hoje)	X	
8	Elevar o nível de escolarização Baixo nível de escolaridade x cultura nacional	X	X
9	Auxílio financeiro para atividades culturais	X	
10	Líderes nas comunidades (padres, professores etc.)	X	

²⁰ Ilhas Linguísticas – São territórios em que uma língua minoritária é a principal língua falada em conversações diárias. São comunidades isoladas em que podem ser divididas em duas categorias de acordo com Kloss, (1966, p. 207) i. Islands that are large enough, or isolated enough to retain their language in an effortless way, automatically as it were, without particular language maintenance efforts. ii Smaller islands which are in danger of being swallowed up by the surrounding majority tongue unless systematic efforts at language maintenance are adopted. “(i. Ilhas grandes e isoladas, o suficiente para manter sua língua, sem esforços particulares de manutenção da desta língua. ii. Ilhas menores que correm o risco de serem substituídas pela língua majoritária que circula, a menos que sejam adotados esforços sistemáticos para a manutenção desta língua).” (KLOSS, 1966, p. 207, tradução nossa).

11	Cultura semelhante, línguas minoritárias e línguas majoritárias. Por exemplo: línguas eslavas	X	
12	Diferença de heranças culturais		X
13	Repressão linguística provocando: a) atitudes de defesa e desistência	X	X
14	Indiferença do grupo majoritário x bilinguismo	X	
15	Grupo minoritário com características sociocultural	X	

Fonte: Adaptado de Kloss (1966, p. 206-252)

Observamos no quadro elaborado com base em Kloss (1966), que a manutenção de uma língua requer esforços fundamentados em vários fatores. Esses fatores podem favorecer ou desfavorecer o uso de uma língua minoritária pela comunidade. Um exemplo com relação às línguas eslavas, em especial a língua polonesa, é o fator 11. A cultura, a dança e as comidas típicas semelhantes entre os grupos de fala eslava em certo sentido pode contribuir para uma identidade e vitalidade de suas línguas. Vale citar o hábito de pintar ovos no período da Páscoa, chamado de *pysanki* ('ovos de Páscoa', em polonês) e *pêssanka* (em ucraniano, 'escrever em ovos de Páscoa').

Há outros exemplos com vocábulos em polonês e ucraniano que marcam a identidade e visibilidade da língua e da cultura, por meio do léxico específico. Em ucraniano, *nucamupysanty*- 'escrever' e, em polonês, *pisác*- 'escrever'; *pysanki*- 'ovos de Páscoa'. Em russo, *napucamь-napisat'*- 'escrever'²¹. Lembremos Vale lembrar que nosso objetivo não é fundamentar sobre os léxicos das línguas eslavas, usamos apenas o dicionário linguístico para identificar um dos fatores que favorecem ou não a manutenção das línguas.

Ferreira (2019, p. 82) traz, além disso, exemplos que remetem à incorporação do meio cultural brasileiro para a língua polonesa: “*pesek*, (pêssego), *bóbra* (abóbora) *fizón* (feijão)”. Para a pesquisadora, esses neologismos também são considerados como empréstimos linguísticos do português, adaptações fonéticas que permitem integrar novos vocábulos ao sistema gramatical polonês brasileiro. Mas seu uso confere uma identidade cultural à língua de imigração polonesa que é, antes de tudo, também um testemunho e contribuição polono-brasileira de sua historicidade construída em solo brasileiro. Nos pontos da presente pesquisa, esses neologismos estão presentes, e se observa seu uso com a declinação vocabular característica da língua polonesa.

Para as línguas eslavas faladas na Região Centro-Oeste do Paraná, prevalece o ucraniano, já na região próxima a Curitiba, Colônia São Pedro, base da pesquisa de Ferreira

²¹ Léxico traduzido no dicionário polonês *on-line*. Ver: Escrever (2019).

(2019), prevalece a língua polonesa. Conforme apresentado no primeiro capítulo desta Tese, todas as pesquisas e esforços para manutenção das línguas eslavas estão focados nos espaços de maior presença histórica. Para as ações de promoção e revitalização linguística também concordamos com Calvet (2007), ao afirmar que, o objetivo do planejamento linguístico não é apenas elevar o grau de *status* de uma língua, dando-lhe um código padrão, uniforme, mas, sim, visar à diversidade e liberdade de se expressar na língua diante das mudanças que ocorrem na língua e para a língua. Nesse sentido, há a necessidade de pesquisas que contemplem o cenário da presença das línguas eslavas no contexto do Sul brasileiro, já que, como dito, a territorialização com maior número de falantes e da presença de imigrantes eslavos estão nessa região (SEMECHECHEM, 2016; FERREIRA, 2019).

De modo geral, contudo, temos poucos registros de ações sobre as línguas eslavas, no que se refere a uma política linguística sólida. Há associações, como a BRASPOL²² (Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa do Brasil) e outros centros de pesquisa, como o CELEM²³ (Centro de Línguas Estrangeiras Modernas), que empreendem esforços na promoção da língua e da cultura. Falta, porém, um inventário linguístico, para alavancar e assentar a base desse processo. É o que veremos na seção a seguir.

2.8 A LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO POLONESA E A POLÍTICA DO INDL

O polonês, como as demais línguas eslavas, figura na política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) no grupo de “línguas de imigração”. Entretanto, não foi realizado, até hoje, nenhum inventário dessas línguas. O que se tem é o inventário do Talian e do Hunsrückisch, além do pomerano, que se encontra em andamento. A presente Tese, ao contribuir para diagnosticar a vitalidade linguística do polonês, indiretamente serve para abrir essa perspectiva mais ampla de inventário, como um registro e documentação da língua no espaço brasileiro.

O INDL teve início a partir de uma demanda em 2004 e buscou criar uma base para o “reconhecimento das línguas brasileiras em nível nacional através de uma petição encaminhada pelo IPOL à Comissão de Educação e Cultura do Congresso Nacional e que

²² Associação não governamental criada no fim da década de 1980 para representar as comunidades polonesas no Brasil, bem como a cultura e a história da imigração polonesa no Brasil (BRASPOL, 2020).

²³ O CELEM é um espaço pedagógico para o ensino de línguas estrangeiras modernas (LEM), português para falantes de outras línguas (Pfol) e Língua Brasileira de Sinais (Libras), com funcionamento nas instituições de ensino da rede estadual de ensino. O CELEM oferta cursos das seguintes línguas estrangeiras modernas: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Japonês, Mandarim, Polonês e Ucraniano. Além disso, oferece curso de Português para falantes de outras línguas (Pfol) e de Língua Brasileira de Sinais (Libras) (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ, 2020).

desembocaria no decreto 7.387/2010” (MORELLO, 2012, p. 33). Isso implicou em um conjunto de ações e esforços, junto às comunidades linguísticas, para subsidiar o reconhecimento e pertencimento dessas línguas, no cenário brasileiro.

Foi constituído, a partir do Seminário sobre a Criação do Livro de Registros das Línguas, realizado em março de 2006, o Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil (GTDL). Todo o processo originou-se do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com o apoio do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL). O objetivo principal desse Grupo foi analisar a situação linguística do Brasil, propondo estratégias para a criação de uma política patrimonial que fosse compatível com as necessidades para a salvaguarda da diversidade linguística no Brasil.

A partir dessa iniciativa, traçou-se um plano de trabalho para mapear as línguas indígenas (autóctones) e as comunidades linguísticas descendentes de imigrantes (alóctones), além das línguas de sinais (LIBRAS), línguas crioulas, variedades regionais do português, bem como as práticas linguísticas das comunidades afro-brasileiras.

É preciso ressaltar que o INDL reveste-se de um sentido político especial, na medida em que confere às línguas inventariadas o direito de receber o certificado de “referência cultural brasileira”, como prevê o decreto 7.387 de dezembro de 2007, que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Observa-se, assim, que, ao inventariar uma língua, estamos oportunizando o direito de escolha do falante em continuar falando a sua língua, abrindo a perspectiva de sua transmissão para as gerações futuras, como patrimônio imaterial, cultural e herança trazida pelos antepassados que colonizaram o território brasileiro.

No caso das línguas indígenas, já encontravam amparo na Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Com a LDB e o Plano Nacional de Educação (PNE), ficou estabelecido pela Resolução nº. 03 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que os indígenas tenham o direito a escolas bilíngues e/ou multilíngues. Porém, as línguas de imigração não foram incluídas.

Embora ainda existam mais de 6 mil línguas no mundo, segundo a UNESCO (2003), muitas estão ameaçadas de extinção; e com base nessas informações a UNESCO tem como princípio básico da diversidade linguística:

Art. I Contribuir para a paz e a segurança, promovendo a colaboração entre as Nações através da educação, da ciência e da cultura, a fim de promover o Respeito pela justiça, pelo Estado de Direito e pelos Direitos Humanos e Liberdade

fundamentais que se afirmam para os povos do mundo sem distinção de raça, sexo, língua, religião, pela Carta das Nações Unidas. (UNESCO, 2003, p. 3).

Com base no que diz o artigo I do documento da UNESCO, salvaguardar as mais de 56 línguas de imigração estimadas no Brasil e as mais de 250 línguas indígenas que se estima ainda sejam faladas parece uma tarefa fácil, mas não é. É necessário um conjunto de ações precisas e fundamentadas para que se garanta a segurança aos falantes de cada uma dessas línguas se manifestarem e terem o direito de usar a sua língua materna. Esse direito é reafirmado pelo artigo 8º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos:

1. Todas as comunidades linguísticas têm direito a organizar e gerir recursos próprios, com a finalidade de assegurar o uso de sua língua em todas as funções sociais.
2. Todas as comunidades linguísticas têm direito a dispor dos meios necessários para assegurar a transmissão e a continuidade de futuro de sua língua. (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

O artigo 7º reforça o sentido da diversidade linguística:

1. Todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções.
2. Cada língua é uma realidade constituída coletivamente e é no seio de uma comunidade que ela está disponível para o uso individual como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criadora. (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

Portanto, as ações para as línguas estão fundamentadas e amparadas em leis que reafirmam os direitos linguísticos de cada indivíduo. Toda língua é um produto das ações coletivas produzidas por meio da fala entre seus falantes. Conseqüentemente, a manutenção, o direito e a necessidade de continuar se expressando em sua língua, embora uma decisão individual, é um direito universal. Compreender como uma língua em situação minorizada é usada em uma comunidade e quais os significados que assume nesse contexto, representa um desafio e um passo importante nesse sentido. Com isso, passamos ao capítulo seguinte, que apresenta a metodologia de pesquisa da Tese.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 ESCOPO DE ANÁLISE DA SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM

A presente Tese, ao tratar da língua como instituição social e produto histórico de uma coletividade, desenvolve-se no campo da sociologia da linguagem, mais especificamente – pode-se dizer – de uma sociologia do multilinguismo, em que se estudam os espaços em que diferentes línguas são usadas, enquanto fenômeno social, histórico e cultural *per se*, portanto não considerando objetivamente seu funcionamento e variação interna na correlação com fatores sociais, como faz a sociolinguística. O “sociólogo da linguagem” busca compreender, assim, os espaços e movimentos em que as línguas, as suas variedades, “os dialetos”, circulam e estão definidos e organizados em comunidades, bem como os significados sociais que assumem. Isso inclui as denominações dadas às línguas e sua percepção como uma instituição social.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS LOCALIDADES DA PESQUISA

Conforme já se colocou, a imigração eslava para o Brasil ocorre entre 1870 e 1939. Já na metade do século XIX, porém, começam a surgir nomes poloneses no estado de Santa Catarina, como Durski e Trampowski (GLUCHOWSKI, 2005). É quando, juntamente com a imigração alemã ao Brasil, começaram a vir para o país poloneses da Alta Silésia, da Prússia Ocidental e da Grande Polônia, ocupada pela Prússia durante as partilhas²⁴:

[...] no primeiro período da emigração polonesa ao Brasil até 1889, vieram 8.080 almas, das quais 7.030 ao Paraná, 750 a Santa Catarina, 300 ao Rio Grande do Sul e cerca de 500 a outros estados. O segundo período, que abrange a “grande emigração”, deu ao Paraná 14.286 almas, arredondando 15.000 almas, a Santa Catarina 5.000 almas, ao Rio Grande do Sul 25.000 almas, a São Paulo 13.500 almas, a outros estados 5.000 almas. Ao todo arredondando, 63.000 almas. No terceiro período, até o ano de 1900, vieram ao Paraná 6.000 almas, a outros Estados- 500 almas polonesas. Os ucranianos que vieram nesse período totalizaram 17.545 almas, vindas quase que exclusivamente para o Paraná. O quarto e último período, posterior ao ano de 1914, trouxe ao Paraná, 14.730 almas, a Santa Catarina 1.000 almas, ao Rio Grande do Sul 7.000 almas aos outros estados 2.000 almas. Os ucranianos que vieram neste período foram 14.550. (GLUCHOWSKI, 2005, p. 39).

²⁴ Gluchowski (2005) traz em seu livro *Os poloneses no Brasil*, o histórico dos poloneses em terras brasílicas. Sua obra traça a rota do primeiro polonês que pisou em solo brasileiro, desmistificando a história de que somente em 1869 começaram a vir poloneses ao Brasil.

As duas localidades escolhidas para a presente pesquisa colocam, nesse contexto, situações opostas. Os grupos de poloneses que se instalaram em Descanso, no oeste de Santa Catarina, são da diáspora do Rio Grande do Sul que migraram para áreas ainda desocupadas, nesses estados. Em Cruz Machado, os primeiros colonizadores vieram do estado de Santa Catarina. Segundo pesquisas de Gluchowski (2005), Goulart (1984) e Martins (2007), em 1869, os primeiros poloneses chegaram ao porto de Itajaí, no navio Vitória, imigrantes da Alta Silésia. Já em 1873, vindos da Prússia Ocidental ao Porto de São Francisco, em Santa Catarina, nos navios “Terpsicore” e “Gutenberg” em torno de 64 famílias com 258 pessoas (GLUCHOWSKI, 2005).

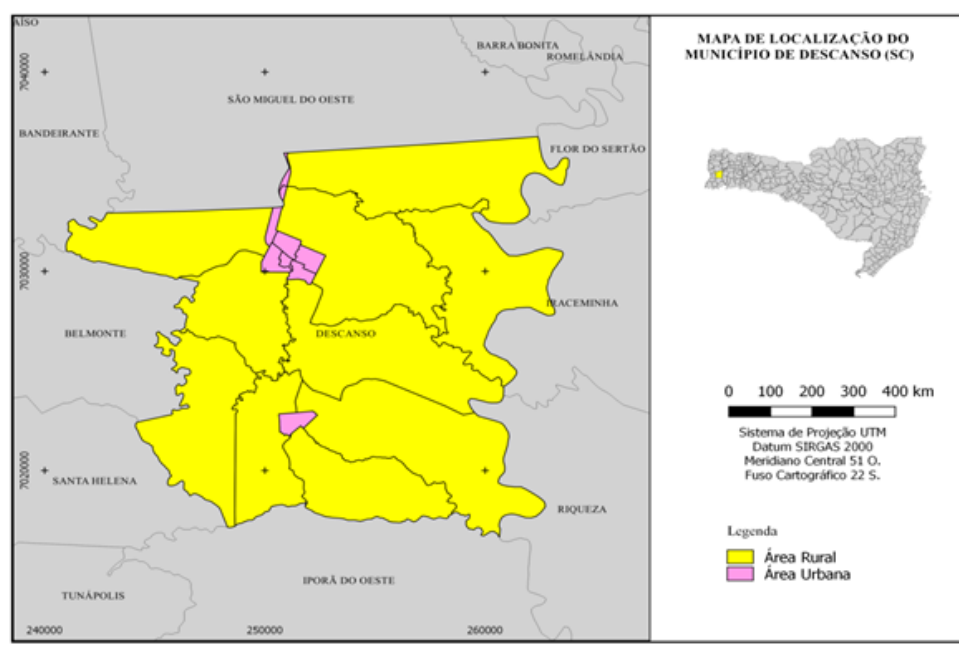
A escolha desses dois pontos orientou-se pelos seguintes critérios: a) possível contraste no grau de vitalidade linguística; b) facilidade de acesso, tendo em vista a área de atuação e conhecimento da pesquisadora; c) presença de imigrantes diretos da matriz de origem, na Europa, ou de descendentes oriundos migração interna; d) presença dominante de comunidade de fala polonesa versus presença de demais grupos migrantes; e) contraste entre uso da língua de imigração no meio rural e urbano; f) presença maior ou menor de suporte institucional à língua (por exemplo, ensino de polonês). Inicialmente, pretendia-se incluir uma localidade de pesquisa também em Áurea – RS, no Rio Grande do Sul. Por razões de logística e de condições de tempo e recurso, isso infelizmente não foi possível.

A seguir, são apresentadas as duas localidades escolhidas, Descanso – SC e Cruz Machado – PR. Essas localidades serão identificadas com o código SC e PR, acrescido da rubrica PRrur e PRurb, ou SCrur e SCurb, para distinguir o meio rural e urbano, por mostrarem um comportamento muitas vezes opositivo para a vitalidade linguística de línguas de imigração como o polonês.

3.2.1 Ponto SC: Descanso, no oeste de Santa Catarina

Segundo dados do IBGE (2019), o município de Descanso tinha um total de 8.192 pessoas em uma área total de 287,608km² localizada ao extremo Oeste de Santa Catarina. Sua economia destaca-se pela agricultura, tendo a maior parte do seu território na zona rural, conforme podemos observar no mapa a seguir:

Mapa 6 – Município de Descanso – SC: destaque para a área rural



Fonte: A Autora

A maioria dos migrantes do ponto SC, oriundos do Rio Grande do Sul, seguiu o fluxo das migrações para o oeste de Santa Catarina, que levou a essa área também descendentes de outros grupos, especialmente italianos e alemães. O Mapa 6 visualiza a localização desse ponto nessa microárea.

Mapa 7 – Localização de Descanso no oeste de Santa Catarina



Fonte: Wikipédia (2006)

É preciso ressaltar que a colonização italiana se sobrepôs à polonesa, como iremos observar na análise de dados. Os espaços são compartilhados e heterogêneos. A língua polonesa ainda está presente na paisagem linguística, em nomes de ruas, monumentos entre outros que lembram os fundadores do município, os primeiros poloneses que ali chegaram.

Em SC a colonização polonesa prevaleceu até fim de 1940, a partir deste período muito dos poloneses migraram para o sudoeste do Paraná e em Santa Catarina, bem como a chegada de italianos e alemães concentraram-se em Descanso SC. O município tornou-se um centro mais plurilíngue entre alemães, italianos e poloneses. Destaca-se por ser um ponto de menor presença polonesa e maior presença italiana. A maior concentração de falantes do polonês mescla-se entre âmbito urbano e no âmbito rural na Comunidade Leste, um dos locais de pesquisa desta Tese.

Há festividades que remetem a presença da cultura, comida e dança italiana, além de uma programação de rádio aos sábados a partir das 18h, descrito na seção desta tese sobre os *domains* do polonês. O ensino da língua não está presente, nem do italiano, nem do polonês em SC. A igreja promovia a festa das etnias, concentrada na culinária, polonesa, italiana e alemã.

3.2.2 Ponto PR: Cruz Machado, no centro-sul do Paraná

Cruz Machado localiza-se no centro-sul do Paraná, a 35 km a norte-oeste do município de União da Vitória, um dos maiores municípios dos arredores e a 218 km da capital paranaense, Curitiba. Segundo dados do Censo do IBGE de 2019, o município contava com 18.741 habitantes, em uma extensão de 1478 km². Fazem limite, além de União da Vitória, os municípios Porto Vitória, Bituruna e Pinhão.

Mapa 8 – Localização de Cruz Machado, no centro-sul do Paraná



Fonte: Wikipédia (2019)

O Sr. Jeromin Durski, polonês, que ficou conhecido no Paraná, foi um dos importantes colonizadores da região. O município de Cruz Machado foi um núcleo organizado pelo Governo Federal, para que o local fosse colonizado e povoado aproveitando assim, as grandes áreas até então inapropriadas, utilizadas para os diversos ramos da agricultura, principal fonte dos imigrantes europeus colonizadores do local. Assim, em 19 de dezembro de 1910, a Colônia passou a ser chamada de Cruz Machado, nome dado em homenagem ao Dr. Antônio Cruz Machado, Senador que em 1854 teve papel fundamental na Campanha da Independência da Província do Paraná, na época pertencente à Província de São Paulo.

Cruz Machado também foi colonizado por imigrantes alemães e ucranianos, como no exemplo de Helena Kolody, escritora literata que nasceu em 1912, na antiga Colônia de Cruz Machado, filha de pais ucranianos oriundos da região da Galícia Oriental – Ucrânia, que se estabeleceram em PR.

A escolha das localidades para a pesquisa em PR deu-se pela forte presença das línguas eslavas. A vitalidade do polonês está em Cruz Machado com maior concentração no âmbito rural, no Distrito de Sant'Ana Distrito de Cruz Machado, no âmbito urbano a pesquisa ocorreu nos *domains* do uso do polonês descrito no capítulo 4.2 e o centro de Cruz Machado.

Em PR, a língua está presente no ensino, nas ações da igreja, nos movimentos sociais, culturais das manifestações da culinária e história dos imigrantes que fundaram Cruz

Machado. Outra característica de PR é a presença do ucraniano e que reforça o ponto mais bilíngue do que SC.

De modo geral, esse ponto PR se distingue de SC pela forte presença da língua polonesa, logo por uma vitalidade linguística maior, à primeira vista, o que foi um critério definidor de sua escolha, para poder contrastar duas situações opostas. Apesar de a localidade ser também colonizada por imigrantes alemães e ucranianos, a cultura polonesa prevaleceu tanto na zona rural como urbana.

Tal como no caso do ponto SC, Descanso, a presença do polonês, sua vitalidade e usos linguísticos, serão apresentadas no cap. 4, como parte da análise. O contexto geográfico, e assim também histórico e social, é termômetro da vitalidade linguística e dá as condições para sua manutenção ou perda.

3.3 DIMENSÕES DE ANÁLISE

A variação é uma marca inerente a todas as línguas. Também o plurilinguismo se apresenta de formas variadas. Assim, um modo de conseguir abarcar essa diversidade de usos em um contexto plurilíngue é direcionar nosso olhar a diferentes dimensões de análise, conforme prevê o princípio da pluridimensionalidade (THUN, 1998). A pluridimensionalidade pressupõe categorias e perfis sociais diversos, como idade (ou gerações de falantes), escolaridade, gênero, situação, línguas diferentes, entre outras. Nessa perspectiva, o espaço que queremos sinalizar para a língua polonesa a partir da pesquisa, aponta para algumas hipóteses já formuladas e apresentadas na introdução desta Tese:

a) a substituição da língua minoritária polonês pela presença da língua oficial majoritária dá-se de forma lenta e gradual, no contato com o português (KLOSS, 1966). “Resquícios” da língua de imigração sempre continuam subsistindo mesmo quando não é mais usada, mais precisamente em uma escala de estágios de vitalidade, por exemplo de um conhecimento ativo > para um conhecimento passivo.

b) a presença de mais de uma língua compartilhando o mesmo espaço, como o alemão, o ucraniano e o italiano, reforça a escolha por uma língua comum dominante.

c) A língua minoritária inicia o processo de substituição na geração mais jovem, mantendo seu uso prioritariamente nas gerações mais velhas (acima de 55 anos, GII) (UNESCO, 2003).

d) O grau de vitalidade da língua está em relação direta com o grau de bilinguismo e de funcionalização das línguas e variedades do repertório dos falantes. Um uso diglósico

estável (FERGUSON, 1959) garante estabilidade à língua minoritária, como no caso do polonês falado nas localidades da pesquisa.

e) As políticas de revitalização e manutenção da língua minoritária têm sua eficácia aumentada, quando consideram a perspectiva *bottom up* e *in vivo* dos falantes. Políticas impositivas *top down* carecem da empatia necessária para conquistar a adesão e colaboração da comunidade.

f) A língua minoritária polonês prevalece no âmbito rural e encontra um suporte vigoroso em associações e organizações dos grupos sociais a que pertencem os falantes. As mulheres da geração mais velha, especialmente em contexto rural, pelos papéis sociais historicamente assumidos – sobretudo como “administradora” do lar – lideram o grupo que mais mantém a língua polonesa. Em contrapartida, as mulheres da geração jovem – pelas mudanças ocorridas na estrutura social – são as mais propensas à substituição pelo português.

g) O isolamento geográfico e social maior ou menor de uma comunidade, ou seja, a existência de uma comunidade de falantes demograficamente mais isolada e com boa quantidade de falantes contribui para a manutenção da língua.

h) O contexto familiar é o contexto *par excellence* de transmissão e uso da língua minoritária, no caso polonês, exceto em casamentos mistos (exogâmicos), em que se tende ao uso do português como língua comum. Essa hipótese acentua a relevância dos pais na manutenção da língua. A igreja assume papel central na manutenção do polonês (DELONG, 2016), como comunidade de prática em que a comunidade se reúne. Seu papel é também observado em outros grupos de línguas de imigração, como os alemães e italianos.

O princípio da pluridimensionalidade, nesta Tese, vem auxiliar a ordenar os fatos implicados pelas hipóteses do estudo. Neste sentido, seguindo o modelo de Thun (1998), na dimensão diatópica escolhemos, como já foi colocado, duas localidades divididas em contexto urbano (SCurb e PRUrb) e rural (SCRur e PRRur). No ponto SC, foram entrevistados 25 informantes, e no ponto PR, 30 informantes, que responderam ao Questionário para o Censo Linguístico, para descrição da territorialidade do polonês. As demais dimensões sociais, em cada um desses contextos de ordem mais diatópica, aparecem não de forma objetiva como grupos de entrevista específica, mas como categorias de análise nos diversos domínios de uso do polonês (e do português) – ver seção 3.4). Foram coletados, por exemplo, dados de Censo em duas escolas, uma de âmbito rural e outra de âmbito urbano, em cada ponto de pesquisa, totalizando assim:

Quadro 17 – Número de informantes que responderam questionário na escola

SC	PR
SCurb: 140 informantes	PRurb: 206 informantes
SCrur: 69 informantes	PRrur: 174 informantes
Total: 209informantes	Total: 380 informantes

Fonte: A Autora

Está claro nesse quadro que não houve o mesmo número de informantes nos pontos pesquisados, pois não salas de aulas homogêneas. Relevante o maior número de respostas ao questionário levando ao melhor diagnóstico sobre a presença da língua polonesa em SC e PR.

A partir do modelo de Thun, pode-se resumir o seguinte quadro geral das dimensões de análise consideradas neste estudo:

Quadro 18 – Dimensões e parâmetros da pesquisa

Dimensão	Parâmetros					
Diatópica	<ul style="list-style-type: none"> • Ponto SC: Descanso-SC • Ponto PR Cruz Machado-PR 					
Diageracional	<ul style="list-style-type: none"> • Geração I (GI) com falantes entre 18 a 45 anos • Geração II (GII) com falantes acima dos 55 a 85 anos ou mais 					
Dialingual	<ul style="list-style-type: none"> • Bilíngues (Bi), com ênfase no falante de polonês • Monolíngues (Mono), falantes apenas de português 					
Diagenérica	<ul style="list-style-type: none"> • Falante do sexo masculino (M) • Falante do sexo feminino (F) 					
Diastrática	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2"> <ul style="list-style-type: none"> • Nível de escolaridade </td> <td>Ca.: Falantes com mais de 8 anos de escolaridade</td> </tr> <tr> <td>Ensino Médio Ensino Fundamental II Ensino Fundamental Anos Finais</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Cb: Falantes com nenhuma ou até 8 anos de escolaridade</td> </tr> </table>	<ul style="list-style-type: none"> • Nível de escolaridade 	Ca.: Falantes com mais de 8 anos de escolaridade	Ensino Médio Ensino Fundamental II Ensino Fundamental Anos Finais		Cb: Falantes com nenhuma ou até 8 anos de escolaridade
<ul style="list-style-type: none"> • Nível de escolaridade 	Ca.: Falantes com mais de 8 anos de escolaridade					
	Ensino Médio Ensino Fundamental II Ensino Fundamental Anos Finais					
	Cb: Falantes com nenhuma ou até 8 anos de escolaridade					
Diafásica	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorrência do português e do <i>polonês</i> em ambientes formais e informais 					
Diarreferencial	<ul style="list-style-type: none"> • Comentários linguísticos e metalinguísticos obtidos através de entrevistas, conversas e escritos coletados nas regiões da pesquisa. 					

Fonte: Adaptado pela autora ao escopo de análise da Tese

Segundo Thun (2000, p. 91):

É parâmetro toda variável (lingüística ou extralingüística), analisada com sistematicidade, que se considera individualmente, como, por exemplo, *geração II* ou *mulheres*. A dimensão é um agrupamento de dois ou mais parâmetros que se encontram em relação opositiva.

Para o estudo da vitalidade linguística, nenhuma dimensão de análise merece tanta atenção quanto a dimensão diageracional. Ela sinaliza uma mudança em tempo aparente, em que falantes da geração mais velha (GII) costumam manter mais a língua do que os jovens (GI). A perda linguística inicia e se acentua nessa GI. Do mesmo modo a dimensão dialingual sinaliza um grau de bilinguismo deferente entre GII e GI, em que entre os mais velhos se encontram falantes com língua dominante sendo o polonês. Metodologicamente, os informantes da pesquisa GII aparecem muitas vezes em funções distintas, em nosso estudo, como geração dos pais (no domínio da família), professores (no domínio da escola), prefeito e vice-prefeito (administração) e sacerdote (igreja). A geração, portanto, muitas vezes se combina com a escolaridade. O mesmo vale para a GI, que engloba, na coleta de dados sobretudo alunos de escola, na aplicação da parte II do questionário para o Censo Linguístico (ver seção 3.4.3), nos níveis Fundamental I e II e Médio.

Na dimensão diagenérica, é de relevância medir a presença da língua entre mulheres e homens da GI e GII. Radtke e Thun (1996)²⁵ Parece que as diferenças de gênero têm de ser associadas à respectiva geração e, por consequência, aos papéis sociais historicamente assumidos, para explicar como homens e mulheres da GI e GII mantêm-se mais ou menos bilíngues. Linguisticamente a língua materna mantém-se mais entre mulheres das gerações mais velha.

O fato é que, a partir do momento em que as diferenças biológicas se convertem em desigualdade, estereótipos e preconceitos são gerados e perpetuados através da língua. As consequências da imagem do que é ser mulher ou homem afetam as relações sociais e vão sedimentando uma determinada realidade. (PERTILE, 2009, p. 138).

²⁵ “El planteo general acerca de si las mujeres, debido a su gran paciencia y sensibilidad, serán mejores informantes o al menos, tendrán mayor conocimiento que los hombres acerca de ciertos temas como la administración del hogar no apunta a la variación diasesual” pero ya tempranamente surgen preguntas en el sentido de la variación, para las cuales en principio se buscan respuestas globales, como, por ejemplo, si las mujeres se comportan lingüísticamente de manera más conservadora o más innovadora que los hombres, o si la diferencia biológica será, en realidad, de orden social, producida por la distribución fija de los papeles en la sociedad.” (RADTKE; THUN, 1996, p. 34).

Como afirma Pertile (2009), a mulher é a representatividade da dona de casa, mãe, cuidadora da família. E o pai, representa o chefe e provedor, aquele que traz o sustento. Deixar de falar na sua língua é dar mais força ao papel patriarcal que o homem representa.

Considerando, por fim, os usos restritos do polonês em situações formais (dimensão diafásica) e sua ausência ou presença na escola, além da sua correlação com a escolaridade maior ou menor em português (dimensão diastrática), voltamos nesse campo nosso olhar aos domínios da escola e da família, como contraponto de análise. O domínio familiar é o domínio que se espera como mais favorecedor do uso e manutenção do polonês. A escola, pelo contrário, como alerta Broch (2014), deveria criar as condições de acolhimento e diálogo com o plurilinguismo do meio.

Por fim, como enfoque do campo atitudinal – em relação às línguas presentes na comunidade, a dimensão diarreferencial nos permite observar como o polonês é visto em relação à presença das outras línguas eslavas, como os falantes distinguem a sua língua materna e as atitudes linguísticas das outras línguas presentes na comunidade, notadamente a oficial. Para tanto, é importante o pesquisador ficar atento a comentários metalinguísticos sobre a presença da língua, suas atitudes e manifestações, bem como também em relação a comportamentos culturais, como o hábito de, ao fazer mudança para uma nova morada, entrar com o pão e o sal, representatividade de bênçãos e fartura, costumes também presentes na língua ucraniana. Outro exemplo ocorre no casamento polaco, quando se amarra o pão no cavalo como representatividade de bênçãos, presença de Cristo, e o sal aspergido para proteger contra o mal olhado.

Pode-se dizer, que o terreno da religiosidade é especialmente rico nesse tipo de manifestação de identidade. Para o polonês, a presença das rezas e crenças em polonês fortalece a presença da língua e mantém viva a sua relação com seus antepassados.

Eu gosto de falá em polaco, porque é a minha língua, da minha mãe, da minha gente. É a língua mais bonita e quando vejo e falo com um parente e com a “Maria²⁶” (filha), eu tenho que fala em polaco, sai, assim óh! [faz gestos com os braços, mostrando que a língua sai de dentro dela] não sei explicá, tenho que fala. (ENTREVISTA REALIZADA em ponto de coleta PRurb CbGII -10 maio 2019).

Para a nossa pesquisa, a dimensão diarreferencial colabora principalmente, na análise de conversa espontânea, às lembranças com as quais o falante exprime seus sentimentos em relação à língua materna. Ela se mostra relevante também nas falas em relação a outras

²⁶ Usamos nomes fictícios para representar os falantes entrevistados.

línguas, por exemplo, o italiano. Fizemos e apresentamos um recorte da primeira visita na Comunidade Leste em SC no momento da festa no Centro Comunitário.

Eu casei com italiano né? Daí aprendi um pouco e italiano e o polaco deixei de falá, porque a gente obedece o marido, non tem com quem fala polaco, e daí aprendi tudo com minha sogra [pausa] então fui deixando de fala polaco... alguma coisa a gente se alembra, mas é muito poco. (CONVERSA INFORMAL. CbSCrur, 23 fev. 2017).

Em resumo, as diferentes dimensões de análise da variação linguística e do plurilinguismo contribuem como uma espécie de “lentes de aumento” da visibilidade de relações sociais sobre a manutenção e perda do polonês e, por consequência, de sua vitalidade linguística. Ao lado da noção de *domain*, elas contribuem para refinar a análise. Vejamos a seguir os procedimentos utilizados para a coleta dos dados.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Com o objetivo geral de diagnosticar o estado da língua, isto é, sua vitalidade linguística, considerando diferentes espaços de uso da língua de imigração polonesa, procedeu-se a três conjuntos de dados: 1) dados históricos e sociológicos sobre a presença (visual) da língua na comunidade por meio de análise documental e registros fotográficos; 2) dados de observação participante; 3) dados de entrevistas com uso de questionário. A aplicação e constituição de cada um desses conjuntos de dados considerou os diferentes domínios de uso da língua e as diferentes dimensões de análise apresentadas acima. O seguinte roteiro foi considerado na implementação das três etapas de coleta dos dados:

- 1) Suporte institucional;
 - a) Escola;
 - b) Religião (missas, sermões, rezas);
 - c) Administração pública, (uso da língua por prefeito vereadores etc);
 - d) Atividade cultural.

- 2) Meio social
 - a) Comércio (lojas, restaurantes, clubes, sociedades – expressões em polonês);
 - b) Paisagem linguística (rural, rurano²⁷ e urbano);

²⁷ “Variedade não padrão que podem ser denominadas ‘rurbanas’. Essas variedades são usadas por falantes de classes mais baixas, não alfabetizadas ou semialfabetizadas, que vivem na cidade, mas que na maioria dos

- c) Interação de trabalho – frequência de uso do polonês no ambiente de trabalho.
 - d) Censo linguístico parcial da presença de falantes do polonês.
- 3) Família: indicadores de vitalidade linguística
- a) Família com vitalidade linguística (usam o polonês como língua materna, inclusive crianças);
 - b) Família em processo de perda linguística (não falam mais a língua, na GI);
 - c) Observação de aspectos atitudinais relativos à língua de imigração polonesa.

De modo geral, são indícios a serem considerados na observação participante e na aplicação entrevistas, para a identificação da vitalidade linguística na localidade:

- 1) existência de falantes nas diferentes gerações (velhos GII, médio, idade GII, jovens GIII, crianças GIV);
- 2) ensino da língua em instituições (escola, cursos, entre outros);
- 3) veiculação em mídias sociais e programa de rádio, TV;
- 4) produção de material na língua, em jornal, poesias, concursos literários;
- 5) paisagem linguística no cenário das comunidades, placas, monumentos históricos, fachadas de lojas, comércio em geral;
- 6) presença da língua nos espaços de administração pública, (prefeitos, vereadores, etc.).

Vejamos os procedimentos que estruturaram a coleta de cada um dos três conjuntos de dados.

3.4.1 Dados de observação participante

Uma pergunta clássica, na observação do uso das línguas em contato em uma comunidade plurilíngue, é a que indaga “quem fala o que em qual língua e com quem”, e que remete a categorias de análise como “falante, tópico, código (escolha linguística), destinatário e demais participantes de uma interação social”. Os usos e escolhas linguísticas

casos, têm antecedentes rurais, e pela população que vive em áreas rurais, onde já se vê introdução de tecnologia.” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 21).

dão-se, portanto, nesse complexo de interação. Um procedimento comum para observar esses usos linguísticos é, por isso, a observação participante, como veremos a seguir.

A participação efetiva na pesquisa de campo, observando e acompanhando os interlocutores em diferentes situações, é fundamental para a descrição do uso de uma língua ou variedade linguística nas comunidades estudadas. Nesta Tese, o uso do polonês, em particular, é por sua vez analisado como indicador de uma maior ou menor vitalidade linguística, ou seja, mais uso indica mais vitalidade.

Por meio da observação participante, em que o pesquisador busca fazer parte da comunidade, respeitando as situações e os comportamentos linguísticos, foram coletados dados significativos sobre o uso da língua de imigração e os fatores que determinam esse uso e, conseqüentemente, sua vitalidade linguística.

A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada lhe apresenta. (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 2).

Nas entrevistas etnográficas, o pesquisador se aproxima dos entrevistados, observa e registra, interagindo e investigando a língua em uma conversa de modo informal. “A entrevista etnográfica também é aberta e pode abrir novos rumos de investigação. Se há algum membro da comunidade mais bem informado quanto ao tópico pesquisado ele ajuda o pesquisador a ir formulando as questões à medida que a conversa desenrola.” (PONSO, 2014, p. 200).

Isso incluiu o respeito à dinâmica da vida social na comunidade, por exemplo respeitando horários da rotina dos membros das comunidades, além de hábitos e tarefas, como por exemplo a hora depois do almoço, em que se costuma tomar uma soneca, etc. Por essa razão, ao respeitar o ritmo e a dinâmica da comunidade, a pesquisa em cada uma das localidades selecionadas durou em média quatro a sete dias. Eventos festivos foram igualmente relevantes, bem como a diferenciação entre a) meio rural e b) meio urbano, como veremos mais à frente.

Na pesquisa etnográfica, foi utilizado também um caderno de campo, que nos oportunizou registrar os momentos de interação social, de modo informal, que ocorrem geralmente, nos espaços de integração durante a pesquisa.

A inserção no contexto social objetivado pelo(a) pesquisador(a) para o desenvolvimento do seu tema de pesquisa, o(a) aproxima cada vez mais dos

indivíduos, dos grupos sociais que circunscrevem seu universo de pesquisa. Junto a estas pessoas o(a) pesquisador(a) tece uma comunicação densa orientada pelo seu projeto de intenções de pesquisa. (ECKERT; ROCHA, 2013, p. 59).

Vale destacar que essa “inserção no contexto social” pesquisado considerou os diferentes domínios de uso da(s) língua(s), conforme Fishman (1972). Assim, ao longo da pesquisa (em média sete dias na comunidade) procurou-se visitar e observar o uso da língua de imigração polonesa nos diferentes domínios previstos, em especial administração, escola, igreja, saúde e comércio, além da circulação permanente pela comunidade como meio social rural e urbano. Esse recorte e amplitude de olhar considerou que a língua possui setores de concentração de uso do polonês, especialmente mais rural do que urbano, mais familiar do que público, como veremos. A aplicação de instrumentos objetivos de coleta dos dados, como se verá a seguir, segue esse mesmo controle.

3.4.2 Dados históricos e sociológicos do contexto

A estrutura social de uma comunidade configura por si só já uma fonte de análise que pode jogar luz a uma série de aspectos sobre as línguas faladas em uma determinada localidade. Para tanto servem de base materiais de ordem documental, como folders, cartas privadas, publicações locais, placas históricas, cemitérios, etc. A paisagem linguística – inscrições com registra língua na sociedade, em ambientes públicos, representa uma fonte relevante para subsidiar e diagnosticar a presença da língua minoritária. Somam-se a esses dados, registrados com o auxílio da fotografia, eventos públicos como por exemplo um sermão em língua polonesa, ou terço em polonês, via sacra em ucraniano. Levantar essas fontes e correlacioná-las com o contexto, domínio de uso e dimensão de análise, para identificar quem produziu o dado, onde e por que, torna-se de grande valor. Parte desses dados pode ser obtida por meio do uso de um questionário, como se verá a seguir.

3.4.3 Dados do questionário para o “diagnóstico socioinstitucional”

Conforme explicitado, utilizou-se como instrumento auxiliar à observação participante e à análise documental e sociológica, um questionário para obtenção de dados de um diagnóstico socioinstitucional (ver anexo 1), em que se pudesse analisar e mensurar o uso do polonês nos diferentes domínios previstos, a saber:

- 1 Administração pública;
- 2 Saúde;
- 3 Sindicato;
- 4 Associações/casas de cultura;
- 5 Comércio;
- 6 Igreja;
- 7 Família;
- 8 Escola;
- 9 Mídias.

Os dados de cada domínio foram coletados com visita ao respectivo domínio, na forma de observação participante e pergunta simples sobre línguas faladas. Nos domínios públicos mais abertos, perguntaram-se as primeiros dez pessoas. Em domínios como a escola, a administração e a igreja, fez-se um levantamento do plurilinguismo dos representantes mais característicos desses domínios, por exemplo, professores, sacerdote, prefeito, etc., como se pode ver no questionário. Esse levantamento, em virtude de nem sempre encontrar os respectivos representantes, valeu-se também de informações indiretas, de terceiros, conhecedores do contexto. Vale reforçar que o objetivo central desse questionário foi, acima de tudo, mapear a presença e uso da língua no meio rural e urbano, considerando esses domínios e também diferentes dimensões de análise, visto que abrangeu indiretamente dados de perfis sociais variados, como membros da geração mais velha e da geração mais jovem, de escolaridade menor ou maior, gênero e profissão/ocupação diferentes. Com isso, foi possível controlar dados de ordem mais qualitativa com dados quantificáveis ou, ao menos, comparáveis de forma objetiva e sistemática.

Além de uma parte I, voltada à mensuração do grau de vitalidade linguística do polonês em diferentes domínios, resultando na descrição da territorialidade total de uso do polonês, nos diferentes domínios, o questionário para o diagnóstico socioinstitucional abarcou ainda uma parte II sobre Funções Internas e Externas de uso das línguas da comunidade, aplicada por escrito em sala de aula a alunos do Ensino Fundamental Séries Finais, Ensino Fundamental II e Ensino Médio de escolas do meio rural e urbano de ambas as localidades da pesquisa. Com isso, buscou-se observar a mudança na manutenção ou substituição do polonês num espaço de tempo aparente, entre alunos de idades em fases distintas da escolarização.

Vale acrescentar que a elaboração do questionário utilizado considerou questionários diversos, como o do Inventário do Hunsrückisch (2018), que se orientou pelo Guia do INDL, ou ainda de outros estudos, como Pertile (2009), Ponso (2014), Delong (2016) e Altenhofen (1990).

Além disso, antes de iniciarmos a pesquisa e aplicação do questionário, solicitou-se a autorização e consentimento dos participantes, para atender às exigências de ordem ética. Explicou-se o projeto e se solicitou o melhor horário e local, conforme a vontade dos mesmos.

3.5 ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Na análise e tratamento de dados, realizamos todo o compilado do que foi pesquisado e gerado a partir da pesquisa de campo. A análise considerou os três conjuntos de dados explicitados acima, sendo os dados quantificados em forma de tabela e gráficos. Essa análise interpretativa dos resultados de ordem mais quantitativa foi complementada e correlacionada, por fim, com dados de base mais qualitativa, obtidos por meio de coleta etnográfica incluindo anotações do diário de campo, dados sociológicos, de *folders*, material fotográfico, publicações locais, participação em festas nas comunidades de pesquisa, visita a museus, a igrejas, participação e relatos do clube de mães, visitas aos ambientes escolares, entre outras fontes.

CAPÍTULO 4

DIAGNÓSTICO DA VITALIDADE LINGUÍSTICA DO POLONÊS

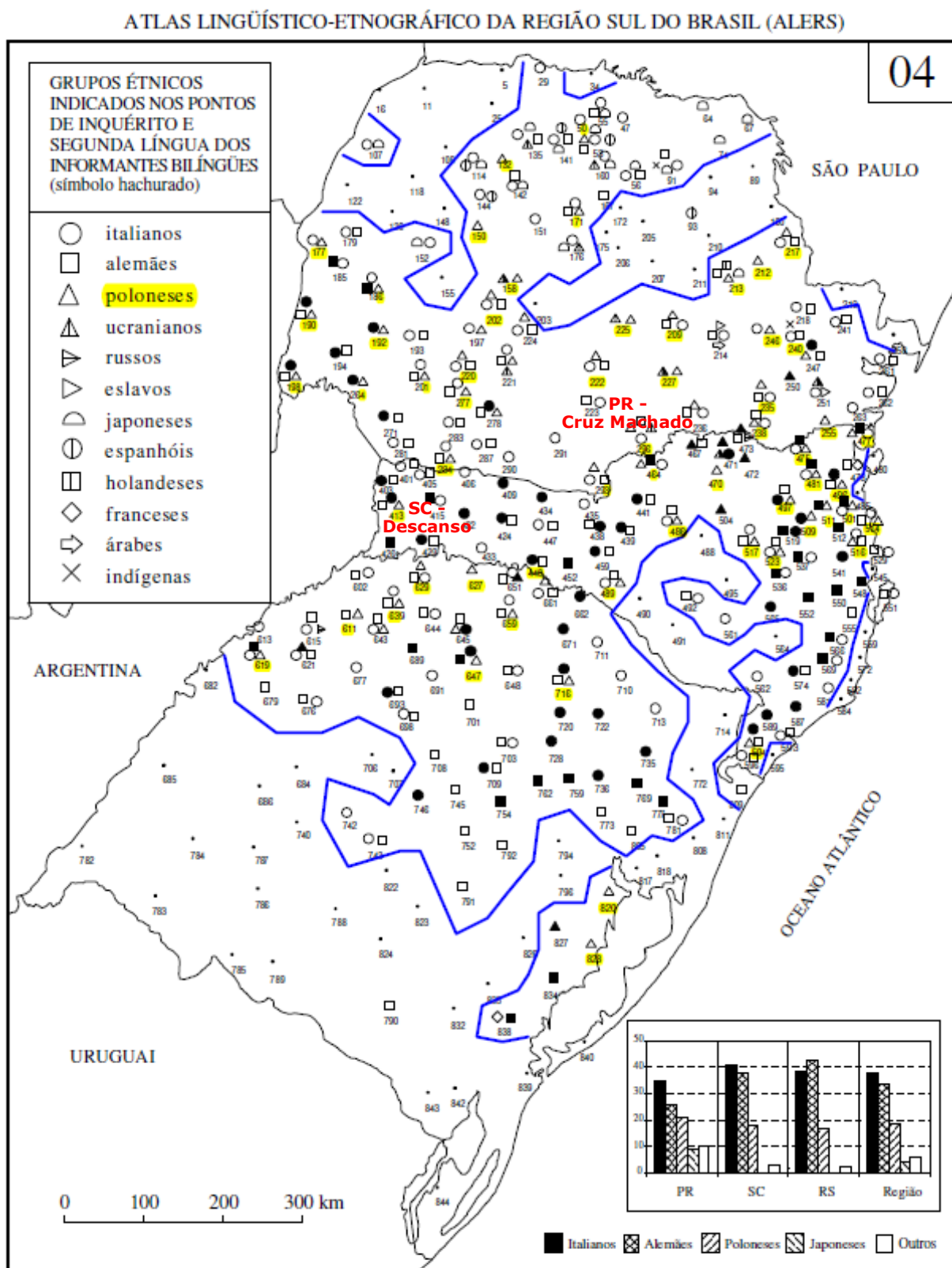
4.1 O “TERRITÓRIO” ONDE “TRANSITA” A LÍNGUA

4.1.1 Os pontos da pesquisa no contexto da imigração polonesa

Antes de analisar os dados colhidos para o diagnóstico da vitalidade linguística do polonês nos dois pontos da presente pesquisa, cabe situar esses pontos no contexto maior da imigração, no sul do Brasil. Sua localização pode ser vista no mapa 9, na página seguinte, adaptado do ALERS (2011, p. 91). No mapa, estão marcados em amarelo os pontos onde foi registrada a presença da etnia polonesa (símbolo: triângulo não hachurado), ou mesmo onde os informantes do ALERS se declararam falantes bilíngues polonês-português (símbolo: triângulo hachurado). Por esse viés, pode-se constatar uma ampla área de presença que engloba uma área sul (em torno de Dom Feliciano) e noroeste (Alto Uruguai e Missões) do RS; por outro lado, sobretudo no leste de SC (Vale do Itajaí) e toda a metade sul do PR, com pontos em uma faixa até o norte. Ao todo, somam-se 58 pontos entre os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nos quais se destaca a presença da língua ou da etnia polonesa.

Os pontos da presente pesquisa – SC, situado no oeste de Santa Catarina, e PR, no centro-sul do Paraná – aparecem no centro dessa grande área (ver localização com a sinalização em uma vermelha). Conforme já se aludiu anteriormente, trata-se de dois pontos de situação linguística oposta, daí a sua escolha. O ponto SC constituiu-se de migrantes provenientes do Rio Grande do Sul, por volta de 1935 a 1940, portanto já no século XX. No ponto PR, por outro lado, a colonização e chegada do primeiro polonês deu-se, segundo os registros históricos, em 1910 com colonizadores poloneses provenientes de Lublin, Hell e Shidviz, portanto diretamente da matriz de origem na Polônia. A escolha dos pontos SC e PR justificam- por supostamente um ponto maior vitalidade do polonês, em PR e ponto menor vitalidade, SC.

Mapa 9 – Localização dos pontos de pesquisa e presença do polonês, no contexto do multilinguismo no sul do Brasil, conforme dados do ALERS (2011)



Fonte: Adaptado de mapa do ALERS, cf. Koch, Klassmann e Altenhofen (2011, p. 91)

Como se vê no mapa, os grupos de fala polonesa compartilham o espaço com uma série de outras línguas, especialmente de imigração. Sua representatividade demográfica e geográfica é incontestável; isso, porém não significa uma vitalidade linguística igualitária, entre uma localidade e outra. Há, pelo contrário, grande diversidade. A migração para outras localidades na Região Sul do Brasil oportunizou aos migrantes das línguas eslavas estarem em contato com outras línguas, sobretudo a língua portuguesa. A percepção comum em relação à sua manutenção é via de regra de uma perda linguística. Segundo Gluchowski (2005), por exemplo, a perda do polonismo, do uso da língua polonesa, deu-se principalmente com o público jovem, o qual, nas comunidades polonesas, deixavam de falar a sua língua para falar o português.

[...] constata-se, porém, que toda a juventude, mesmo aquela cujos pais já são aqui nascidos, geralmente tem um bom conhecimento da língua polonesa, muitas vezes - graças à escola polonesa, que os pais não tiveram - melhor que o dos pais. Naturalmente, nos ambientes em que a porcentagem dos brasileiros que falam em português é considerável, uma certa parcela de jovens abandona por completo a língua polonesa, perdendo-se, dessa forma, inteiramente para o polonismo, mas em geral trata-se de uma porcentagem insignificante. (GLUCHOWSKI, 2005, p. 317).

Na tentativa de visualizar os números da presença polonesa nos diferentes estados do sul do Brasil, Gluchowski (2005) fez um levantamento da migração dos poloneses nesse contexto, até o ano de 1914. Os resultados podem ser vistos na tabela a seguir.

Tabela 3 – Demonstrativo da imigração polonesa para o Brasil – período 1871-1914

Localização	Até 1889	1890-1894	1895-1900	1900-1914	Total
PR	6.530	14.286	6.100	14.730	41.646
RS	300	27.000		7.000	34.300
SP		13.500			13.500
SC	750	5.000		1000	6.750
Outros estados	500	5.000	500	2.000	8.000
Total	8.080	64.786	6.600	24.730	104.196

Fonte: Gluchowski (2005, p. 45)

A Tabela 3 acima confirma o grande fluxo de imigrantes para o PR e também para RS, especialmente na década de 1890. Sua ocorrência se registra também em outros estados, especialmente SC e SP (ver também GOULART, 1984). Esses números, porém, se

restringem à imigração da matriz de origem, na Polônia, para o Brasil, e não consideram as migrações internas posteriores dos descendentes para novas áreas do Brasil. Essa lacuna levanta a necessidade de um censo linguístico mais amplo, a nível de IBGE, e à demanda urgente para realizar um inventário linguístico do polonês.

A título de comparação, Gluchowski também apresenta uma tabela da presença de outros grupos eslavos, como no caso dos ucranianos.

Tabela 4 – Número de imigrantes ucranianos ao Brasil, no período 1895-1914

Localização	1895-1900	1900-1914	Total
PR	17.045	13.550	30.595
Outros estados	500	1.000	1.500
Total	17.545	14.550	32.095

Fonte: Gluchowski (2005, p. 46)

Como se vê, a presença ucraniana permaneceu mais restrita ao Paraná, que recebeu o maior número de imigrantes ucranianos. Vale acrescentar que, entre 1900 a 1914, os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina interromperam a vinda de imigrantes poloneses, contrariamente ao Paraná e a demais estados, onde a vinda de imigrantes poloneses e ucranianos continuou ativa.

Feitas as considerações sobre o contexto da imigração e o lugar dos pontos desta pesquisa nesse contexto, passamos a uma análise dos fatores que favorecem ou desfavorecem sua manutenção e consequente vitalidade no contexto de seu uso. Um primeiro aspecto, ainda de ordem “ecolinguística”, tem a ver com as condições de uso e manutenção do polonês nos meios rural e urbano, como se verá a seguir.

4.1.2 Territorialidades urbanas e rurais (SCurb e SCrur, PRurb e PRrur)

Conforme a hipótese inicialmente colocada, a língua de imigração polonesa mantém-se com maior vitalidade no meio rural. A rede de comunicação mais homogênea em torno da língua e identidade local acaba protegendo a língua de uma maior influência do português. Como essa hipótese se confirma nos dados analisados, é o que veremos nos dados a serem analisados neste capítulo, nos diferentes domínios de uso da língua.

O ponto SC representa um resgate e memória dos poloneses que desbravaram esse território, num período de movimento político diante da Segunda Guerra Mundial e de

proibição de línguas no Brasil, na Era Vargas. A paisagem linguística aí observada aponta para nomes de alguns dos fundadores da Vila Polonesa. Na placa em homenagem aos fundadores, observa-se também os nomes dos colonizadores italianos e alemães que vieram a partir de 1940 para a Vila, a qual depois da Coluna Prestes em 1925 “descansaram às margens do Rio Macaco Branco”, e assim o município passou a ser chamado de Descanso.

Hoje, em SC há mais comunidades mistas etnicamente, entre poloneses, italianos e alemães, com maior concentração de descendentes de imigrantes no âmbito rural. Como se pode constatar através da observação participante, em uma festividade típica na comunidade de Linha Colorada, em fevereiro de 2018, alguns informantes por exemplo veem as festas como não específicas do polonês, pois como já não moram apenas poloneses, a festa faz parte do calendário da igreja. Ao lado da Comunidade Internacional, a Linha São Valentin, conhecida também como Linha dos Gremistas, lembra as referências ao Rio Grande do Sul, de onde vieram os descendentes desses imigrantes poloneses, italianos e alemães.

A presença de poloneses na comunidade é pequena em relação à presença de descendentes de imigrantes italianos. Os espaços de coleta de dados na zona rural do ponto SCrur foram: Cachoerinha, Comunidade Leste e Comunidade Colorado. Em SCurb, a observação participante ocorreu no centro do município, na avenida principal: Avenida Martim Piasieski, onde se concentra o comércio, restaurantes, posto de saúde central e rádio. A igreja matriz e o sindicato também estão localizados nessa área central do município, bem como o hospital municipal. Esses prédios sugerem o afluxo de indivíduos do entorno a essa área, logo um contato linguístico e uma interação em comunidade.

Em PR, os dados do portal da Prefeitura (2019) apontam que o primeiro imigrante em Cruz Machado foi o polonês Jeromin Durski, no ano de 1853. Porém, mais tarde em 1910, chegaram imigrantes poloneses, alemães e ucranianos que alocaram-se em grande número no Distrito Sant’Ana. A pesquisa de campo, no ponto PR, concentrou-se no âmbito urbano, na região central de Cruz Machado, na Avenida Vitória, no hotel, em restaurantes, na rádio comunitária, em famílias, assim como também na Prefeitura Municipal. Sindicato, escolas, igreja matriz e hospital estão igualmente localizados nessa área central. No âmbito rural, a pesquisa selecionou o Distrito de Sant’Ana, localidade que fica a mais ou menos 20km do centro de Cruz Machado.

Em Sant’Ana, concentram-se também os eventos e instituições culturais do polonês. Na comunidade de Sant’Ana, encontra-se um museu polonês, além de um espaço cultural específico que serve para os eventos da comunidade, incluindo as atividades festivas realizadas em polonês. Cantigas, poesias, teatro, entre outras ações de promoção da e na

língua ocorrem nesse espaço. Até 2012, havia programação semanal em polonês. A partir de 2016, os eventos passaram a ser agendados de acordo com o calendário da Paróquia. Encontram-se atividades e eventos em polonês basicamente apenas nas datas comemorativas do município.

Todas as ações festivas da comemoração dos imigrantes poloneses, em Cruz Machado, são direcionadas para o Distrito de Sant’Ana, que se converteu em uma espécie de “núcleo de maior vitalidade linguística do polonês”. Esse fato está relacionado com a chegada dos primeiros poloneses ao Distrito. No ponto PR, Cruz Machado, observa-se com frequência a presença da língua polonesa na paisagem linguística. Também a arquitetura com influência da cultura polonesa permanece, em grande parte, preservada, sendo tombada como patrimônio histórico. A maior parte da memória cultural, dos acervos históricos, encontra-se no museu de Sant’Ana. Esse entorno com marcas salientes da cultura polonesa confere a essa área de PR rur condições especiais que favorecem a vitalidade da língua de imigração. Essa vitalidade varia conforme o domínio de uso, mais formal ou informal, e identificado ou não com a língua e cultura polonesa. É o que veremos na próxima seção.

4.2 DOMÍNIOS DE USO DO POLONÊS

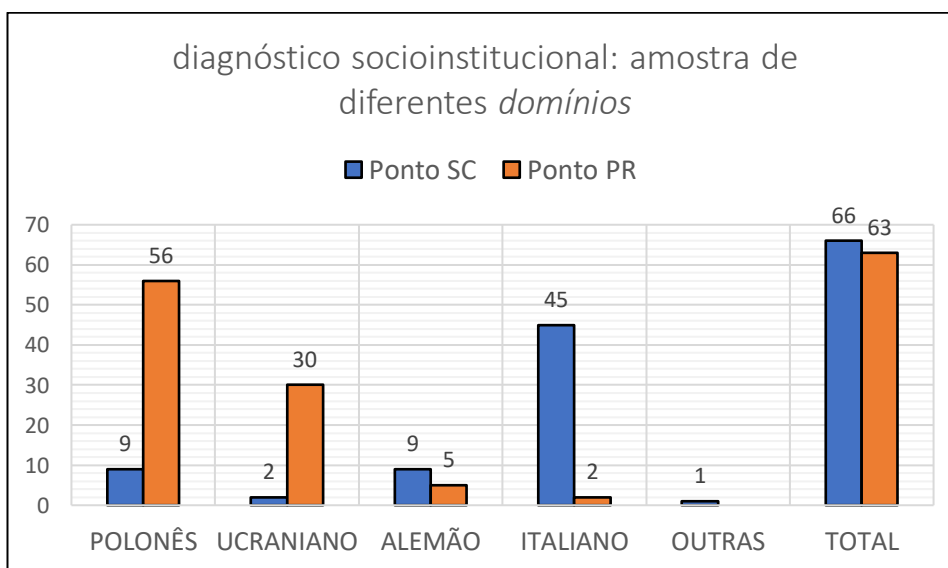
Para diagnosticar a vitalidade do polonês nos diferentes domínios de uso previstos, vale lembrar o questionário utilizado (ver anexo 01) e que buscou dados de um censo linguístico. A pergunta básica foi “qual língua os participantes desses domínios falavam ao lado do português”. Metodologicamente, procurou-se fazer a pergunta aos primeiros indivíduos que circulavam nesse domínio, durante a visita. Paralelamente, coletaram-se dados de observação participante, com anotações em caderno de campo. Os dados do questionário, por sua vez, foram quantificados e analisados por meio de gráficos, onde a amostragem resultou satisfatória e significativa, ou então registrados em tabelas.

Em SCurb, aplicou-se o questionário nos seguintes domínios: Prefeitura/Igreja Matriz/Restaurantes e Comércio/ Rádio/ Sindicato/Hospital/Escolas Ensino Fundamental I (séries finais) Ensino Fundamental II e Ensino Médio, e 4 informantes, moradores e pioneiros no município. Em SCrur, foram visitadas as escolas de Ensino Fundamental I (séries finais) e II, e mais 4 informantes moradores e pioneiros no município. Para tanto, teve-se a ajuda de um contato da comunidade, uma *insider*, moradora há mais de 40 anos, que serviu de guia, além de auxiliar na pesquisa, como conhecedora da comunidade.

Em PRurb e PRrur, foram feitas visitas aos domínios da Prefeitura/Igreja/da Comunidade Sant’Ana e Matriz/Restaurantes e Comércio/Rádio Comunitária, Sindicato, Escolas Ensino Fundamental I (séries finais) e II e Ensino Médio/PRurb e PRrur e 4 informantes PRurb e 4 informantes PRrur. Contou-se, igualmente, com o auxílio de membros de dentro da comunidade, para fazer os contatos e realizar a coleta dos dados, tanto em PRurb, quanto em PRrur.

O Gráfico 1 a seguir dá uma visão geral das línguas presentes nos dois pontos de pesquisa, considerando o conjunto dos dados obtidos de cada domínio. Pode-se inferir que, ao recolher dados de domínios distintos, tem-se uma amostra relativamente mais confiável e representatividade da proporção de uso dessas línguas nos dois pontos de pesquisa (SC, em azul – situado geograficamente a oeste do mapa; e PR, em cor laranja, situado à direita, mais precisamente no centro-sul do Paraná). O gráfico traz com clareza as situações opostas dos pontos SC e PR e confirma as hipóteses estabelecidas de que se tratava de um ponto mais plurilíngue e um ponto mais eslavo, sendo que em PR com predominância eslava.

Gráfico 1 – Uso do polonês e das demais línguas nos diferentes domínios



Fonte: A Autora

Em SC, observa-se o predomínio do italiano, aparecendo o polonês como 2ª língua, ao lado do alemão. Isso não significa necessariamente que a língua polonesa esteja em processo acentuado de perda. Vale lembrar que os três grupos (polonês, alemão e italiano) provêm de migração do Rio Grande do Sul e, de certo modo, constituem um contato plurilíngue que se ampara mutuamente. É uma interpretação possível. Em PR, ocorre o inverso: o polonês é a língua majoritária, com 56 respostas, contra 2 do italiano, e é

acompanhado por mais outra língua eslava, o ucraniano, com 30 respostas. Essas proporções apontam que uma vitalidade linguística forte do polonês, em PR, mas a posição minoritária em SC, por outro lado, não significa de antemão uma perda linguística evidente.

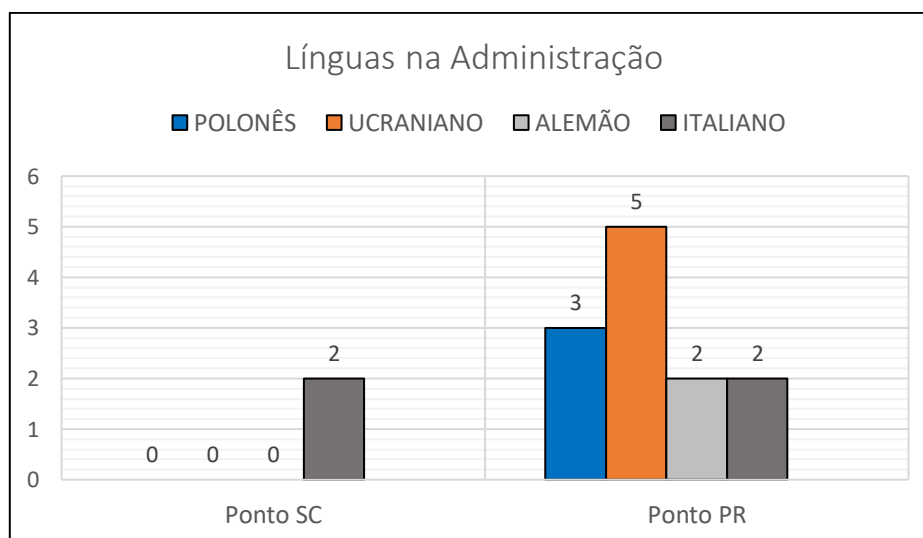
O gráfico sugere que, na situação de SC, o polonês de certo modo, se inspira no uso de outras línguas em estado semelhante de língua minoritária de imigração. No ponto PR, do mesmo modo, a presença da língua eslava “co-irmã” ucraniana, pode tanto dar suporte quanto levar a uma substituição por uma das línguas eslavas. Neste caso, o polonês parece levar vantagem, conforme os números apresentados, 56 contra 30 respostas.

É preciso, no entanto, aprofundar a análise em cada domínio em particular. Começamos pelo domínio da administração pública, que é o que reconhece ou determina ações para a promoção e salvaguarda do plurilinguismo local.

4.2.1 Terreno da administração: reconhecimento e oficialidade da língua

Para Fishman (1972), os *domains* (*domínios*) permitem compreender como a língua se mantém ou não, de acordo com seu uso nos diferentes espaços sociais. É através das normas e expectativas socioculturais estabelecidas pelos falantes que se criam as condições para a vitalidade de uma língua. O domínio da administração aponta, neste sentido, o centro das decisões, logo a presença ou não nesse contexto pode ser um indicador importante. O gráfico a seguir mostra as línguas presentes nesse domínio, conforme as respostas colhidas aleatoriamente nas visitas feitas às prefeituras dos dois pontos.

Gráfico 2 – Uso do polonês e das demais línguas no domínio da administração



Fonte: A Aautora

Como se vê, a amostra é relativamente pequena e deve ser entendida como sinalizando amplo domínio do português, sobretudo no ponto SC, onde apenas o italiano mostra certa presença. Apesar disso, a maior diversidade de línguas presentes no ponto PR, com predomínio das línguas eslavas (ucraniano, com 5 respostas, e polonês com 3) sugere que a administração reflete uma identidade e um predomínio do plurilinguismo, isto é, da “habilidade dos indivíduos de falarem mais de uma língua”, enquanto em SC, apesar da “coocorrência maior de mais de uma língua na sociedade”, isto é, de seu multilinguismo, como já se definiu (ver ALTENHOFEN; BROCH, 2014), a sua ausência nesse domínio pode significar uma vitalidade linguística mais em risco, com tendência à substituição pelo português.

É interessante, entretanto, observar que, em SC, o poder público foi administrado por descendentes de poloneses, pela última vez, de 1983 a 1986 (ORO, 1986). A atual gestão é de descendência italiana e falante, pois, segundo relato do próprio prefeito, esse conhece a língua italiana e fala um italiano denominado de “*italiano daqui*”. No poder legislativo, não há falantes nem de italiano, nem de polonês. Todos afirmaram que não falam a língua, mas sim, apenas algumas expressões, xingamentos, etc, que aprenderam de seus pais e avós. A primeira legislatura em SC ocorreu em 1957-1961 e incluía falantes do polonês, A legislação, naquele período, era composto por descendentes de poloneses, italianos e alemães. Hoje, porém, o estado da língua polonesa no domínio da administração pública indica um quadro de substituição linguística pelo português.

No ponto PR, registra-se ainda um quadro favorável de presença das línguas locais no domínio da administração, equivalente à vitalidade linguística que o ponto SC provavelmente possuía na década de 80. Entretanto, chama a atenção a ausência da língua polonesa no poder legislativo, mesmo muitos cargos e funções sendo ocupados por falantes dessas línguas. Uma informante CaGI, de 46 anos, que trabalha na prefeitura, auxiliou nas informações para o questionário. Ela fala a língua polonesa com mais dois funcionários e afirma ter falantes de ucraniano e do alemão, mas que na prefeitura é ela quem fala em polonês com as pessoas que ali circulam. A informante afirmou gostar de falar em polonês, seus pais falavam em polonês e seus familiares e irmãos ainda falam só em polonês. É casada com descendente de ucraniano, porém ele fala pouco a língua. A informante trabalha como telefonista e auxilia voluntariamente no clube de mães da igreja. Afirmou que o grupo de senhoras, da igreja, o qual ela coordena, é composto em sua maioria por membros das etnias

polonesa e ucraniana, mas não falam nessas línguas: “*só falam em polonês ou ucraniano se a gente chama alguma babcia*”²⁸ (PRurb CaGI).

O relato da informante deixa claro que a língua polonesa e o ucraniano são de fato falados, isto é, fazem parte da competência linguística dos membros dessa “comunidade de prática” e, portanto, integram também o cotidiano do ambiente de trabalho. Ao atender na recepção é comum a informante dirigir-se às pessoas falando ou cumprimentando em polonês quem conhece e também fala o polonês. Vê-se, deste modo, que o polonês cumpre uma função de identidade e proximidade relevante na interação entre o domínio da administração e da comunidade de modo geral. Esses usos da língua minoritária, nos “espaços de poder” da comunidade são de grande significado, como enfatiza também Fishman:

Thus, domains is a socio-cultural construct abstracted from topics of communication, relationships between communicators, and locales of communication, relation with the institutions of a society and the spheres of activity of a speech community, in such a way that individual behavior and social patterns can be distinguished from each other and yet related to each other (FISHMAN, 1972, p. 18).²⁹

Observa-se que, tanto em SC com destaque para o italiano e não mais do polonês, quanto em PR, com o uso do polonês e do ucraniano no espaço público, novamente se corrobora o papel do uso da língua minoritária para a sua manutenção e vitalidade. O uso no domínio da administração tem, neste sentido, papel duplo de não apenas reconhecer o valor da língua local, como também de entender sua relevância e explorar as inúmeras potencialidades para o desenvolvimento do município. Do contrário, essas possibilidades vão se perdendo, com a língua minoritária sendo lentamente e gradualmente substituída no contato com o português, sem deixar “resquícios” da língua de imigração, mesmo quando não é mais usada.

No extremo oposto do domínio da administração, encontramos o domínio da família que é o que mantém com mais vitalidade a língua de imigração. É também o domínio em que a língua materna nasce. Vejamos.

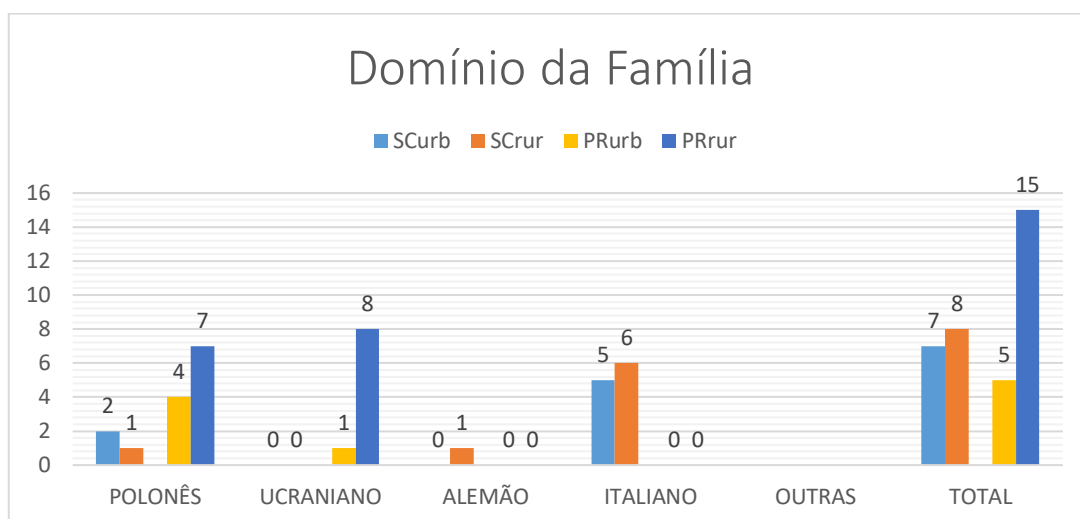
²⁸ *Babcia / Babka* (BABCIA, 2020).

²⁹ “Assim, domínios é uma construção sociocultural abstraída de tópicos de comunicação, relações entre comunicadores e locais de comunicação, relação com as instituições de uma sociedade e as esferas de atividade de uma comunidade de fala, de modo que o comportamento individual e social os padrões podem ser distinguidos uns dos outros e ainda relacionados entre si.” (FISHMAN, 1972, p. 18, tradução nossa).

4.2.2 Família e relações de parentesco

Para analisar os resultados levantados no domínio da família, vejamos o gráfico abaixo, relativo ao uso do polonês e das demais línguas nesse domínio.

Gráfico 3 – Uso do polonês e das demais línguas no domínio da família



Fonte: A Autora

Apesar de a amostra de dados ser bastante restrita e ser levantada de forma aleatória, ela contempla dados dos meios rural e urbano. Os resultados deixam evidente que a família rural, sobretudo das línguas eslavas polonês e ucraniano no ponto PRrur, mantém com mais vitalidade as línguas de imigração do que famílias localizadas no meio urbano. Os resultados do polonês em SCurb, embora mostrem o contrário, são insuficientes para uma conclusão maior. Para simplificar o gráfico, não foi feita uma apresentação dos dados em correlação com o número de não-falantes, e sim apenas registrado o número de ocorrências de falantes de polonês.

Vale acrescentar que, em SCurb, a língua circula apenas na geração mais velha. Em contrapartida em SCrur, a presença do italiano é evidente, e não mais a língua polonesa. Assim, compreende-se que, no contexto familiar, a transmissão e uso da língua minoritária, no caso polonês, deixa de ocorrer quando há casamentos mistos, incluindo por exemplo entre italiano e polonês. A tendência observada, nesses casos, é o uso exclusivo do português como língua comum.

Comparando SCurb e PRurb, o polonês tende a uma vitalidade maior em PRurb. Quando famílias no meio urbano ainda mantêm o uso da língua, isso pode sinalizar uma

vitalidade linguística maior, pois a substituição linguística pela língua majoritária normalmente começa pelo meio urbano. Em SCrur, comparando com PRrur, a vitalidade do polonês confirma maior presença em PRrur. Observando a vitalidade do polonês em PR, confirma-se como o ponto mais forte da presença da língua polonesa tanto em PRurb quanto PRrur, com a relevância para PRurb.

Como se pode observar, as três sequências de gráficos até aqui trazem fatos interessantes: A presença do ucraniano em PR, com relevância para PRrur e a presença do alemão em SCrur, com destaque para o italiano em SCurb e SCrur. Esses dados revelam maior diversidade de línguas em SC, com presença maior do alemão e do italiano, e um contexto essencialmente bilíngue e eslavo em PR, com a presença do ucraniano e do polonês.

Os dados de observação participante corroboram as observações feitas, com base na análise dos dados do questionário. Em SCrur, um informante CbGII, do sexo masculino, com ensino fundamental II completo e com idade acima de 55 anos, morador e agricultor em SCrur, relata: *“minha mãe casou com italiano, enton, a gente só aprendeu alguma coisa com a nona em italiano, nada em polonês.”* (SCrur-CbGII). Constata-se que a língua de circulação e referência no uso familiar do informante é a língua “paterna”, o italiano. No que diz respeito à língua italiana, esta aparentemente se mantém entre os informantes, e é a língua com maior circulação em SCrur. Pode-se dizer, assim, que em SCrur o polonês, no que diz ao uso e domínio familiar, foi substituído pelo italiano.

Outra informante, SCrur-CaGII, do sexo feminino, com ensino médio completo, descendente de polonês com 47 anos afirma: *“não conheço quase nada, pouca coisa, mas meu pai fala polonês, a minha mãe tem mistura com italiano e eles não falam nem polaco e nem italiano.”* (SCrur-CaGI). Verifica-se, na declaração da informante, que embora se reconheça como descendente de polonês, a língua não mais faz parte de seu repertório e não se manifesta na sua oralidade.

Outro informante CbGII, do sexo masculino, morador de SCrur, estudou apenas ensino fundamental I, tem mais de 80 anos e fala em polonês, mas não escreve em polonês; trabalhou sempre na “roça” e não tem com quem mais falar a língua. Segundo ele, *“conversava em polonês com o meu pai, com minha mãe e irmoms, em casa e quando se reuniam”*. A língua materna se manteve entre os graus de parentescos, irmãos, tios e avós enquanto havia convivência com essas gerações. Segundo a tabela da Unesco sobre os diversos graus de perda linguística (2003), a língua se torna moribunda, quando não há mais falantes em nenhuma das gerações; no caso dos informantes do ponto SCrur, a língua já está em processo de extinção.

Em SCurb, dois informantes CaGII, homem, com 65 anos e uma mulher, com 58 anos trouxeram algumas assertivas sobre a presença da língua na família. Um informante CaGII, do sexo masculino, com idade 65 anos, mora em SCurb há mais de 20 anos; é comerciante, tem uma imobiliária e também é contador. Seus pais eram pioneiros no município e descendentes de poloneses, sendo sua língua falada em casa, no contexto familiar. Hoje, ele conhece e fala pouco polonês, apenas com os tios e familiares quando se reúnem.

Um informante SCurb-CaGII revela que “*lembrar das histórias de seu pai e falar na língua é resgatar um pouco da sua família*”. Relatou que pouco fala o polonês, porque não tem com quem falar e: “*Aqui, quase não tem mais polaco... é tudo italiano... aí não tem com quem falar*” (SCurb-CaGII). Segundo ele, por trabalhar no comércio, falar polonês “*não é mais importante*”. Nesse relato, fica claro que a presença de mais de uma língua compartilhando o mesmo espaço, como o alemão e o italiano, em SC reforça a escolha por uma língua comum dominante, não necessariamente o português. Em SCurb, a presença do italiano paralelo com o alemão levou à substituição do polonês.

Uma informante SCurb-CaGII, com 58 anos; é professora aposentada, fala polonês com os irmãos e aprendeu em casa a língua com seus pais. Sabe escrever um pouco e ainda pratica o polonês com seus familiares. A língua continua presente, pois os familiares falam a língua ainda. Sua família fez parte da colonização da antiga Vila Polonesa e a língua polonesa é usada como língua materna. Além de usar a língua no meio familiar, também fala o português como língua de *status* e circulação social. A língua de imigração, neste caso, tem representatividade afetiva, quando junto dos seus pares.

A próxima informante SCurb-CbGII tem mais de 80 anos, seu pai foi um dos fundadores do município, com pouca escolaridade. Casou-se com um dos filhos de colonizadores de origem polonesa e relata que “[...] *em casa falava só polonês*”. Afirmou também que agora “[...] *não tem com quem falar, filhos não falam, nem tem mais gosto de falar*” (SCurb-CbGII). A informante, portanto, afirma que pouco fala a língua polonesa e não insiste mais com seus filhos, deixando de falar na sua língua, levando lentamente ao desaparecimento e o apagamento da língua.

Outra informante, SCurb-CaGI, com 50 anos, filha de CbGII que também nasceu em SC e é formada em Designer de Interiores, além de ser comerciante, afirmou conhecer algumas músicas e algumas palavras em polonês; mas, segundo ela, “[...] *ninguém mais conhece ou fala*”, então, também perdeu o interesse.

[...] minha mãe nem responde quando falamos alguma coisa em polonês, perdemos o interesse, porque na cidade tem até festa italiana, uma vez tinha festa que era o resgate da gastronomia de Descanso aí fazíamos o pierogue, e outras comidas, mas depois ficou muito caro e paramos de fazer. (SCurb-CaGI).

No que diz respeito à hipótese de o processo de substituição da língua minoritária iniciar-se na geração mais jovem, observamos em relação ao uso do polonês que, aos poucos, foi substituído pela italiana em SC bem como as festas e costumes poloneses também foram aos poucos sendo substituídos.

Em contrapartida, a observação participante, durante a aplicação do questionário no ponto PR, revelou um quadro amplamente favorável ao uso do polonês. Um exemplo é o depoimento de uma informante PRrur-CaGI, moradora de 45 anos, do sexo feminino, professora de polonês em Sant'Ana, que trabalhou com o ensino do polonês de 2002 até 2016. Segundo ela, *“aqui praticamente todos falam o polonês com seus familiares e aprenderam em casa”* (PRrur-CaGI). No ponto PRrur, falar polonês tem a representatividade de identidade dos falantes. Como foi relatado, na visita à localidade, *“é natural falar assim em casa, nem sei como é falar diferente”* (PRrur-CaGII). Para a informante, o polonês é a língua materna e falada com seus pais e os demais familiares, bem como com seu esposo.

Outro informante, PRrur-CaGI, de 34 anos, morador no Distrito de Sant'Ana, professor na Escola do Distrito que tem como língua materna o ucraniano e, paterna, o polonês, fala em polonês com seus pais, pois sua mãe fala também polonês e ucraniano. A língua é usada em casa e com todos os seus familiares. Segundo seu relato: *“Em casa só fala polonês e ucraniano, não falamos português”* (PRrur-CaGI).

Pode-se afirmar que o isolamento geográfico e social maior ou menor de uma comunidade, ou seja, a existência de uma comunidade de falantes demograficamente mais isolada e com boa quantidade de falantes contribui para a manutenção da língua, como ocorre em PRrur. Sant'Ana é uma comunidade com número significativo de presença do polonês, seguido do ucraniano. Esse quadro garante, assim, a vitalidade do polonês em PRrur.

Em PRurb, a observação participante com o informante CbGII, mais de 60 anos, morador e comerciante há mais de 20 anos em PR, relata que *“havia mais poloneses, aqui, falavam em polonês, hoje tem mais lá em Sant'Ana, lá sim tem polonês.”* A percepção desse falante remete à noção já discutida de Altenhofen (2014) de que as línguas constituem territorialidades de uso, como por exemplo nesse relato, *“lá em Sant'Ana”*. No seu contexto, porém, a presença da língua polonesa é falada somente em casa, com sua esposa, porém com filhos e netos, não mais. Isso leva a pensar que a territorialidade de Sant'Ana preenche, de

certo modo, o vazio que constata em seu entorno, em relação à falta de oportunidade para falar sua língua materna no meio social. Com isso, chegamos à pergunta sobre o papel do entorno social. Vejamos.

4.2.3 Relações sociais fora da família: vizinhança e comunidade de falantes

A vizinhança em PRrur, sendo de falantes de língua polonesa, confere a essa língua maior vitalidade de uso. Os falantes moram próximos e suas terras fazem limites. A presença do polonês no *domain* das relações sociais fora da família, como ocorre em Sant’Ana, cumpre papel extremamente relevante na manutenção e vitalidade da língua. Conforme veremos nos gráficos da aplicação do questionário sobre as funções internas e externas de uso do polonês, a relação da vizinhança entre os falantes do polonês e do ucraniano, no cotidiano, no mercadinho local, ao cumprimentar os vizinhos, nos encontros marcados e festivos entre outros, é apontada como um fator importante para a manutenção e uso da língua. As crianças conhecem a língua, e faz parte do cotidiano ouvir as conversas em polonês e ou ucraniano entre os vizinhos. Fishman (1972) chama esse tipo de relação de *domains and role-relations*, ou seja, o papel que as relações entre os falantes têm, ao fazer as escolhas de quem, como e quando falar na sua língua. É através dessas relações que a língua mantém mais ou menos o sentido de comunidade, dependendo do grau de encorajamento e fortalecimento que a língua apresenta, ou seja, o grau de vitalidade que os falantes dão para essa língua.

Em PRrur, a língua está fortalecida no domínio familiar e nas relações sociais, no convívio social, através dos eventos que ainda ocorrem na comunidade e que são promovidos pela comunidade na igreja, no museu polonês, e nas escolas. Em PRurb, a relação com a vizinhança não ocorre mais em polonês. Porém, na observação participante, ao perguntar se alguém falava com os vizinhos em polonês, a resposta se deu do seguinte modo: uma informante CbGI, 45 anos, do sexo masculino, nasceu em PR, não fala polonês, porém conhece alguns termos e vocábulos como “*Babcia, Dzién dobry; dobranoc; dziadek; tata; mama/matka*” e apontou para o vizinho que fala polonês. Outro informante, locutor da rádio comunitária que possui um programa de rádio local aos sábados, teceu comentários no mesmo sentido (ver 4.2.6).

Observa-se, além disso, que em PRrur há um grande envolvimento e interação entre os familiares e a vizinhança, reforçando-se nos eventos que costumam ser realizados, o uso do polonês. As festividades do polonês fazem parte do calendário cultural em PR e se

concentram basicamente em Sant'Ana (PRrur). Há um comprometimento familiar em manter a tradição da história dos poloneses nessas festividades.

No ponto SC, a relação com os vizinhos não ocorre mais na língua polonesa, e sim em parte com o italiano, tanto em SCrur, quanto em SCRUB. Os termos em polonês, como *Babcia*, *Dzién dobry*; *dobranoc*; *dziadek*; *tata*; *mama/matka*, somente foram lembrados quando indutivamente o pesquisador instigou se conhecem ou falam algum termo em polaco. Porém, é comum ouvir comentários como o de uma informante SCrur-CaGI, 45 anos do sexo feminino que afirmou: “*é mais fácil falar em italiano né? Aqui todo mundo conhece grustilli, polenta brustolada, fortaia/torteie/ bonjorno. É muito mais fácil. Em polaco não lembro nada disso que você falou, mas vamo lá no meu pai que ele fala*” (SCRUR-CaGI).

A partir da observação participante, não se pode afirmar que o falante conhece e fala de forma fluente o italiano, porém a presença do polonês está apenas na memória, enquanto que o italiano circula ainda entre a vizinhança, confirmando-se que no ponto SC a língua minoritária inicia o processo de apagamento e ou substituição nas gerações mais novas.

É relevante acrescentar que, no ponto PR, se difere o modo como os informantes veem os falantes da língua polonesa, ou como se designam. Para os moradores de PRurb e PRrur, não se ouviu, durante a observação participante, mesmo que indutivamente, o termo “*polaco*”. Ao repetir o termo “*polaco*”, o informante se designava “*polonês*”. No ponto SC, ao contrário, os informantes se designaram espontaneamente como “*polacos*” e, mesmo sugerindo o termo “*polonês*”, continuaram usando o termo “*polaco*”. Para a presente Tese, essa diferença de comportamento e o uso indiferente de ambos os termos confirmam a diáspora que difere os migrantes poloneses, nos dois pontos de pesquisa. No ponto PR, o início da colonização apontada como marco em 1910, apresenta registros no final do século XIX, enquanto, no ponto SC, isso se dá em 1935, conforme já descrito. Cabe observar que, segundo Iarochinski (2010), o termo *polaco* foi substituído “Em 1927, por sugestão do Embaixador da França, durante uma festividade em Curitiba. A partir de então o termo “Polaco” passou a sofrer um processo intermitente de eliminação do uso comum [...]” (IAROCHINSKI, 2010, p. 23-24). Podendo ser uma das justificativas para que em PR e em comunidades com maior presença de poloneses o termo “*polaco*”, não ser comum e já em comunidades com números menores e com presença de outros migrantes, como italiano e alemão, o termo “*polaco*” está mais presente.

Essas questões de ordem mais identitária levantam a pergunta sobre o papel da igreja, para a vitalidade e consequente manutenção do polonês nos dois pontos de pesquisa. É o que se verá a seguir.

4.2.4 Papel da igreja: promoção e suporte

Ao contemplar o papel da igreja em relação à promoção de línguas, não se pode ignorar o *status* que a igreja carrega no que se refere à manutenção e ao suporte de uma língua. Trata-se, no caso do polonês, de uma igreja essencialmente católica. Sendo os descendentes de italiano igualmente de confissão católica, tem-se aí mais um fator que explica a relativa substituição do polonês pelo italiano, no ponto SC. A observação participante confirma essa hipótese.

Durante a observação participante na Paróquia Santo Estanislau Kotska, em SCurb, o pároco de origem italiana reforçou a observação de que, nos dias atuais, não se constata mais a representatividade do polonês, mas, sim, do italiano. Porém, a memória da língua está presente na paisagem linguística do município. Até 2015, havia a festa típica polonesa na comunidade e a festa contemplava toda a região. Hoje, a igreja não traz esse suporte da presença do polonês no ponto SCurb e nem no SCrur.

Em SCurb e SCrur, no final da década de 1930, eram os párocos da Diocese de Chapecó, descendentes de poloneses que, contrariamente, realizavam as missas e as festividades na língua polonesa, a qual era falada pela maioria dos primeiros colonizadores como língua materna. Hoje, não há a presença e nem manifestações na língua polonesa ou na língua italiana, apesar de o pároco falar em italiano e dar aulas em italiano, o suporte da igreja não está presente na língua italiana. O pároco do ponto SCurb, tem mais de 60 anos, pertence à CaGII, fala italiano bem; compreende e escreve, além de latim, espanhol. Na observação participante relatou:

[...] quando assumi a Paróquia, ainda havia uma festa das tradições típicas, inclusive do polonês, mas o italiano já prevalecia. Porém, a comunidade se desgastava muito para esse evento e resolvemos retirar do nosso calendário. Hoje não há uma festa promovida pela igreja típica de colonização polonesa, mas, sim, a festa da Paróquia. (Pároco SCurb-CaGII).

O papel das práticas religiosas, no ponto SC, é observado em diferentes depoimentos que, no entanto, mencionam a predominância e adesão às demais línguas de imigração em contato. Na Comunidade Leste, em SCrur, o informante CbGI de 55 anos, masculino, relatou que uma vez no mês, nas quintas-feiras, há ensaios do grupo italiano na comunidade, e as festas resgatam a gastronomia italiana. Na comunidade de Cachoerinha, SCrur, um informante CaGI masculino com 38 anos, afirma que “*nós os alemães, temos as festas, o alemão dá um jeito de fazer a festa.*”

Para o polonês em SCurb, a língua deixou de circular nos domínios da família, da igreja, da escola, bem como em espaços da mídia, embora estivesse presente em períodos históricos anteriores. Mas a substituição (*language shift*) do polonês pelo português ocorreu com a influência também do italiano, não apenas do português. No entanto, o italiano está mais presente nas comidas típicas, no uso de algumas expressões relacionadas à comida, ou ainda em expressões e substantivos mais conhecidos e comuns, como “*nona*” e “*nono*”, para diferenciar-se de “*Babcia*” e “*Dziadek*” (avó e avô). Depoimentos colhidos na observação participante dão conta que “*Dziadek*” quase não se ouvia, e nem era de conhecimento dos informantes.

Já no ponto PRurb e PRrur, a presença da língua polonesa na igreja é fortalecida pelas ações da comunidade e do pároco, de origem polonesa, o qual contribui nos eventos, no ensino da língua e na manutenção por meio das festividades e da presença em eventos anuais da comunidade. As missas no ponto PRrur eram realizadas até o ano de 2016 e enquanto havia na escola aulas em polonês, o pároco polonês, não está mais na localidade era o incentivador da língua e todos os domingos a missa ocorria em polonês e em português, dividido os cantos, ritos e rezas. Aos poucos, porém começaram a ocorrer mais espaçadamente, chegando a ser realizadas apenas nas primeiras sextas-feiras de cada mês.

Em PRurb, a língua polonesa ganha destaque uma vez ao ano, durante a quaresma, na novena de Páscoa em polonês, organizada pela equipe litúrgica. Esse fato tem falar simbólico de grande relevância e mantém viva a memória da língua polonesa. Estrategicamente, a Paróquia Central da Igreja Católica, no ponto PRurb, concentrou os eventos festivos da língua polonesa em PRrur, no Distrito de Sant’Ana.

Em PRurb, há uma igreja ucraniana que mantém as missas e as festividades. Há uma equipe litúrgica que organiza o terço em ucraniano, uma vez na semana. As manifestações religiosas para a língua, e na língua polonesa, estão concentradas no PRrur, em Sant’Ana, onde se encontra também o museu polonês e todos os demais eventos sobre a língua.

As imagens representam uma parte da manifestação religiosa presente em PRrur. As estações da via sacra representam a imagem de santos e estão escritas em polonês, sinalizando a religiosidade e a fé na comunidade de fala polonesa. Os rituais que representam a formação católica dos poloneses são fortalecidos pelas festividades cristãs que ocorrem em torno das imagens e fortalecem a fé e as crenças, com os cânticos religiosos, os rituais de reza no período do calendário cristão.

Figura 4 – Vista frontal da Igreja e placa em homenagem aos imigrantes poloneses em PRrur



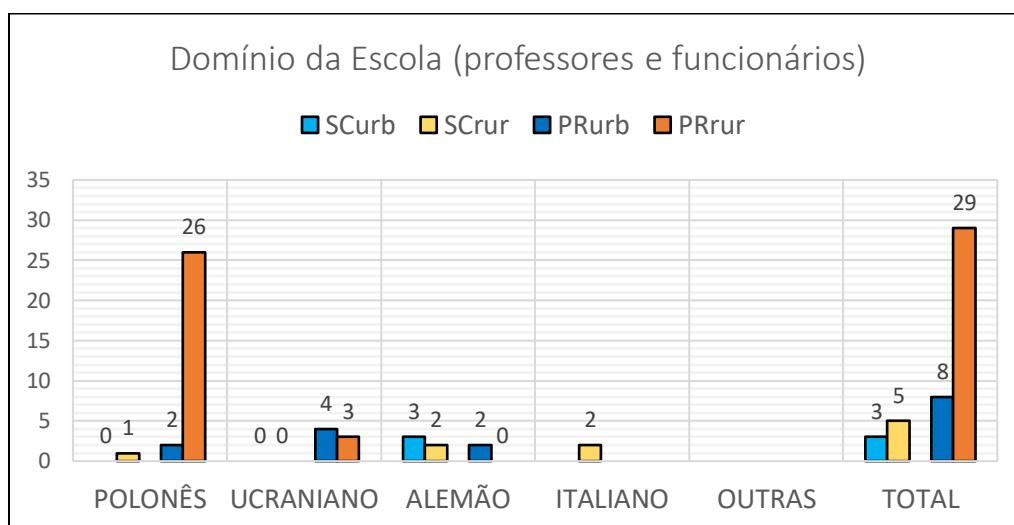
Fonte: Acervo da autora

Em suma, contrapondo os dois pontos de pesquisa, SC e PR, no que diz respeito à influência da igreja para a manutenção e/ou substituição do polonês, tem-se nos dois pontos situações opostas: de um lado, no ponto SC, a substituição do polonês pelo italiano e o português, no domínio da igreja; de outro lado, no ponto PR, a presença e uso do polonês em diferentes práticas religiosas. O fortalecimento do ensino da língua e a presença nas ações que são promovidas pela igreja, como em missas, cantos e rezas, mesmo que, mensalmente e semanalmente, tanto em polonês, quanto em ucraniano se confirme uma presença mais forte das línguas eslavas, em PRurb e PRrur. Esses aspectos nos levam à interrelação com o domínio da escola, a ser tratado a seguir.

4.2.5 Língua polonesa na escola: inclusão ou exclusão

Enquanto a família representa o espaço de uso natural e espontâneo da língua local, a escola, revestida da função de transmitir (ensinar) a língua oficial português, enquanto norma, se configura em espaço de apropriação de uma língua, escrita e falada, que nem sempre faz parte do repertório dos alunos. Como língua materna não oficial adquirida na família e na interação no meio social, a língua polonesa aparece via de regra ausente do planejamento escolar, embora apareça no repertório linguístico não apenas dos alunos, mas também de professores e funcionários que formam a comunidade escolar. O gráfico 4 a seguir comprova essa presença, em grau variável, das diferentes línguas no domínio da escola, nos dois pontos de pesquisa.

Gráfico 4 – Línguas de imigração no repertório de professores e funcionários da comunidade escolar

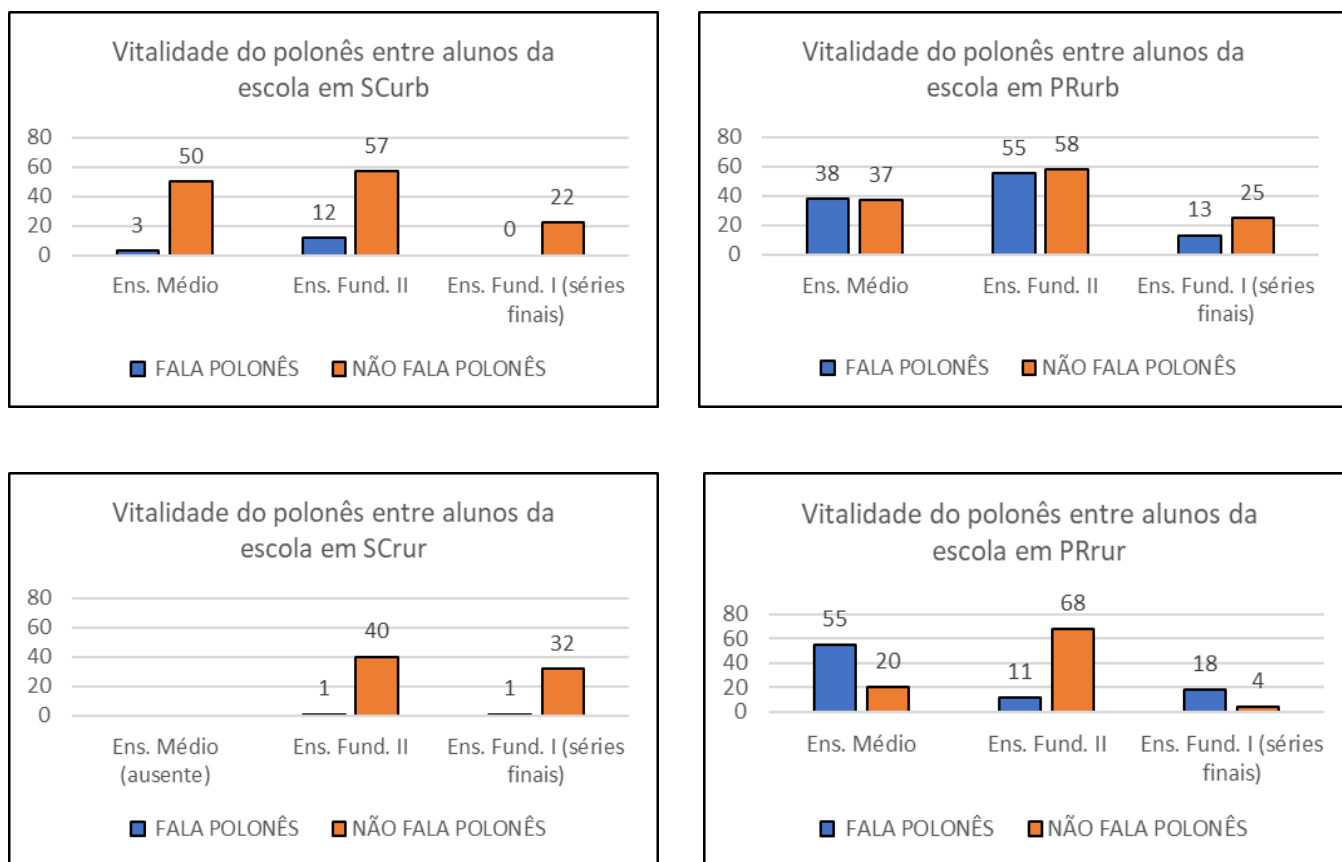


Fonte: A Autora

Chama a atenção a grande presença de professores e funcionários falantes de polonês, na escola do ponto PRrur, em comparação com presença relativamente baixa de falantes nos demais pontos, inclusive em PRurb, onde ainda assim se salienta a presença de falantes de ucraniano e, em menor grau, de alemão. Com base nesses dados, tem-se, entretanto, uma evidência clara da forte vitalidade do polonês no ponto PR, especialmente PRrur. Em contrapartida, chama a atenção a ausência do italiano, mesmo no ponto SCurb, apesar de sua presença no meio social, como mostraram os dados relativos à família e ao meio social.

Pode-se indagar sobre o que representam esses dados para o cenário e da manutenção das línguas locais de imigração. Trata-se de um potencial muitas vezes subaproveitado para a promoção dessas línguas, um manancial de grande relevância para o desenvolvimento de atividades de educação para o plurilinguismo. Essa constatação vale igualmente, quando se analisam os resultados pelo lado dos alunos, nos diferentes estágios da escolarização, como mostram os gráficos a seguir:

Gráfico 5 – Vitalidade do polonês no repertório linguístico de alunos de escolas do meio urbano e rural



Fonte: A Autora

Os dados do gráfico acima mostram de forma bastante saliente a vitalidade linguística maior do polonês no ponto PR, mesmo sendo de escola do meio urbano. Nos dois pontos, porém, se registra uma perda linguística gradual, na comparação do Ensino Médio (alunos com idade maior) para o Ensino Fundamental I (séries finais), que representam a faixa etária mais baixa. Curiosamente, essa perda é ainda maior no meio rural, mesmo em PRrur, contrariando a hipótese de que o meio rural favorece a manutenção e vitalidade da língua de imigração e contrariando também o fato de que 89% da equipe pedagógica e dos funcionários da Escola do Ensino Fundamental I, em PRrur, fala o polonês ao lado do ucraniano. Chama atenção que essa perda se mostra bastante acentuada, de um índice elevado de manutenção e uso do polonês no Ensino Médio para uma inversão significativa de perda no Ensino Fundamental II. Em SCrur, essa diferença é ainda mais saliente. O polonês aí praticamente está ausente, na geração dos alunos.

É relevante observar que a escolha para responder o questionário no Ensino Fundamental I (séries finais), se deu por serem alunos já alfabetizados em poderem participar

e responderem os questionários. Em PRrur, a escola municipal tem um quadro de 29 professores, sendo que desses 26 entendem e falam polonês e mais da metade do quadro de professores moram na comunidade. No Colégio Estadual do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, há 45 professores e 4 pedagogas, além das auxiliares. No Colégio Estadual, nem todos os professores são moradores de PRrur, alguns vêm de PRurb. Em PRrur, observa-se a maior presença do polonês no Ensino Médio e no Ensino Fundamental I (séries iniciais). Justifica-se através da observação participante que a lacuna no Ensino Fundamental II se dá pela não continuidade do ensino do polonês na escola. Segundo a professora do polonês e informante do Colégio Estadual, havia o ensino da língua polonesa até o ano de 2016. Esses representam os alunos que estão frequentando o Ensino Médio em PRrur e que durante a observação participante afirmaram que já fizeram o curso de polonês na escola.

A professora informante CaGI foi professora no CELEM e ministrou aulas na comunidade do ponto PRrur e na escola. As aulas ocorriam uma vez por semana com duração de 4 horas com duas turmas, uma com 25 alunos e outra com 15 alunos. As aulas foram interrompidas por questões de saúde da professora. Durante a observação participante, a professora deixou claro o desejo de retomada, em 2020, das aulas na comunidade.

A escola, junto com os demais espaços e domínios de uso das diferentes línguas, tem papel decisivo na definição do status a elas atribuído, contribuindo para difundir uma consciência plurilíngue favorável (BROCH, 2014), de sua identidade, de sua memória e história. As políticas de revitalização e manutenção da língua minoritária têm sua eficácia aumentada, quando consideram a perspectiva *bottom up* e *in vivo* dos falantes. A vitalidade do polonês em PRurb e PRrur é significativamente forte, para ainda permitir ações de revitalização mais eficazes. Já em SCurb e SCrur, os dados apontam que o polonês aparece praticamente extinto, mas ainda assim faz parte de um plurilinguismo histórico do qual ainda participam de forma ativa o italiano e o alemão.

Vejamos, por fim, o que aponta o domínio da mídia local, especialmente do rádio e da imprensa.

4.2.6 Espaços midiáticos de uso da língua

Em PRurb, a presença do polonês, no âmbito público, é visível e está fortemente presente nas relações sociais e de convívio dos falantes. Durante a entrevista com informante PRurb-CbGII com mais de 60 anos, do sexo masculino, esse iniciou a conversa relatando que “*meus filhos já conhecem a Polônia e eu tenho um amor muito grande pela língua*”.

Informou que sempre morou em Cruz Machado e é muito conhecido, porque é o líder em uma rádio comunitária, em que faz programas em polonês todos os domingos; é uma hora de programação, começando às 13h30min. “*A nossa programação acontece em polonês e tem um alcance bem grande, até União da Vitória, e até Curitiba já vieram aqui e ouviram a nossa rádio*” (PRurb-CbGII).

A programação de rádio fortalece o vínculo com a língua, na comunidade, moldando a identidade do município. O uso da língua polonesa nessas mídias, especialmente na rádio, como em outros canais, aumenta o espaço de circulação e de representatividade em que essa língua se faz presente. Uma vez que o polonês está associado ao *status* de língua materna e de identidade cultural dos moradores, a rádio assegura, desse modo, um público bastante fiel e assíduo.

O informante PRurb-CbGII, locutor da rádio, explicou como o programa acontece:

Todos os domingos, em polonês, conversamos com os ouvintes, destacando os principais assuntos do município, das comunidades, inclusive dos eventos em polonês, no Sant’Ana, falamos dos aniversariantes, um pouco sobre a Polônia e a Braspol, e também ouvimos músicas em polonês, ah! A gente também fala dos ucranianos que aqui também tem.

Durante a observação participante, a pesquisadora perguntou se os ouvintes participam, pedindo músicas em polonês: “*Sempre que dá tempo alguém liga mandando recado para os amigos, compadres, os parentes e às vezes pedem música, nem sempre, mas tudo em polonês*” (PRurb- CbGII).

O mesmo informante escreve em polonês e lê também um pouco em ucraniano. Em PRurb, segundo ele, os grupos de *WhatsApp* são mais presentes e estão divididos em grupos literários; grupos de danças; grupos de estudos; página no *Facebook*; grupos religiosos, entre outros aplicativos para celular.

Em SCurb, a língua polonesa não está presente do mesmo modo nos *domains* midiáticos, mas a língua italiana aparece de forma mais acentuada. A Rádio Progresso Am é composta por 8 funcionários, dos quais quatro trabalham no administrativo e quatro são locutores. Desse total, três falam italiano, seguido de um locutor falante de alemão. Todos os locutores pertencem à geração mais jovem, assim como uma atendente do setor administrativo.

A programação em italiano é veiculada para outra programação, de um município vizinho, de onde é transmitida uma vez por semana, aos sábados, das 18h às 20h. O público

ouvinte da programação geralmente é de zona rural, e a programação é apenas de música, com participação dos ouvintes. O mesmo vale para a programação em língua alemã.

As redes sociais colaboram, adicionalmente, para a circulação e manutenção das línguas, reforçando a presença da língua e contribuindo para a criação de uma rede de contatos que oportuniza aos falantes se relacionarem com outros falantes da língua, para troca de informações sobre vocabulários, expressões e outras variedades da língua. Isso nos leva à pergunta sobre as diversas funções, internas e externas, que a língua minoritária, neste caso o polonês, assume para os falantes. Vejamos, portanto.

4.3 FUNÇÕES INTERNAS E EXTERNAS NO USO DO POLONÊS

Para coletar dados sobre as funções internas e externas de uso da língua polonesa, aplicou-se nos dois pontos desta pesquisa a parte II do questionário, adaptada de Altenhofen (1990). Esse questionário foi preenchido por escrito; o aluno precisava apenas marcar uma coluna, conforme a sua língua, sem identificar o nome, para manter o anonimato, por questões éticas. A partir desses dados, elaboraram-se gráficos de frequência para cada ponto, rural e urbano, com o intuito de analisar a vitalidade linguística. No ponto SC, somou-se um total de 209 questionários; e, no ponto PR, 380.

A elaboração dos diferentes gráficos de análise das funções internas e externas no uso do polonês seguiu critérios variados, considerando:

1º) buscou-se a comparabilidade entre os pontos – SC à esquerda, PR à direita, conforme a localização geográfica;

2º) além disso, buscou-se a comparabilidade entre os dados do meio urbano (gráficos SCurb e PRurb acima) e do meio rural (gráficos SCrur e PRrur abaixo)

3º) o grau de detalhamento: partiu-se do dado real, com todas as línguas indicadas, para o enfoque específico no uso do polonês, objetivo desta Tese. Com isso, buscou-se uma média de uso, atribuindo às respostas com frequência “muito” ou “bastante” um peso (1,0) e às respostas com frequência “pouco/muitas vezes” um peso (0,5), ou seja, a metade do percentual registrado.

4º) Vale destacar que, em vista da ênfase nas funções de uso do polonês, não se distinguiu entre os diferentes níveis de ensino. Os resultados refletem, portanto, a média geral de todos os questionários recolhidos nos três níveis de ensino.

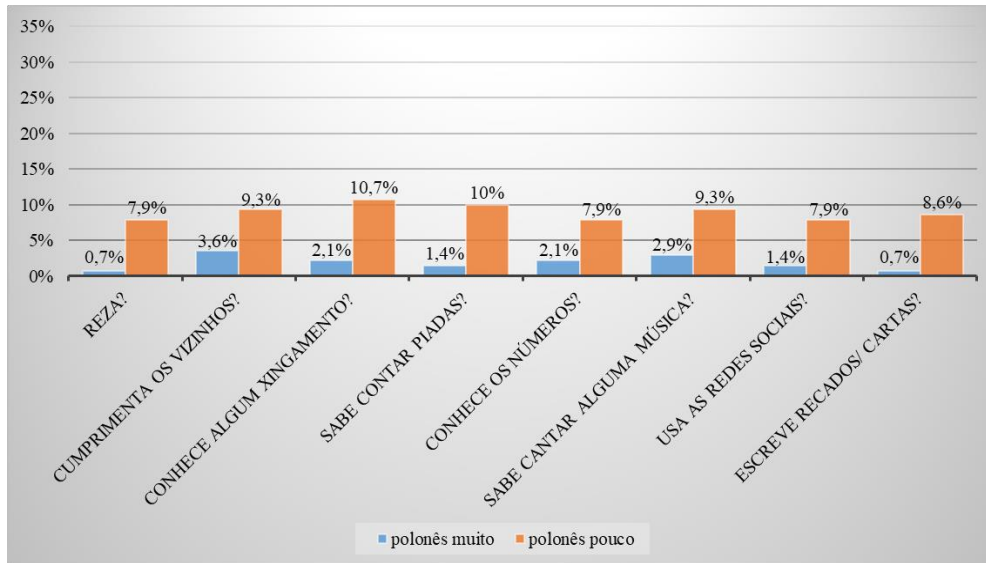
Nas comparações entre os gráficos, é preciso prestar atenção para as razões de uso mais frequente em PR do que em SC, conforme já assinalado. Também é preciso lembrar

que os dois pontos diferem quanto ao grau de urbanização: SC possui menos de 10 mil habitantes, de acordo com o último censo de 2019, e tem maior concentração de habitantes no âmbito rural. Já, no ponto PR, o número de habitantes, conforme o último Censo do IBGE, em 2019, gira em torno de 18 mil habitantes, com maior concentração no âmbito urbano.

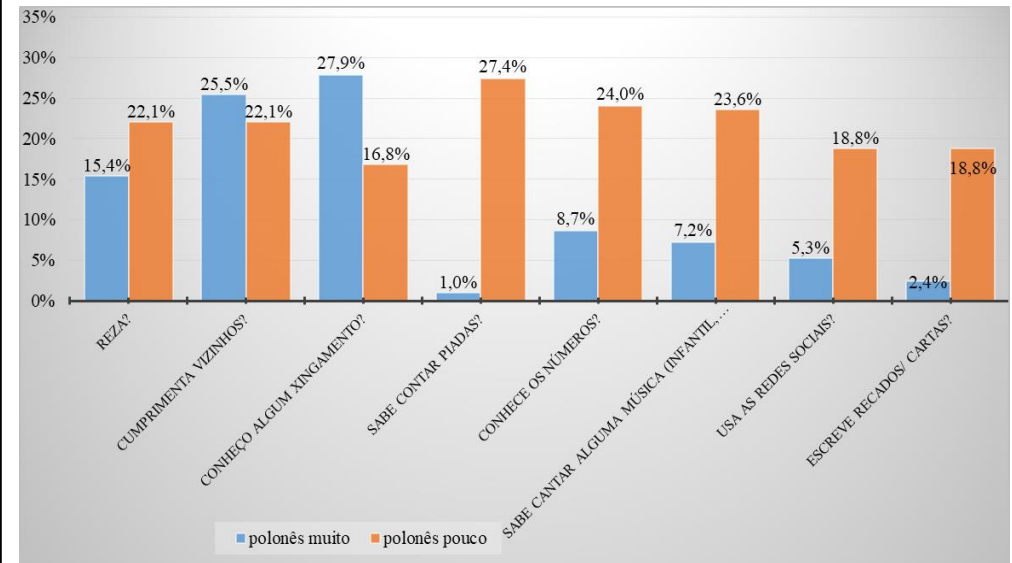
Outro fator relevante que se deve ter em mente é a presença da população monolíngue lusófona no ponto SC, e em menor proporção no ponto PR. Este é predominantemente polonês, mesmo sendo mais urbanizado, e concentra uma identidade étnica polonesa maior do que o ponto SC, que concentra os falantes de polonês em uma territorialidade mais específica. Enquanto isso, no ponto PR, o polonês está presente em toda área. Vejamos o que nos mostra a série de gráficos 6.1.

Gráfico 6.1 – Funções internas de uso do polonês nos pontos SC e PR, meio urbano e rural

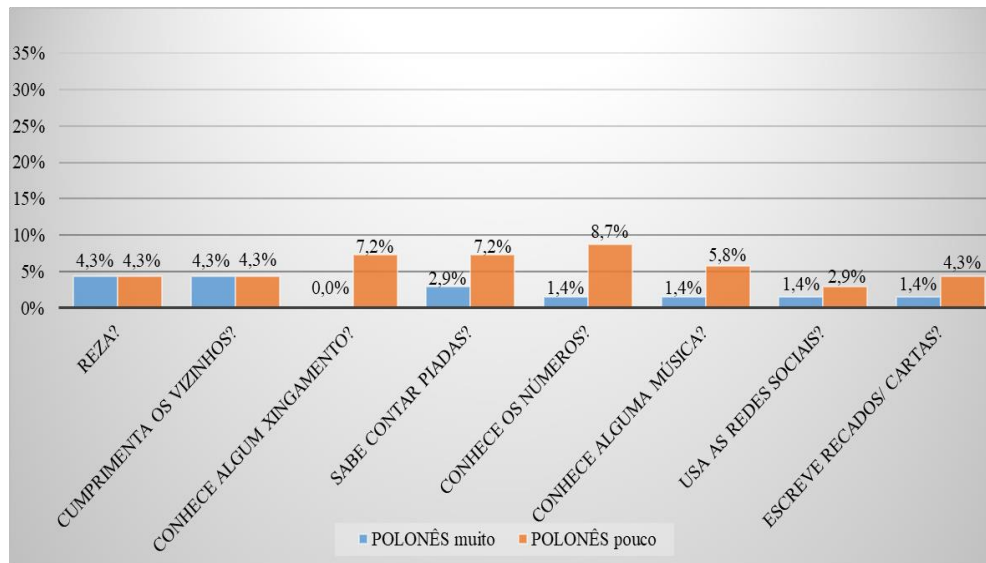
Funções internas SCurb



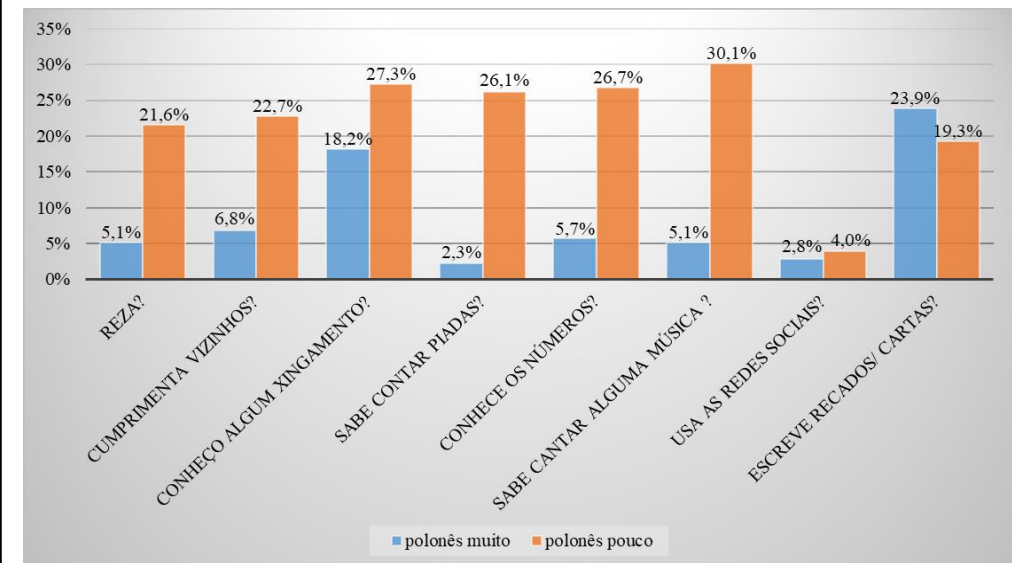
Funções internas PRurb



Funções internas SCRur



Funções internas PRrur



Nessa primeira sequência de gráficos, comparam-se os índices particulares para cada função interna, nos dois pontos do meio urbano e rural. Observa-se que os índices mais elevados em PR, tanto no meio urbano quanto no rural, refletem e confirmam a maior vitalidade do polonês nesse contexto. Uma visão geral, porém, das funções internas aponta como funções mais privilegiadas para o uso do polonês as funções de rezar (média de 6,2% do total dos quatro pontos), cumprimentar os vizinhos (média de 9,9%), em expressões de xingamento (13,8%). Em PRrur, chama a atenção o alto nível de respostas para a função de escrever recados (23,9%). Esse índice pode estar vinculado ao ensino do polonês, oferecido entre 2012 e 2016, na escola. Por outro lado, a função de rezar, que se destaca em SCrur e PRurb, reforça o papel da igreja, especialmente atuante em PRurb. A grande incidência de respostas para a função de xingamento, que em PRurb possui seu índice mais elevado (27,9%), pode estar ligada a uma espontaneidade maior, logo também acentuar o papel do polonês para a expressão da afetividade e identidade. Por fim, a função de “cumprimento de vizinhos”, que de certo modo se destaca nos dois pontos, corrobora o papel social do polonês como língua da comunidade. Curiosamente, em PRrur, essa consciência é menor que em PRurb.

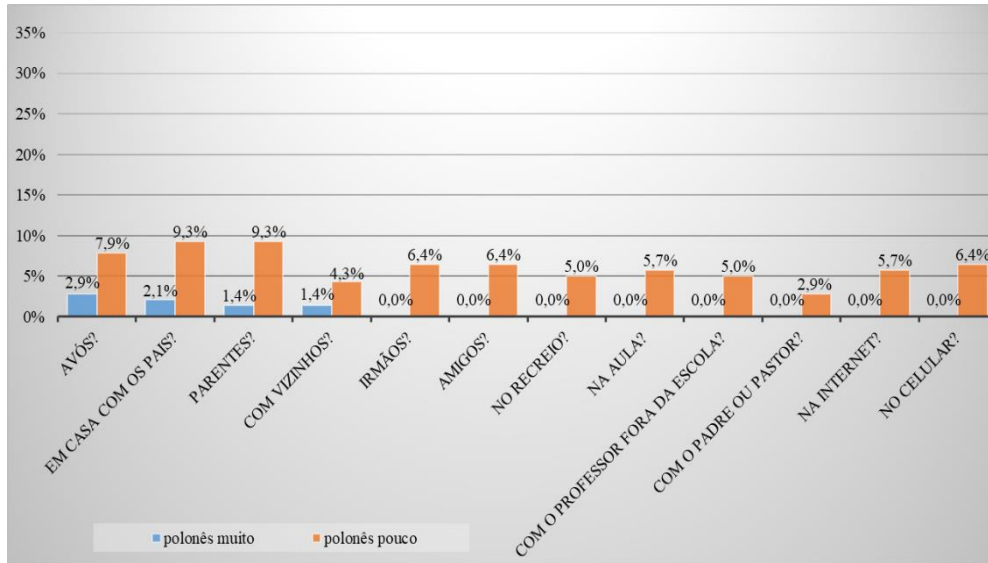
Entre as demais funções observadas, destacam-se “contar piadas, contar números, cantar músicas”. Estas funções foram, entretanto, marcadas de forma parcial, como sendo “pouco em polonês” (barras em cor laranja). Trata-se de conhecimentos mais pontuais da língua, no sentido de que se sabe algumas palavras pontualmente, ou alguns números, porém, não significa uma fluência na língua. Esses conhecimentos resistem à perda da língua e têm valor simbólico relevante, para manter a língua na pauta, com seu significado social.

A análise feita até aqui permite afirmar que, mesmo usando pouco o polonês, a vitalidade linguística do polonês no que se refere às funções internas de seu uso ainda está presente em grau maior ou menor, mas de novo é mais forte no ponto PR do que no ponto SC. Não se pode esquecer que esses resultados se referem à geração jovem de alunos das escolas visitadas. Eles refletem, em certo sentido, a influência da geração mais velha, de seus pais e avós, de quem ouvem expressões e conhecimentos mesmo que pontuais, mesmo que não dominem totalmente a língua.

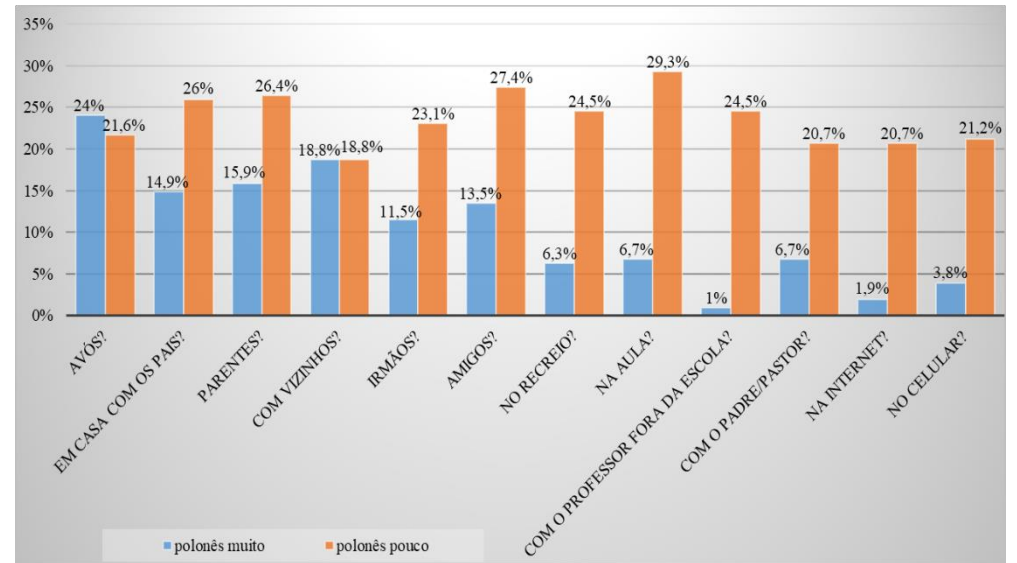
Complementando a análise geral das funções de uso do polonês, vejamos os resultados para a pesquisa das funções externas.

Gráfico 7.2 – Funções externas de uso do polonês, nos pontos SC e PR, meio urbano e rural

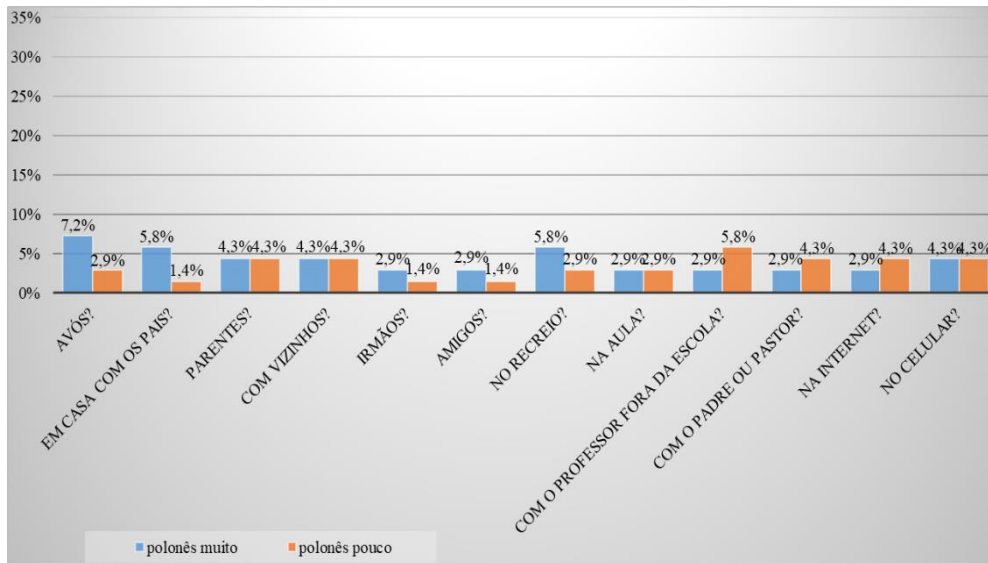
Funções externas SCurb



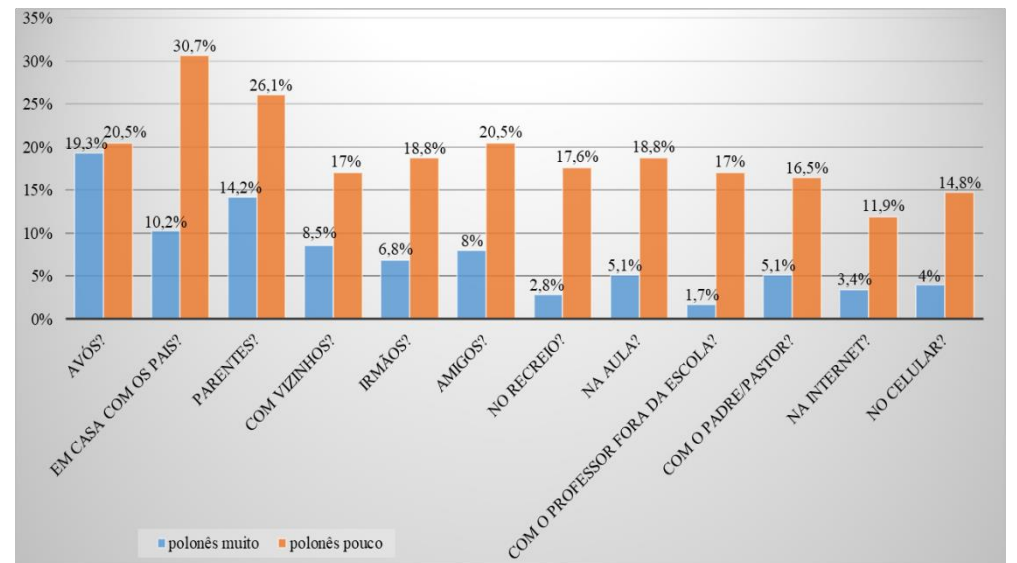
Funções externa PRurb



Funções externas SCRur



Funções externas PRrur



Comparando as funções externas com as internas, observam-se as mesmas tendências, ou seja, o uso mais acentuado em PR do que em SC. Os dados relativos ao ponto SC corroboram as observações já feitas para as funções internas, desfavorável ao uso do polonês. No entanto, SCrur mostra índices mais elevados.

Uma comparação entre as funções externas, no ponto PR, mostra que os índices decrescem da esquerda para a direita. Esse decréscimo reflete o contínuo que vai das funções de uso no domínio da família e da vizinhança (na ordem, avós, pais, parentes, vizinhos, irmãos), passando pelo domínio do meio social (amigos e no recreio), até chegar a domínios mais formais (aula e professor na escola, padre na igreja e internet ou whatsapp, com uso da escrita). O índice mais elevado está na interação com avós (média geral de 13,3%), com os pais (8,2% do total dos quatro pontos), com os parentes (média de 8,9%). Tanto em PRurb quanto PRrur, se registram os maiores índices. Eles confirmam as nossas hipóteses de que a língua polonesa se mantém sobretudo no domínio da família e do parentesco.

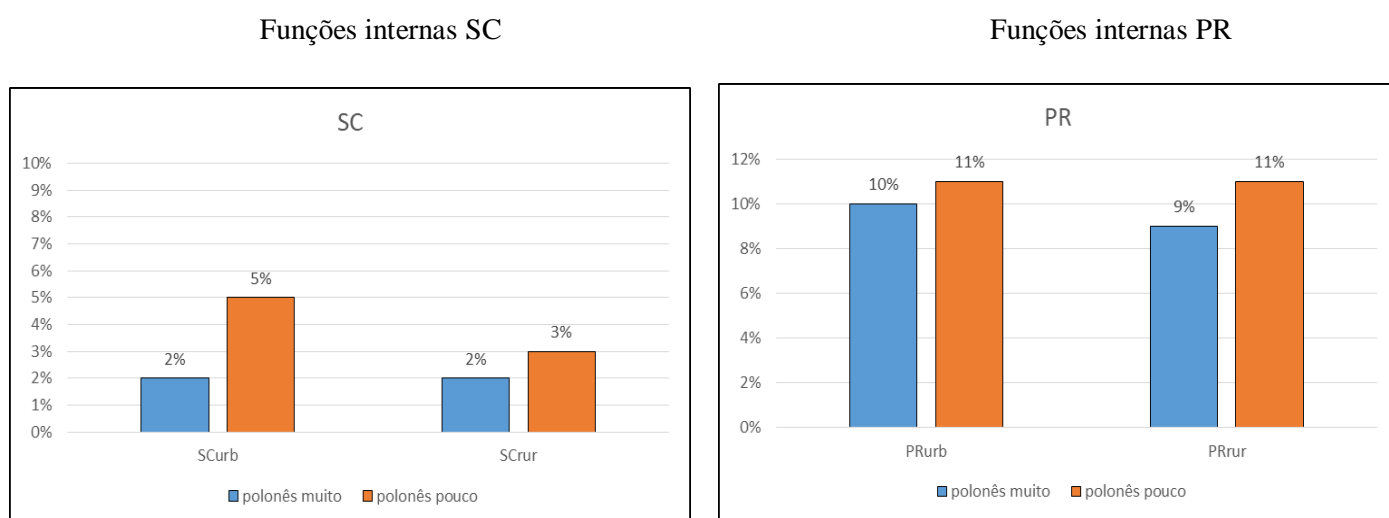
O que nos chama atenção, em especial, é a ausência de uso da língua entre irmãos e amigos, sobretudo em SCurb. Fica evidente a perda da língua polonesa na GI dos alunos que responderam aos questionários e, de modo geral, uma tendência preocupante de uma perda linguística progressiva (na comparação diageracional). Ou seja, os dados mostram uma tendência clara de substituição do polonês pelo português, na interação entre os falantes da GI (irmãos/amigos).

Por outro lado, o fato de que ainda se registra o uso relativo do polonês no domínio escolar, com exceção de SCurb, revela que o polonês ainda tem uso ativo na comunidade. Isso se mostra especialmente marcante em SCrur, onde curiosamente o uso do polonês no “recreio” e até mesmo com o professor supera o de português.

Por fim, o uso relativamente significativo na interação com o “padre” mostra novamente o papel da igreja, como já observado nas funções internas, quando perguntados sobre “rezar”. O mesmo vale para o papel crescente da “internet” e do “uso do celular”, que porém exigem a habilidade escrita.

Com o intuito de refinar a análise e produzir sínteses que possam visibilizar com mais clareza a vitalidade linguística do polonês nos quatro contextos de uso analisados, uma opção são os gráficos que seguem. A primeira série de gráficos 7.1 sintetiza os resultados para as funções internas. Vejamos.

Gráfico 8.1 – Síntese dos resultados sobre o uso do polonês nas funções internas



Fonte: A Autora

Ao somar as respostas para as funções internas sinalizadas como “muito polonês” (peso 1,0) ou “pouco polonês” (peso 0,5), observamos as mesmas tendências, embora controlando adicionalmente eventuais distorções na interpretação da pergunta ou sua relação com uma consciência metalinguística mais clara ou não. Nesse caso, se confirma a diferença de vitalidade linguística do polonês entre os dois pontos, claramente mais forte no ponto PR, tanto rural quanto urbano. O que chama atenção é que não há praticamente diferença entre os resultados de PRurb (respectivamente, 10% e 11%) e PRrur (9% e 11%). Já no ponto SC, os índices são significativamente menores, como já se havia observado na série de gráficos anteriores.

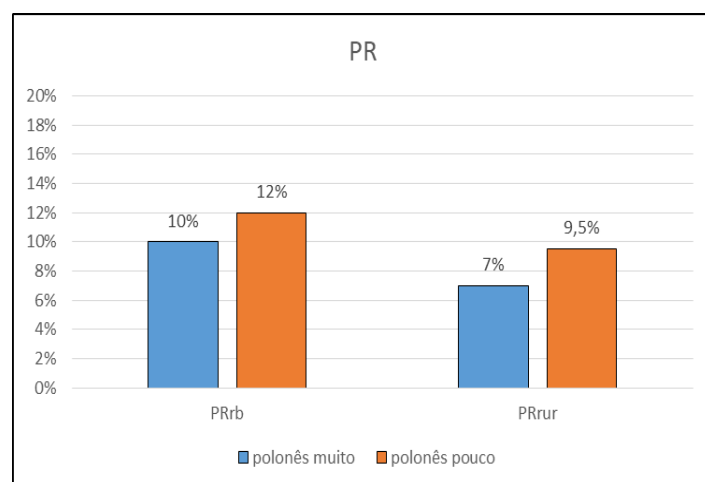
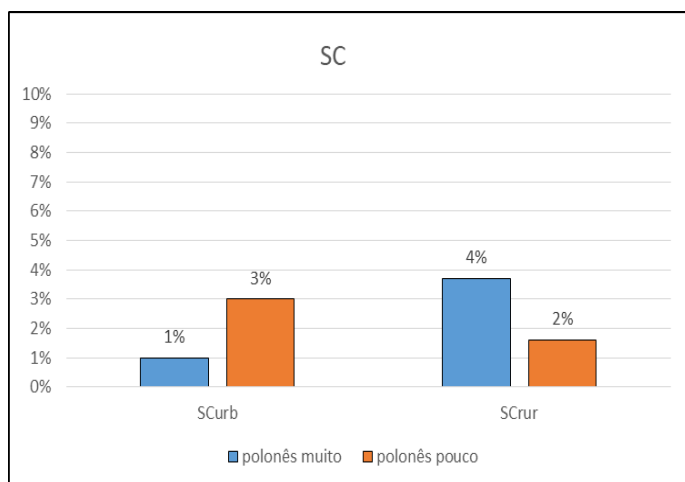
Ao considerarmos as respostas nas funções internas sinalizadas como “muito polonês” às respostas que o aluno indicou para fala “pouco polonês”, ou seja, emprega em grau maior ou menor o polonês, observamos as mesmas tendências, embora controlando adicionalmente eventuais distorções na interpretação da pergunta ou sua relação com uma consciência metalinguística mais clara ou não. Nesse caso, se confirma a diferença de vitalidade linguística do polonês entre os dois pontos, o uso do polonês em SCrur, apresentando índice mais alto de “pouco polonês”; o mesmo vale para SCurb. De modo geral, os índices indicam uma vitalidade alentadora. Mantêm-se, no entanto, as mesmas tendências e proporções entre as diferentes funções.

Vejamos a série de gráficos 7.2 a seguir, que sintetiza os resultados em relação às funções externas.

Gráfico 9.2 – Síntese dos resultados sobre o uso do polonês nas funções externas

Funções externas SC

Funções externas PR



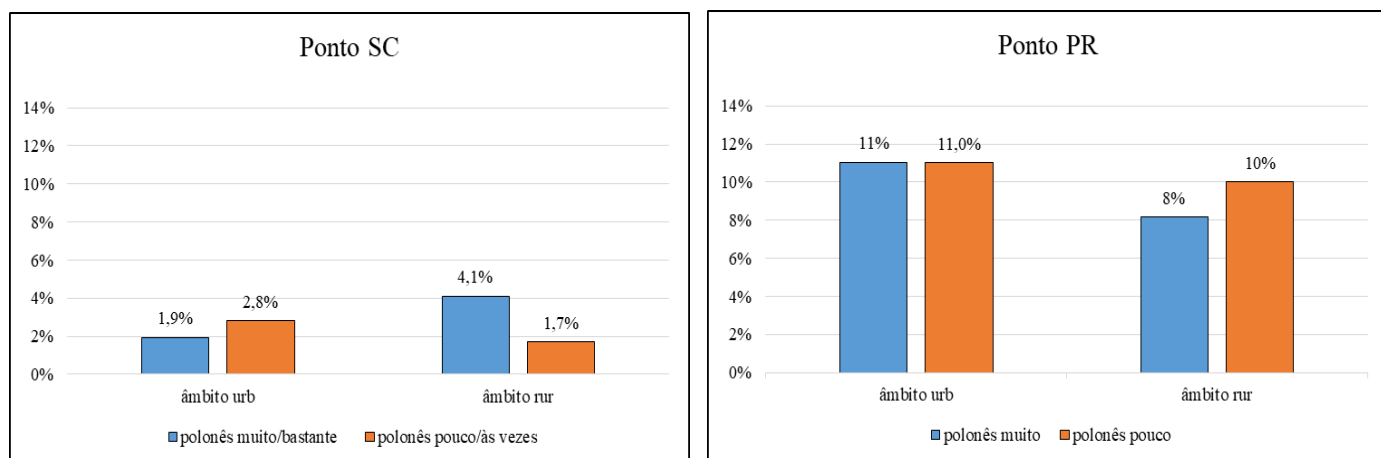
Fonte: Autora

Ao somar as respostas para as funções internas sinalizadas como “muito polonês” (peso 1,0) ou “pouco polonês” (peso 0,5), prevalecem as mesmas tendências já observadas: maior vitalidade no ponto PR, com valores muito próximos entre o meio rural e urbano. No ponto SCrur, porém, há uma sinalização mais nítida para o uso do polonês, com 3,7%. Embora baixo, esse índice pode ser atribuído à presença de famílias que ainda falam polonês.

Na análise desses resultados, é preciso novamente ponderar que se referem aos dados da geração dos alunos, portanto de idade menor. É de se supor que, na geração dos pais e avós, a vitalidade de uso do polonês ainda seja mais forte. Se ela é maior, não está havendo uma transmissão diageracional que mantenha a língua polonesa segura e não vulnerável a uma perda futura.

Somando, por fim, os resultados para as funções internas e externas, em uma única série de dados.

Gráfico 10.3 – Síntese do total de resultados obtidos para as funções internas e externas de uso do polonês nos pontos SC e PR



Fonte: A Autora

Os gráficos acima compilam os resultados das funções internas e externas no âmbito rural e urbano, nos dois pontos: a diferença de vitalidade linguística maior no ponto PR e o equilíbrio relativo dos resultados nos meios rural e urbano se confirmam novamente. A língua polonesa se mantém proporcionalmente 8% a mais no ponto PR do que no ponto SC. Uma das justificativas apresentadas, neste estudo, leva em consideração os processos migratórios de cada ponto, as questões geográficas, bem como a presença maior de outras línguas como a italiana, no ponto SC.

Os índices maiores no ponto PR podem se explicar pela colonização mais afastada dos grandes centros, porém, também devido à aplicação de ações específicas de promoção da língua polonesa, como o ensino na escola, as ações na comunidade, entre outras. É relevante ressaltar também que, no ponto PR, prevalece a maioria eslava polonesa e ucraniana. Outra hipótese que nos leva a compreender a presença mais forte da língua polonesa no ponto PR está relacionada ao período de colonização, período mais antigo, em que os imigrantes poloneses (eslavos) chegaram ao PR. Enquanto em SC, os primeiros migrantes poloneses chegaram em 1935-37, em PR, os migrantes chegaram em 1910-11, de um modo mais conservador e em um período diferenciado da colonização em SC. No ponto SC, a ocupação coincidiu com o período de nacionalização da ditadura do Estado Novo, e a língua portuguesa representava um dever cívico de afirmação da cidadania brasileira. No ponto PR, diferentemente, o imigrante polonês buscava manter sua identidade por meio da memória e da língua, para fugir de um período de guerra, dor e sofrimento na Europa.

4.4 PERSPECTIVAS PARA A MANUTENÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO POLONÊS

Com base na aplicação dos questionários e levantamentos feitos, pode-se afirmar que os dados coletados servem para dar continuidade numa pesquisa que possa subsidiar e fundamentar ações para a manutenção e revitalização da língua de imigração polonesa. As pesquisas sobre línguas eslavas descritas no primeiro capítulo acentuam a relevância dessa língua de imigração no contexto do sul do Brasil. Sua manutenção, no entanto, como vimos, depende de ações

Entre os fatores dessa manutenção o papel da família, e com isso a transmissão diageracional, se sobressai como especialmente relevante. É o domínio da família e seu uso em comunidade, como mostraram os dados, que tem mantido a língua, apesar de uma série de fatores que, contrariamente, desfavorecem seu uso. Entre esses fatores, citam-se a ausência da língua no domínio da escola, a discriminação da língua minoritária, a opção pela língua de prestígio, no caso o português, como língua oficial.

Ações que levam à manutenção de línguas minoritárias incluem uma intervenção por meio de leis linguísticas que reconheçam o *status* da língua, bem como o direito de usar essa língua, como no caso da Declaração dos Direitos Universal Linguísticos, de 2003; a Convenção para as Línguas, em 2003; o Uso do Multilinguismo, em 2004; a Convenção das Expressões Culturais, em 2005.

No Brasil, o ponto de partida para o reconhecimento das línguas minoritárias como línguas brasileiras, é o Relatório do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística, de 2007, que levou ao INDL, por meio do Decreto Federal nº. 7387, de 9 de dezembro de 2010, que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Apesar de recensar apenas as línguas indígenas – *que língua indígena é falada em sua casa?* – avanço significativo está o Censo do IBGE de 2010 representa um avanço, embora infelizmente deixe de fora o conjunto da diversidade linguística do Brasil (MORELLO, 2016).

Se uma pergunta sobre “outras línguas faladas no lar, ao lado do português” tivesse sido incluída no Censo, teríamos suporte de dados mais precisos sobre onde há quantos falantes, para um planejamento linguístico mais eficaz de ações mais assertivas em prol das comunidades linguísticas brasileiras.

Não obstante essas lacunas, pode-se vislumbrar alguns aspectos, a partir dos resultados levantados neste estudo, que merecem atenção em futuras ações de promoção e revitalização do polonês. Um desses aspectos é a memória cultural.

A memória representa uma identidade histórica e de herança familiar. Especificamente, ao nos direcionarmos para o ponto SCrur, ao entrevistarmos informantes da geração mais velha, a língua se faz presente como marca de expressão da sua identidade, da sua referência. Essa referência se manifesta, por exemplo, em reuniões no domínio da família, ou mesmo também quando o pesquisador, ao perguntar se fala ou conhece outra língua, ativa lembranças dos informantes. Nesse momento, a manifestação expressa e consciente sobre e para a língua evoca a memória afetiva e resgata historicamente o que pode ter sido apagado, por diferentes fatores. Conforme Payer (2006, p. 52), “Estamos dizendo que o sujeito formula os sentidos que o constituem na medida em que tem acesso aos sentidos das condições históricas que apagaram o dizível uma parte constitutiva da memória histórica que o constitui”.

Portanto, ao nos referirmos à presença da língua polonesa em SCrur, a perspectiva de manutenção e ou preservação se manifesta apenas na memória. Pensar em ações que possam fortalecer a presença da língua inclui o trabalho de ouvir e perceber o que os falantes querem. A língua majoritária está presente constantemente, e a língua minoritária apenas na memória desses falantes da geração mais velha. Isso leva a compreender que o contato com a geração mais nova não se faz com a língua minoritária (polonesa) e, sim, quase exclusivamente com a língua portuguesa, diminuindo as possibilidades de manutenção da língua de herança.

Do mesmo modo que a memória cultural, a conscientização plurilíngue evoca ao falante o valor de sua língua em relação a outras, levando-o ao uso e promoção de sua língua. Segundo o modelo dos estudos sobre *language awareness*, ou conscientização linguística (Hawkins, 1999), é preciso desenvolver abordagens para o ensino de línguas estrangeiras, noções de aquisição da língua e incluir a conscientização no currículo escolar. Não é o caso desta Tese abordar a temática sobre o ensino de LE e nem propor ações para o ensino da língua polonesa. Porém, a conscientização plurilíngue transpõe esses âmbitos e se configura em uma meta importante para a promoção e revitalização dessas línguas minoritárias.

É inegável, do ponto de vista sociolinguístico, a necessidade de um diagnóstico linguístico que vislumbre o real cenário da vitalidade de línguas de imigração como o polonês. Descrever o estado de saúde de uma língua, como se tentou fazer nesta Tese, é o primeiro passo para poder remediar medidas para a sua revitalização. Este estudo parece ter mostrado a relevância e vantagem de fazer esse tipo de diagnóstico de forma comparativa. A comparação entre os dois pontos de pesquisa, SC e PR, bem como a distinção entre os

dados do meio rural e urbano, permitiu enxergar não apenas graus de vitalidade linguística distinta, mas também comportamentos de manutenção e uso linguístico diferentes.

Práticas e conhecimentos que podem ser passados e mantidos de geração para geração para a Unesco (2003), são definidas como patrimônio cultural e imaterial as práticas, representações, expressões técnicas, entre outras ações que são reconhecidas por grupos e comunidades servem como herança cultural.³⁰ A realização de um inventário da língua de imigração polonês é, neste sentido, uma demanda, para a qual este estudo procurou contribuir.

Ao falar de patrimônio cultural imaterial, é inevitável falar também de consciência plurilíngue e educação plurilíngue, ou melhor, plurilinguística, como afirma Broch (2014). A partir dos resultados da aplicação do questionário no espaço escolar, pudemos entender o cenário linguístico do uso ou perda do polonês pela geração mais nova, em idade escolar. Esses resultados sugerem ações não apenas de intervenção no status da língua polonesa, mas também de entendimento da língua como conhecimento.

Observamos, nos dois pontos de pesquisa, que o polonês, de certo modo, está mais presente e forte em PRurb e PRrur e discretamente em SCrur, considerando as funções internas e externas de uso do polonês manifestadas nas respostas dos alunos em idade escolar. Identificamos tanto em PRurb, quanto em PRrur, que o ensino da língua em certo momento estava presente na escola e continuou influenciando a maior vitalidade do polonês em PR do que em SC.

30 No Brasil, o IPHAN, é um dos órgãos responsáveis pela salvaguarda do patrimônio material e imaterial brasileiro. “O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)” – vale dizer – “é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. O Iphan possui 27 Superintendências (uma em cada Unidade Federativa); 37 Escritórios Técnicos, a maioria deles localizados em cidades que são conjuntos urbanos tombados, as chamadas Cidades Históricas; e, ainda, seis Unidades Especiais, sendo quatro delas no Rio de Janeiro: Centro Lucio Costa, Sítio Roberto Burle Marx, Paço Imperial e Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular; e, duas em Brasília, o Centro Nacional de Arqueologia e Centro de Documentação do Patrimônio. O Iphan também responde pela conservação, salvaguarda e monitoramento dos bens culturais brasileiros inscritos na Lista do Patrimônio Mundial e na Lista o Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, conforme convenções da Unesco, respectivamente, a Convenção do Patrimônio Mundial de 1972 e a Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003. Histórico – Desde a criação do Instituto, em 13 de janeiro de 1937, por meio da Lei n. 378, assinada pelo então presidente Getúlio Vargas, os conceitos que orientam a atuação do Instituto têm evoluído, mantendo sempre relação com os marcos legais. A Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 216, define o patrimônio cultural como formas de expressão, modos de criar, fazer e viver. Também são assim reconhecidas as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e, ainda, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Nos artigos 215 e 216, a Constituição reconhece a existência de bens culturais de natureza material e imaterial, além de estabelecer as formas de preservação desse patrimônio: o registro, o inventário e o tombamento.” (IPHAN, 2016).

Dentre as ações de promoção do polonês, como de outras línguas, a formação de professores cumpre papel primordial. O professor dentro da escola é o condutor das ações para e sobre a língua. É ele que representa as ações acerca do lugar, em que a língua se encontra, no processo de alfabetização e formação do seu aluno. Uma boa elaboração de uma planificação linguística parte do pressuposto de que a formação educacional do aluno é fundamental e faz parte dos fatores que levam à manutenção e revitalização de uma língua.

Em PRrur, o ensino de polonês fez parte da rotina escolar, mais precisamente no CELEM, como parte do ensino da língua polonesa aos falantes e não falantes da língua. A professora de etnia polonesa, falante da língua padrão, mas também conhecedora da variedade falada no ponto de pesquisa, auxiliou na produção e elaboração de materiais práticos e metodológicos. A formação desse tipo de profissional é essencial para a continuidade e valorização do polonês local, sem discriminar e substituir a sua língua falada pela língua padrão. Contudo, a compreensão de que a língua, sendo escrita, possui uma chance maior de se manter e de ter visibilidade na comunidade de falantes, ampliando a consciência plurilíngue local.

Haveria, por fim, uma série de aspectos a acrescentar em relação às perspectivas de promoção e revitalização da língua de imigração polonesa, que no entanto não constituem o escopo central deste estudo. Ainda há um longo caminho a ser trilhado e recém estamos no início. Descrever a vitalidade linguística do polonês e tirar as conclusões necessárias precede todas os esforços que se possa empreender. Vejamos as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, esta Tese teve por objetivo diagnosticar o estado da língua, isto é, sua vitalidade linguística, considerando diferentes espaços de uso, em termos de sua abrangência geográfica e demográfica, presença em diferentes domínios sociais, bem como ações de promoção e de suporte à língua que favoreçam sua manutenção e revitalização. Esse objetivo geral implicou na análise e aprofundamento de diferentes fatores que atuam ou atuaram na “vida” da língua de imigração polonesa no Brasil, mais especificamente nos dois pontos de pesquisa selecionados, SC – Descanso, no oeste de Santa Catarina, e PR – Cruz Machado, no centro-sul do Paraná. Com isso, esta Tese buscou respostas aos seguintes objetivos específicos: depreender fatores que favorecem ou desfavorecem o uso da língua de imigração polonesa e sua manutenção (âmbito explicativo) nesses contextos, tanto no meio urbano, quanto rural; e, a partir da compreensão do que condiciona a vitalidade ou perda linguística, identificar estratégias e princípios que orientem possíveis ações de promoção da língua e do plurilinguismo (âmbito propositivo).

O estudo apontou os seguintes resultados, que confirmam ou rebatem as hipóteses pré-estabelecidas:

1) o domínio da família, como da vizinhança e das relações sociais na comunidade, são os domínios essenciais de uso e manutenção do polonês, nos contextos pesquisados, sendo que:

2) essa constatação depende da representatividade demográfica dos falantes, maior no meio rural do que no meio urbano;

3) a língua de imigração polonesa tem uma vitalidade linguística maior no ponto PR do que no ponto SC;

4) o ponto PR mostra que a vitalidade da língua ocorre nos domínios da família, vizinhança e das relações sociais;

5) em ambos os pontos há diferenças significativas na vitalidade do polonês no meio urbano e rural, como se esperava. Destaca-se também a presença mais lusófona no ponto SC, sendo no ponto PR a vitalidade do polonês reforçada pela vitalidade de outra língua eslava, o ucraniano;

6) o suporte institucional dos domínios da igreja, da administração e da escola cumprem papel legitimador que favorece ou desfavorece a manutenção do polonês;

7) a vitalidade da língua polonesa no ponto PR está presente tanto nas gerações mais velhas quanto nas gerações mais novas, levando à maior manutenção do polonês nessa localidade do que no ponto SC;

8) no ponto SC, em contrapartida, observa-se a maior representatividade do italiano do que do polonês, tanto no meio rural quanto urbano, principalmente em eventos culturais e festivos das comunidades.

9) a vitalidade do polonês no ponto PR se estende ainda para as gerações mais novas, no domínio da escola, e uma das justificativas para isso está relacionada ao ensino da língua na escola, mesmo interrompido nos últimos anos;

10) essa vitalidade do polonês no domínio escolar está vinculada às demais ações de promoção, fortemente presentes em todos os usos e domínios no ponto PR.

É relevante destacar que, no ponto SC, a presença mais lusófona contribuiu para o avanço da substituição do polonês, conforme já foi apontado. Esse quadro também minimizou a probabilidade de ações para promoção da língua polonesa. Já no ponto PR, as atividades desenvolvidas para a manutenção da língua destacam o papel fundamental de cada domínio para a vitalidade da língua polonesa.

Pode-se afirmar que os resultados deste estudo serviram, antes de tudo, como um diagnóstico da vitalidade da língua polonesa em ambos os pontos de pesquisa, PR e SC. Com isso, algumas estratégias possíveis para manutenção da língua polonesa podem ser sugeridas. Porém, vale ressaltar que toda a pesquisa evidentemente está sujeita a lacunas, ainda mais considerando línguas e contextos ainda pouco pesquisados. Para o polonês e as línguas eslavas em geral, há muito por fazer. Isso vale não apenas em termos de descrição e aplicação, mas também em termos de diagnóstico linguístico da língua.

Para tanto, a presente pesquisa serve como base para implementar, iniciar e sugerir ações de promoção e manutenção da vitalidade da língua polonesa nos pontos desta pesquisa, mais fortemente em PR do que em SC. Porém, mesmo que a língua polonesa apareça discretamente na memória afetiva e no uso das gerações mais velhas, no ponto SC, não significa que a língua não possa se revitalizar e se fortalecer nas gerações mais novas, a partir dos falantes das gerações mais velhas. Com certeza, essas ações precisam de um trabalho de muita dedicação e sensibilização junto à comunidade e a todos os envolvidos. No entanto, é preciso partir de um conjunto de estratégias que são fundamentais para pesquisas que pretendem auxiliar as línguas de herança presentes no cenário brasileiro. Para cada comunidade, as estratégias podem ser diferenciadas. Em PR, por exemplo, algumas das ações de promoção para as línguas já ocorreram e comprovaram que a vitalidade da língua

tem no ensino da língua na escola um suporte relevante. O mesmo se observa no domínio da igreja e da administração pública. Essas ações podem ser resgatadas e fortalecidas com equipes de pesquisadores, realizando um assessoramento junto aos falantes sensibilizados que queiram retomar e reforçar a promoção do polonês e que por isso se constituem em potenciais gestores da língua.

Localidades como o ponto SC, por outro lado, demandam estratégias mais assertivas por meio de um conjunto de medidas que busquem identificar e promover a língua minoritária em um cenário em que aparentemente havia o polonês e que hoje é ocupado por outra língua, como o português ou o italiano. Esses critérios são definidos por equipes de pesquisadores com experiência na salvaguarda de línguas, como é o caso dos inventários linguísticos, no âmbito do INDL. Este serve de base para dar continuidade ao diagnóstico aprofundado da língua. Para tanto, é indispensável uma equipe de pesquisadores, com formação específica, que possam observar, registrar, catalogar e sugerir o que é possível para salvaguardar a língua e manter a vitalidade dessa língua. Essas estratégias podem levar à legitimação e à promoção de uma língua considerada minoritária no contexto plurilíngue em que está inserida.

A língua polonesa faz parte, portanto, de um cenário maior do conjunto de 56 línguas de imigração (ALTENHOFEN, 2013, p. 106), línguas de herança, ou línguas minoritárias, faladas no cenário brasileiro. Somente 2 línguas de imigração e 7 línguas do conjunto da diversidade linguística brasileira estão inventariadas. Com este estudo, espera-se instigar novas pesquisas para as línguas eslavas, em especial o polonês, no contexto sul brasileiro. Outra tarefa que ele deixa em aberto é, além disso, a identificação e descrição interna da variação da língua de imigração polonesa. Essa tarefa, entretanto, exige o conhecimento da língua polonesa pelo pesquisador, o que a torna refém de parcerias para suprir essa lacuna.

Para finalizar e não encerrar estas considerações, cabe ressaltar que esta Tese não buscou apenas diagnosticar a vitalidade linguística do polonês, mas, sim, compreender os condicionamentos variáveis dessa vitalidade. Os resultados apontam que a língua ainda está viva. Reconhecer a sua língua materna como parte da sua identidade é manter viva a história dos seus antepassados que buscaram por uma vida melhor em terras distantes.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Vaiter Pereira (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Editora da UEL, 2016. 426 p.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *A aprendizagem do Português em uma Comunidade Bilíngüe do Rio Grande do Sul: um estudo de redes de comunicação em harmonia*. 1990. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990. 242 p.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; THUN, Harald. A migração e os contatos Linguísticos na Geografia Linguística do Sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Vaiter Pereira. *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Editora da UEL, 2016. p. 371-392.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Bases para uma Política Linguística das Línguas minoritárias do Brasil. In: NICOLAIDES, Christiane *et al.* (ed.). *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas: Pontes Editores, 2013a. p. 93-116.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista norte@mentos – Estudos Linguísticos – Sinop*, Mato Grosso, MT, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013b.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MORELLO, Rosângela *et al.* *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Garapuvu, 2018. 248 p.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; BROCH, Ingrid Kuchenbecker. Fundamentos para uma Pedagogia do Plurilinguismo baseada no Modelo de Conscientização Linguística. (Language Awareness). In: ENCUESTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS EDUCATIVAS, V., 2011, Montevideo. *Anais [...]*. Montevideo: Grupo Montevideo, 2011, p. 15- 22.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O estudo de Línguas de Imigrantes no Brasil: O exemplo do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 18, p. 17-26, 1998.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O Português em contato com as línguas de imigrantes no Sul do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 79-93.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O território de uma língua: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves *et al.* (org.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora da UFPel, 2014. p. 69-103.
- ALTENHOFEN, Cléo- Vilson. Os contatos linguísticos na arealização do Português falado no Sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo; ESPIGA Jorge (org.). *Español y Portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPel, 2008. p. 129-164.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. [1987]. London; New York: 3 A, 1992. 229 p. (Series Amsterdam Academic Archive). Disponível em: <https://bit.ly/3159siZ>. Acesso em: 12 jul. 2019.

AUER, Peter (ed.). *Code-switching in conversation: language, interaction and identity*. London; New York: Routledge, 1998. 256 p.

AUER, Peter. From code-switching via language mixing to fused lects: toward a dynamic typology of bilingual speech. *International Journal of Bilingualism*, [s.l.], v. 3, n. 4, p. 309-332, december 1999.

AUER, Peter. Introduction: bilingual conversation revisited. In: AUER, Peter (ed.). *Code-switching in conversation: language, interaction and identity*. London; New York: Routledge, 1998. p. 1-24.

BABCIA. In: DICIONÁRIO multimídia online gratuito da língua polonesa. [2020]. Disponível em: <http://online-polish-dictionary.com>. Acesso em: 23 nov. 2020.

AUER, Peter; BARDEN, Birgit; GROBKOPF, Beate. Long-Term Linguistic Accommodation and its sociolinguistic interpretation: evidence from the Inner-German immigration after the Wende. In: MATTHEIER, Klaus (ed.). *Dialect and migration in a changing Europe*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2000. p. 79-98.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. São Paulo: Loyola, 2001. 176 p.

BERTINETTO, Pier Marco. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. In: CECHETTO, Carlo *et al.* (org.). *Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect*. Standford, Califórnia: CSL Publications, 2001. p. 117-210.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt Rinehart and Winston, 1933. p. 281-512.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para cidade: Estudo Sociolinguístico de migração e Redes Sociais*. Tradução de Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 304 p.

BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases (LDB)*. Estabelece as Diretrizes e bases da Educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12 jul. 2019.

BRASPOL – Representação Central da comunidade Brasileiro-Poloneses no Brasil. *Portal virtual*. [2020]. Disponível em: <http://www.braspol.org.br/index2.php>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BRISKIEVICZ, Michele. *Territorialidade e Identidade: a migração dos descendentes de italianos no Município de Francisco Beltrão, Paraná*. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2012. 236 f.

BROCH, Ingrid Kuchenbecker. *Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares*. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. 268 f. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102190>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BYTSENKO, Anastassia. *Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX: visões do paraíso e do inferno*. 2006. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. 134 f.

CALVET, L. Jean. *As Políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 136-139.

CÂMARA, Joaquim Matoso. *Filologia e gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon – Editor, 1968.

CONFORTIN, Helena. Comportamento de falantes bilíngües do Alto Uruguai Gaúcho frente à língua materna (dialeto italiano) e à Língua Portuguesa. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. vol. III. Porto Alegre: EST, 1996. p. 572-592.

CORTE, Greice Moraes Dalla; MORAES Marcelo Lopes. Panorama do Desenvolvimento Econômico e Social dos municípios da Mesorregião Sudoeste do Paraná à da Teoria de Myrdal. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, VIII., 1º e 2 out. 2019, Francisco Beltrão. *Anais [...]*. Francisco Beltrão: CONAPE, 2019. p. 720-739. Disponível em: <http://eventosunioeste.unioeste.br/index.php/conape-viii/apresentacao>. Acesso em: 2 jul. 2019.

COSTA, Luciane Trennephol da; LOREGIAN-PENKAL Loremi. A Coleta de dados do Banco Variação Linguística de Fala Eslava (VARLINFE): peculiaridades e características. *Revista Conexão UEPG*, Ponta Grossa, v. 11, p. 123-248, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao>. Acesso em: 12 jul. 2019.

COUTO, Honório Hildo. Hipótese da Relexificação na Gênese dos Crioulos e Pidgins. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 221-250, jul. 2002.

CUNHA, Antônio Geraldo da. Alguns etnônimos eslavicos (estudo histórico-etimológico). *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 143-157, 1998.

Cunha, Antônio Geraldo da. 1991. "Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa". Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira S/A.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002 A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer I Pierre Bourdieu; prefácio Sergio Miceli. - 2. ed., I' reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, (Clássicos; 4) traduzido por Afrânio Catani e Denice Barbara p.107-116, 2008.

DELONG, Silvia Regina. *Vitalidade linguística e construção de identidades de descendentes de poloneses no Sul do Paraná*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016. 214 f. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6105>. Acesso em: 12 jul. 2019.

DELONG, Silvia Regina; KERSCH, Dorotea Frank. Perfil de descendentes de poloneses residentes no sul do Brasil: a constituição da(s) identidade(s). *Dominios de Lingu@gem*, [s.l.], v. 8, n. 3, p. 65-85, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/26418/15193>. Acesso em: 28 jun. 2018.

DÍAZ, Norma. Und in welcher Sprache träumst du? Da kür ik ma português (Apuntes sobre un caso de contacto lingüístico en el Sur de Brasil). In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (orgs.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: akten des symposiums zur empirischen dialektologie*. (Heidelberg/Mainz, 21-24 out. 1991.) Kiel, Westensee-Verl., 1996. p. 277-306.

DÜCK, Siemens Elvine. *Vitalidade Linguística do Plautdietsch em contato com variedades stardard faladas em Comunidades Menonitas no Brasil*. 2011. Tese (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. 335 f.

ECKERT Cornelia; ROCHA Carvalho Ana Luiza da. *Etnografia: saberes e práticas*. Artigo publicado no Livro organizado por Céli Regina Jardim Pinto, César Augusto Barcellos Guazzelli. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301/5371>. Acesso em: 28 jun. 2018.

ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS POLONESES, I., 30 nov. a 4 dez. 2019, 10 anos de Letras-Polonês na UFPR: experiências e desafios, Universidade Federal do Paraná, Curitiba: Editora da UFPR, DEPAC, 2019. Disponível em: <https://www.polonesufpr10anos.com.br/apresentacao>. Acesso em: 21 fev. 2020.

ESCREVER. In: GLOSBE. *Escrever em Polonês – Definições*. [2019]. Disponível em: <https://pt.glosbe.com/pt/pl/escrever>. Acesso em: 12 ago. 2019.

EXTRA, Guus; BARNI, Monica. Mapping linguistic diversity in multicultural contexts: cross-national and cross-linguistic perspectives. Thueringer Universitaets und Landesbibliothek Jena. In: FISHMAN, Joshua Aaron; GARCIA, Ofelia (ed.). *Handbook of Language and Ethnic Identity*. Second edition, vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 107-122.

FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung – Probleme, Vorgang und Wortbestand*. Berlin: Schmidt, 1959. 230 p.

FERGUSON, Charles Albert. Diglossia. Tradução de Maria da Glória Ribeiro da Silva. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (org.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974. p. 99-118.

FERGUSON, Charles Albert. *Language Structure and language use: esses*, selected and introduced by Anwars S. Dil. Stanford: Stanford University Press, 1971. 327 p.

FERGUSON, Charles Albert. The language factor in national development. *Anthropological Linguistics*, Bloomington, Indiana University, v. 35, n. 1/4, p. 124-129, 1993.

FERREIRA, Alicia Maria Goczyła. A minoria cassúbia na Polônia: sua história, língua e situação sociolinguística. In: SEMANA DE LETRAS – CADERNOS 2015, XXII., Estudos Linguísticos e Licenciatura, 19 a 23 out. 2015, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: Editora da UFPR, 2015. p. 66-77.

FERREIRA, Alicja Maria Goczyła. *A presença da Língua Polonesa na Colônia Dom Pedro II em Campo Largo*. 2019. Tese (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. 217 f.

FICHEIRO:SantaCatarina Municíp Descanso.svg. In: WIKIPÉDIA: the free encyclopedia. [2006]. Disponível em: <https://bit.ly/3l2lOZx>. Acesso em: 15 ago. 2019.

FISHMAN, Joshua Aaron. *Advances in the study of societal multilingualism*. New York: Mouton, 1978. 842 p.

FISHMAN, Joshua Aaron. A sociologia da linguagem. Tradução de Álvaro Cabral. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (org.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974. p. 25-40.

FISHMAN, Joshua Aaron. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues*, [s.l.], v. 23, ed. 2, p. 29-38, 1967.

FISHMAN, Joshua Aaron. Language maintenance, language shift, and reversing language shift. In: BHATIA, Tej; RITCHIE, William C. (ed.). *The handbook o bi/ingua/ism*. Malden. Oxford: Blackwellb, 2006. p. 406-436.

FISHMAN, Joshua Aaron. The relationship between micro- and macro-sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, Janet (ed.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. p. 15-32.

FISHMAN, Joshua Aaron. (ed.). *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. 808 p.

FLAVIO, Luíz Carlos. *Memória(s) e território: elementos para o entendimento da constituição de Francisco Beltrão, Paraná*. 2011. Tese (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação de Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, São Paulo, 2011. 386 f.

GAL, Susan. *Language shift: social determinants of linguistic change in bilingual Austria*. New York; San Francisco; London: Academic Press, 1979. 201 p.

GAL, Susan. Variation and change in patterns of speaking: language shift in Austria. In: SANKOFF, David (ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, 1978. p. 227-238.

GARCEZ, C. Neusa. *Colonização e imigração em Erechim: a saga das famílias polonesas (1900-1950)*. Erechim: Editora da Elbra, 1997. 180 p.

GARDOLINSKI, Edmundo. Imigração e colonização polonesa. In: BECKER, Klaus (org.). *Enciclopédia Rio-grandense*. vol. 5. Canoas: Regional, 1956. p. 1-104.

GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ESTSLB; Caxias do Sul: UCS, 1976. 136 p. [co-editado 1977].

GARIN, Podolano Leonardo. *Imigração Ucraniana em Curitiba*. 2010. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) – Curso de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. 72 f.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Os poloneses no Brasil – Subsídios para o problema da Colonização Polonesa no Brasil – Edição histórica*. Tradução de Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005. [Título original: Wśród Pionierów Polskich na Antypodach: materialy do problemu osadnictwa polskiego w Brazyliai].

GORTER, Durk. *Linguistic Landscape. A New Approach to Multilingualism*. Great Britain: Datapage, 2006. 96 p.

GORTER, Durk; MARTEN, Heiko F.; VAN MENDEL, Luk (eds.). *Minority Languages in the Linguistic Landscape*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012.

GOULART, Maria do Carmo Ramos krieger. *Imigração (A) Polonesa nas Colônias Itajhay e Príncipe Dom Pedro: uma contribuição ao estudo da imigração polonesa no Brasil Meridional*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1984. 85 p.

GRENOBLE, Lenore A.; WHALEY, Lindsay J. (ed.). *Endangered Languages: current issues and future prospects*: Cambridge: University Press, 1998. p. 361.

GUMPERZ, John Joseph. The speech community. In: GIGLIOLI, Pier Paolo (ed.). *Language and social context*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. p. 219-231.

GUMPERZ, John Joseph. Types of linguistic communities. In: ANTHROPOLOGICAL LINGUISTICS. *A retrospective of Journal Anthropological Linguistics: Selected Papers, 1959-1985; Special Issue*. Bloomington: Indiana University, 1993. n. 35, p. 130-142.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974. 349 p.

HAWKINS, W. Eric. *Foreign Language Study and Language Awareness*. University Of York, York, Uk, v. 8, n. 3/4, p. 124-142, 1999.

HEYE, Jürgen. *Sobre o conceito de Diglossia*. Rio de Janeiro: [s.n.], [2019]. p. 68-81.

HYMES, Deel. Models of the interaction of language and social life. In: GUMPERZ, John; HYMES, Deel (eds.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart & Winston. 1972. p. 35-71.

IAROCHINSKI, Ulisses. *Polaco – Identidade Cultural do Brasileiro descendente de imigrantes da Polônia*. Curitiba: [s.n.], 2010. 200 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Brasil: 500 anos de povoamento: estatísticas de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000. 225 p. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico do Brasil*. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cruz Machado: Cidades e Estados*. [2019]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/cruz-machado.html>. Acesso em: 14 nov. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Descanso*. Santa Catarina. [2019]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/descanso/panorama>. Acesso em: 14 nov. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Estudos sobre as Línguas Estrangeiras e a Aborígenes faladas no Brasil*. Rio de Janeiro: Estatística Cultural, 1950. n. 2.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM POLÍTICA LINGUÍSTICA (IPOL). *Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo*. Florianópolis: UNESCO, 2019. Disponível em: <http://ipol.org.br/catedra-unesco-em-politicas-linguisticas-para-o-multilinguismo/>. Acesso em: 3 set. 2020.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM POLÍTICA LINGUÍSTICA (IPOL). *Sobre o Ipol*. [2019]. Disponível em: <http://ipol.org.br/sobre-o-ipol/>. Acesso em: 17 set. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Guia de Pesquisa e Documentação para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL): Patrimônio Cultural e Diversidade Linguística*. vol. I. Brasília, DF: Iphan, 2016a.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Guia de Pesquisa e Documentação para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL): Formulário e Roteiro de Pesquisa*. vol. II. Brasília, DF: Iphan, 2016b.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *O Iphan*. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>. Acesso em: 19 set. 2020.

KAUFMANN, Göz. Language maintenance and reversing language shift. In: KAUFMANN, Göz. *Varietätendynamik in Sprachkontaktsituationen: attitüden und sprachverhalten rußlanddeutscher Mennoniten in Mexiko und den USA*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997. 380 p.

KLOSS, Heinz. *German-American Language Maintenance Efforts*. [S.l.: s.n.], 1996. p. 206-255.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC; Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

KRAUSS, Michael. *Language Diversity Endangered*. Edited by Matthias Brenzinger. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2007. p. 1-6.

KULCZYNSKYJ, Wolodymyr. Bilingüismo e os falantes de línguas eslavas no Brasil. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E BILINGÜISMO NA REGIÃO SUL, IV., Porto Alegre. *Anais* [...]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1986. p. 100-104.

LAGARES, Xoán Carlos. *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018. 256 p.

MACIEL, Myrna Estella Mendes. *Línguas de imigrantes: a língua polonesa na Região Sul do Brasil*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. 98 f.

MACKEY, Fleming William. The description of Bilingualism. *Canadian Journal of Linguistics* – *Revue Canadienne de Linguistique*, [s.l.], v. 7, p. 51-85, 1962.

MARTINS, Alessandra Avila. *A representação da Identidade Polaca no Norte Gaúcho*. [2019]. p. 3.212-3.219. Disponível em: <https://bit.ly/3lZZilz>. Acesso em: 13 jul. 2019.

MARTINS, Claudia Regina Kawka. *A presença eslava de Arapongas*. Curitiba: Pr. Vicentina, 2008.

MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

MAZUREK, Jerzy; OLIVEIRA, Márcio de; WENCZENOWIC, Thaís Janaína. *Polacy pod Krzyżem*. Os poloneses sob o Cruzeiro do Sul. Warszawa, Varsóvia: Biblioteka IBERCRYSKA, 2009. 117 p.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso. Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

MONTEAGUDO, Henrique; LAGARES, Xoán Carlos. Norma e autoridade linguística no galego e no português brasileiro. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 12, jul./dez. 2017.

MORELLO, Rosângela. Uma política pública e participativa para as línguas brasileiras: sobre a regulamentação e a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). *Gragoatá* (UFF), v. 32, p. 31-42, 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistagragoata/ojs/index.php/gragoata/article/view/114/90>> acesso em: 22 març. 2021.

MORELLO, Rosângela; SEIFFERT, Ana Paula. Censo Linguístico de Antônio Carlos, SC: metodologia, resultados e implicações para as Políticas Linguísticas. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS, VIII., 19 a 21 set. 2017, Florianópolis. *Atas [...]*. Florianópolis: UFSC, AUGM, Núcleo Educação para a Integração, 2017. 292 p.

MORELLO, Rosângela, Censos nacionais e perspectivas políticas para as línguas brasileiras. *Revista Brasileira de Estudo de População*, Rio de Janeiro, p. 1-9, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbepop/2016nahead/0102-3098-rbepop-2016a0041.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2019.

MORELLO, Rosângela. Multilinguismo e Direitos Linguísticos no Brasil. Live Instagram: Brasil. (19:00 h). Coordenação Dayane Cortez. 2020.

MUNICÍPIO DE DESCANSO. *Descanso-Santa Catarina*. Santa Catarina, 30 mar. 2015. Disponível em: <https://www.descanso.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/56676>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MUYSKEN, Pieter. Scenarios for language contact. In: RAYMOND, Hickey (ed). *The handbook of language contact*. Oxford: Wiley-Blackwell. 2013. p. 256-281.

NADALIN, Eduardo. *Aktionsart e aspecto verbal: uma análise dessa distinção no Polonês*. 2005. Tese (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005. 143 f.

NICOLAÍDES, Cristine *et al.* (org.). *Políticas e Políticas Linguísticas*. Campinas: [s.n.], 2013. p. 92-116.

OLIVEIRA, Aline de Tortora. *Nono vem aqui que tem gente: cultura e identidade na Comunidade Pio X- Km 20, Francisco Beltrão, Paraná*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Unioeste-Campus de Francisco Beltrão, Curitiba, 2018. 223 f.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de; RODRIGUES, Luana Ferreira (org.). In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS, VIII., 19 a 21 set. 2017, Florianópolis. *Atas [...]*. Florianópolis: Editora da UFSC e AUGM Associação de Universidades Grupo Montevideu – Núcleo Educação para a Integração, 2017. 292 p.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Os Censos Linguísticos e as Políticas para as Línguas no Brasil Meridional. In: MORELLO, Rosângela; MARTINS, Marci Fileti (org.). *Contextos Plurilíngues: desafios e perspectivas para a escola*. Florianópolis: Garapuvu, 2016. p. 229-239.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de (org.). *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*. Florianópolis: Mercado das Letras, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU)/(UNESCO). Para a Educação a Ciência e a Cultura. Document. In: CONFERENCE INTERNATIONAL EXPERT MEETING ON THE UNESCO PROGRAMME SAFEGUARDING OF ENDANGERED LANGUAGES.

Language Vitality and Endangerment. 10 to 12 March 2003, Paris. *Anais [...]*. Paris: ONU, 2003. p. 1-27.

ORO, Eliseu. *Historia de Descanso-SC*. Florianópolis: Grafisel, 1986. 143 p.

PAYER, Onice Maria. *Memória da Língua: imigração e nacionalidade*. São Paulo: Escuta, 2006. 240 p.

PERTILE, Marley Terezinha. *O Talian entre o Italiano-Padrão e o Português brasileiro: manutenção e substituição linguística*. Alto Uruguai Gaúcho. 2009. Tese (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. 248 f.

POLANCZYK, Antonio José. *O imigrante polonês e a Colônia Guarany*. Porto Alegre: Renascença; Edigal, 2010. 360 p.

PONSO Cao Letícia. “*As línguas não ocupam espaço dentro de nós*”: práticas, atitudes e Identidades linguísticas entre jovens moçambicanos plurilíngues. Tese de Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Letras na língua de Pesquisa de Teoria e Análise linguística, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.315f.

PREFEITURA Municipal de Cruz Machado. *Histórico*. Cruz Machado, PR. [2019]. Disponível em: <http://pmcm.pr.gov.br/historico/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística românica: un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

RENK, Valquiria Elita. *Aprendi falar Português na escola! O Processo de Nacionalização das Escolas Étnicas Polonesas e Ucrânicas no Paraná*. 2009. Tese (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha de Pesquisa de História e Historiografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. 243 f.

RHOBODES, Dagna Zinkhahn. Polonês e alemão em contato: uma abordagem da aplicação do conceito de limite na análise linguística. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 42, p. 107-130, jan./abr. 2017.

ROMAINE, Suzane. Contact and language death. In: HICKEY, Raymond (ed.). *The Handbook of language contact*. Oxford: Wiley- Blackwell, 2013. p. 320-339.

SANTA CATARINA. *Portal virtual*. 2019. Disponível em: <http://turismo.sc.gov.br/>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SCHNEIDER R. Cláides. *Comida, história e cultura nas festas gastronômicas de Francisco Beltrão, Paraná (1996-2010)*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2012. 276 f.

SCHOLTZ, A. Jesus. *Identidade linguística: descendentes de poloneses e ucranianos em contato com o Português em Virmond e Candói, no Paraná*. 2014. Dissertação (Mestrado em

Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguístico, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó. 2014. 141 f.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM). [2020]. Disponível em: <http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=345>. Acesso em: 14 nov. 2020.

SEIFFERT, Ana Paula. *Línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul (SC): estratégias para revitalização e manutenção das línguas na localidade*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. 214 f. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92754>.

SEIFFERT, Ana Paula. *Censo, diagnóstico, inventário e observatório linguísticos: aspectos metodológicos e papel político-linguístico*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. 199 f. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194046>.

SEMECHECHEM, Jakeline Aparecida. *O multilinguismo na escola: Práticas Linguísticas em uma Comunidade de Imigração Ucraniana no Paraná*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016. 272 f.

THUN, Harald. La Geolingüística como Lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 21., CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, XXI., 1995, Palermo. Organizado por Giovanni Ruffino. *Anais [...]*. vol. 5. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Parte cartográfica. Tomo I: consonantismo y vocalismo del Portugués. Fasc. A. 1. Laterales e Palatales. Kiel: Westensee-Verl, 2000.

ULRICH, Ammon *et al.* *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2. ed. Alemán: De Gruyter Mouton, 2006.

VERKUYL, Henk. J. *Aspectual Issues: studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications. 1999. 266 p.

WACHOWICZ, R. *Christovam, 1939 Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba: Lítero Técnica, 1985. 313 p.

WENDLING, L. Maria Martins. O imigrante polonês no Rio Grande do Sul. *Revista Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, n. 17, p. 163, 1971.

WEPIK, F. Fátima. *Crenças e atitudes Linguísticas de Polono-Brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC: o uso dos termos de parentesco*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos

Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó. 2017. 144 f.

ZDZISŁAW Malczewski SChr. *Slady Polskie w Brazylii: marcas da presença Polonesa no Brasil* Warszawa, 2008. Disponível em: <https://www.iberystyka.uw.edu.pl/>. Acesso em: 26 jul. 2019.

APÊNDICE 01 – QUESTIONÁRIO PARA O “DIAGNÓSTICO
SOCIOINSTITUCIONAL”

(Aplicação conforme os diferentes domínios de uso da língua)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Programa de Pós-Graduação em Letras
Linha de Pesquisa: Sociolinguística

Título da Tese:

A vitalidade do polonês em contato com o português no Sul do Brasil

Doutoranda: Myrna Mendes Iachinski Maciel

Orientador: Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen

Questionário “Diagnóstico socioinstitucional”

DATA DA ENTREVISTA: ___/___/_____

LOCALIDADE DA PESQUISA: _____

Nº QUESTIONÁRIO _____

NOME PESQUISADOR: _____

TERRITORIALIDADE DO POLONÊS

OBS.: Em cada um dos domínios a seguir, com a ajuda de pessoa de contato conhecedora do contexto, reunir os seguintes dados, a serem registrados no questionário impresso (sem gravação) – mediante consentimento do responsável no local:

1) ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA - Prefeitura Municipal

a) Primeiros 10 indivíduos: fala outra língua, além do português?

Qual/quantos? () polonês, quantos? _____

() ucraniano, quantos? _____

() alemão, quantos? _____

() italiano, quantos? _____

() outra, qual? _____ quantos? _____

- b) Prefeito () sim - qual/quais? _____ () não.
- c) Vice-prefeito () sim - qual/quais? _____ () não.
- d) Número de Vereadores: ____ () sim, quantos? ____ () não, quantos? ____
 Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____

2) SAÚDE - Hospital

- a) Primeiros 10 indivíduos: fala outra língua, além do português?
 Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____
- b) Médicos (amostra, nº ____): () sim, qual? _____ quantos? ____ () não
- c) Enfermeiros (amostra, nº ____): () sim, qual? _____ quantos? ____ () não

3 SINDICATO

- a) Primeiros 10 indivíduos: fala outra língua, além do português?
 Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____
- b) Presidente do sindicato () sim - qual/quais? _____ () não
- c) Secretária(o) () sim - qual/quais? _____ () não
- d) Outros funcionários () sim - qual/quais? _____ () não

4 ASSOCIAÇÕES/CASAS DE CULTURA

a) Primeiros 10 indivíduos: fala outra língua, além do português?

- Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____

b) Presidente da associação () sim - qual/quais? _____ () não

c) Secretária(o) () sim - qual/quais? _____ () não

d) Demais membros da Diretoria: ____ () sim, quantos? ____ () não, quantos? ____

- Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____

5 COMÉRCIO - LOJAS E RESTAURANTES

a) Primeiros 10 indivíduos: fala outra língua, além do português?

- Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____

b) Gerente/proprietário () sim - qual/quais? _____ () não

c) Funcionários: ____ () sim, quantos? ____ () não, quantos? ____

- Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____

6 IGREJA

- a) Primeiros 10 indivíduos (ao final da missa/culto): fala outra língua, além do português?
 Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____
- b) Padre/Pastor () sim - qual/quais? _____ () não
- c) Diácono: _____ () sim, quantos? _____ () não, quantos? _____
- d) Alguém ainda reza em polonês? (), sim, quantos responderam? _____
 () não, quantos responderam? _____
- e) Alguém ainda canta em polonês? (), sim, quantos responderam? _____
 () não, quantos responderam? _____
- f) Alguém ainda lê a bíblia em polonês? (), sim, quantos responderam? _____
 () não, quantos responderam? _____

7 FAMÍLIA

- a) Nº de famílias (amostragem): _____ fala outra língua, além do português?
 Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____
- b) Pai: () sim - qual/quais? _____ () não
- c) Mãe: () sim, quantos? _____ () não, quantos? _____
- d) Filhos: () sim, quantos? _____ () não, quantos? _____

Observações? _____

- e) Alguém ainda reza em polonês? () sim, quantos responderam? _____
 () não, quantos responderam? _____
- f) Alguém ainda canta em polonês? () sim, quantos responderam? _____
 () não, quantos responderam? _____
- g) Alguém ainda lê a bíblia em polonês? () sim, quantos responderam? _____
 () não, quantos responderam? _____

8 ESCOLA

8.1 ESCOLA RURAL - ENSINO FUNDAMENTAL I E II

- a) Nº de professores (amostragem): _____ fala outra língua, além do português?
 Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____
- b) Diretor () sim - qual/quais? _____ () não
- c) Funcionários: _____ () sim, quantos? _____ () não, quantos? _____
 Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____
- d) Alunos (amostragem turma iniciante e final): () sim, quantos? _____
 () não, quantos? _____
 Qual/quantos? () polonês, quantos? _____
 () ucraniano, quantos? _____
 () alemão, quantos? _____
 () italiano, quantos? _____
 () outra, qual? _____ quantos? _____

8.2 ESCOLA URBANA - ENSINO FUNDAMENTAL I e II e ENSINO MÉDIO

a) Nº de professores (amostragem): _____ fala outra língua, além do português?

Qual/quantos? () polonês, quantos? _____

() ucraniano, quantos? _____

() alemão, quantos? _____

() italiano, quantos? _____

() outra, qual? _____ quantos? _____

b) Diretor () sim - qual/quais? _____ () não

c) Funcionários: _____ () sim, quantos? _____ () não, quantos? _____

Qual/quantos? () polonês, quantos? _____

() ucraniano, quantos? _____

() alemão, quantos? _____

() italiano, quantos? _____

() outra, qual? _____ quantos? _____

d) Alunos (amostragem turma iniciante e final): () sim, quantos? _____

() não, quantos? _____

Qual/quantos? () polonês, quantos? _____

() ucraniano, quantos? _____

() alemão, quantos? _____

() italiano, quantos? _____

() outra, qual? _____ quantos? _____

9 MÍDIAS: A LÍNGUA NA RÁDIO

a) Programas de rádio em outra língua, além do português?

Qual/quantos? () polonês, quantos? _____

() ucraniano, quantos? _____

() alemão, quantos? _____

() italiano, quantos? _____

() outra, qual? _____ quantos? _____

b) Emissora? _____

c) Horário/frequência? _____

APÊNDICE 02 – QUESTIONÁRIO ESPECÍFICO PARA AS FUNÇÕES INTERNAS E EXTERNAS DE USO DAS LÍNGUAS

(Aplicação por escrito no domínio da escola, a alunos do Ensino Fundamental Séries Finais, Ensino Fundamental II e Ensino Médio)

a) USOS DA LÍNGUA (funções internas)

Marque com um X (mais de um opção/língua possível)

Em que língua...	Polonês		Outras línguas	Português	
	Muito/ bastante	Pouco/ às vezes		Pouco/ às vezes	Muito/ bastante
Reza					
Cumprimenta os vizinhos					
Conhece algum xingamento					
Sabe contar piadas?					
Conhece os números?					
Sabe cantar alguma música?					
Usa as redes sociais?					
Escreve cartas/bilhetes?					

b) USOS DA LÍNGUA (funções externas): tipo de interlocutor e situação
Marque com um X (mais de um opção/língua possível)

Que língua fala/ falou...	Polonês		Outras línguas	Português	
	Muito/ bastante	Pouco/às vezes		Pouco/ às vezes	Muito/ bastante
Avós?					
Em casa com os pais?					
Parentes?					
Com vizinhos?					
Irmãos?					
Amigos?					
No recreio/ intervalo?					
Na aula?					
Com o professor fora da escola?					
Com o padre/pastor?					
Na internet?					
No celular?					

ANEXO 01 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Programa de Pós-graduação em Letras / IL
Sociolinguística



Projeto de Tese: “A VITALIDADE LINGUÍSTICA DO POLONÊS EM
CONTATO COM O PORTUGUÊS NO SUL DO BRASIL”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

A presente pesquisa tem como objetivo a produção de conhecimento sobre a vitalidade do polonês utilizadas em comunidades de imigração polonesa em Descanso - SC e Cruz Machado - PR com vistas a registrar, entender e divulgar os processos que englobam a presença desta língua minoritária. Esperamos contar com a sua valiosa participação.

Cada entrevista será gravada em áudio e/ou vídeo. Estes registros audiovisuais serão transcritos para análise posterior da fala.

De modo a nos anteciparmos ao risco da identificação de sua identidade, os participantes serão identificados nas transcrições e relatos de pesquisa apenas por códigos.

Não há benefício direto para você ao participar deste estudo, mas as descobertas poderão servir como fonte de consulta para estudiosos da língua polonesa e dos contatos linguísticos e no fomento ao multilinguismo. Os resultados da pesquisa serão divulgados à comunidade acadêmica e à comunidade em geral por meio de publicações, apresentações em eventos acadêmicos, oficinas, entre outras formas. Sua participação é essencial para a realização do trabalho de pesquisa, mas você tem a liberdade para se recusar a participar ou para retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízos.

Em caso de dúvida ou necessidade de esclarecimentos sobre o estudo, ou se acreditar que algum prejuízo pode ser causado por sua participação no estudo, por favor, entre em contato:

Orientador da Pesquisa/UFRGS: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Prédio Administrativo do Instituto de Letras – Sala 227 – Campus do Vale
Av. Bento Gonçalves, 9500 – 91501-000 – Porto Alegre, RS; Telefone: (51) 3308-6790

Em caso de dúvida relacionada a seus direitos e participação nesta pesquisa, por favor, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS):

Comitê de Ética em Pesquisa/UFRGS
Prédio da Reitoria – 2º andar – Campus Central
Av. Paulo Gama, 110 – 90040-060 – Porto Alegre, RS
Telefone: (51) 3308-3738 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br³¹

Porto Alegre, 18 de outubro de 2019.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (Orientador)
(PPG-LETRAS/UFRGS, CNPq)
E-mail: cvalten@ufrgs.br

Myrna Estella Iachinski Mendes (Doutoranda)
(PPG-LETRAS/UFRGS, CNPq)
E-mail: myrnaiachinski@gmail.com

Informante **Livre para assinar, seguindo a Resolução 510/2016.

³¹ Este termo foi entregue e assinado por todos os participantes da pesquisa. Infelizmente, em razão dos prazos e contratemos, não se conseguiu fazer o devido encaminhamento ao Comitê de Ética, embora se tenha buscado seguir todas as exigências e recomendações previstas.